



**Sónia Emanuela da  
Silva Baptista**

**Sistemas flexíveis: da ideia à realização de novos  
cenários habitáveis**



**Sónia Emanuela da  
Silva Baptista**

**Sistemas flexíveis: da ideia à realização de novos  
cenários habitáveis**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design, realizada sob a orientação científica do Doutor Rui Miguel Ferreira Roda, Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e sob a co-orientação da Mestre Cláudia Regina de Silva G.de Melo Albino, Assistente Convidada do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

À família, por tudo, por absolutamente tudo.

## **o júri**

### **presidente**

Prof. Doutora Maria Helena Braga Barbosa (presidente)

Professora auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Ermanno Aparo (Arguente)

Professor adjunto na Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Prof. Doutor Rui Miguel Ferreira Roda (Orientador)

Professor auxiliar convidado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Prof. Mestre Cláudia Regina de Silva G. de Melo Albino (Co-orientadora)

Assistente convidada do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro



## **agradecimentos**

A dissertação que apresento à Universidade de Aveiro espelha o percurso dos que se cruzaram comigo e nele deixaram também as suas sabedorias.

Antes de mais, agradeço ao Professor Rui Roda, pela disponibilidade com que aceitou orientar este estudo, pela forma sincera, rigorosa e crítica como o acompanhou, pelo modo como conseguiu incentivar pelas suas sábias palavras ao longo do trabalho.

Agradeço à Mestre Cláudia Albino pela disponibilidade e orientação na parte da investigação do trabalho.

Agradeço a todos que me apoiaram cientificamente em momentos tão decisivos e que tornaram possível a concretização deste *cenário*.

Um agradecimento especial à minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos. Pela amizade, pelo apoio e pela confiança que sempre manifestaram. Também por tudo o que me ensinaram, sendo exemplos de vida com quem aprendo todos os dias.

Por fim, aos amigos, pela dedicação, paciência, compreensão e por acreditar que é possível sonhar todos os dias.

A todos um bem-haja!

## palavras-chave

Regeneração urbana, território, habitação, microempreendedorismo, re-uso, sistema, flexibilidade

## resumo

Neste estudo, ambiciona-se propor uma estratégia de investigação em design, tendo como ponto de partida uma discussão de ideias no contexto das cidades contemporâneas, associada a uma patologia patente; os não-lugares. O estudo do objecto, permite entender a complexidade e o seu potencial para a construção de lugares, experiências ou espaços flexíveis.

Deste modo, no decorrer da investigação em torno da problemática e a forma como contribuiu para uma desfragmentação territorial e social, esta análise pretende analisar e perspectivar, cenários flexíveis que reflectem uma crescente tomada de consciência e mobilização aos novos estilos urbanos.

Neste sentido, aponta-se como cenário de projecto, novos entendimentos de sistemas adaptáveis num primeiro momento e avança-se, para a abordagem sistémica nos domínios da análise em design.

Na perspectiva da intervenção sob a regeneração urbana, apresenta-se o estudo de caso, que consiste na elaboração de potenciais cenários de habitação sob a óptica da cidade de Aveiro, culminando como etapa *metaprojectual*, onde o design assume um papel indispensável nas respostas, tanto de forma original nos centros históricos abandonados ou mesmo nos subúrbios congestionados.

**keywords**

Urban regeneration, planning, housing, microentrepreneurship, re-use, system flexibility

**abstract**

This study aims to propose a design research strategy, having as a starting point a discussion of ideas in the context of contemporary cities, associated to a patent pathology; the non-places. The study of the subject allows understanding the complexity and its potential for the construction of places, experiences or flexible spaces.

Thus, through the research on the problem, a way it contributed to a territorial and social defragmentation is determined. This paper intends to analyse and forecast flexible scenarios that reflect an increasing consciousness and mobilization to new urban styles.

In this sense, new understandings of adaptable systems in a first moment are pointed out as one scenario and a systemic approach for design research domains is derived.

A case study with the perspective of intervention in urban regeneration is presented. It contains the elaboration of potential housing scenarios from the perspective of the city of Aveiro, concluding with a *metaprojectual* stage, where design, answers the most important questions, either in the abandoned historical centres in the original form or even in the congested suburbs.

## Índice

Agradecimentos	
Resumo/Abstract	
Palavras-Chave	
Índice	1
Índice de figuras	3
Índice de esquemas	4
Índice de gráficos	4
Índice de quadros	4
<b>Parte I - Introdução</b>	<b>7</b>
Delimitação do tema	8
Objectivos do trabalho	9
Relevância do estudo	10
Metodologia aplicada	10
<b>Parte II - Enquadramento teórico</b>	<b>13</b>
<b>2. As novas abordagens de uso nas cidades contemporâneas</b>	<b>13</b>
2.1 As cidades do século XXI – paradigmas emergentes:	13
2.2 A pós-modernidade e a globalização nas cidades	16
2.3 O uso das cidades – a necessidade da flexibilidade	19
2.4 Habitar na contemporaneidade	24
<b>3. O abandono nos territórios: a cidade de Aveiro</b>	<b>28</b>
3.1 O contexto actual – visões interdisciplinares	28
3.2 A crise do mercado imobiliário: a incapacidade de resposta	32
3.3 A oportunidade nesta abordagem	37
3.4 A regeneração urbana – que futuro?	41
<b>4. A cidade como novo modelo de habitar e laboral</b>	<b>46</b>
4.1 As cidades e a sociedade do conhecimento	46
4.2 Uma visão multifuncional: interface do modelo habitar e laboral	52
4.3 A economia criativa - microempreendedorismo	56
4.4 O desenvolvimento sustentável – os 3 T's	59
<b>5. Os habitáculos (i) móveis: visões antecipadas na história do design</b>	<b>63</b>
5.1 O Design - a compreensão tipológica	63
5.2 A evolução da flexibilidade: o artefacto habitável	72

<b>6. O <i>product service and system</i> (PSS): a necessidade de criação de uma visão</b>	76
6.1 O conceito de sistema: abordagens evolutivas	77
6.2 O <i>product service and system</i> articulado com a natureza da tese	79
6.3 O habitáculo como sistema produto	85
 <b>Considerações Intermédias</b>	 91
 <b>Parte III - Proposta de intervenção através do Design</b>	 93
1.1 A Avenida Dr.Lourenço Peixinho: base para a construção de um cenário	93
1.2 Construção da problemática - a habitação universitária	96
1.3 Cenário de Projecto - <i>Systemyourself</i>	107
 <b>Parte IV - Considerações Finais</b>	 117
Limitações de Estudo	121
Perspectivas para futuros âmbitos de aplicação	121
 <b>Referências Bibliográficas</b>	 123
<b>Anexos</b>	127

## Índice de figuras

<b>Fig.1</b> - Basic House de Martín Ruis de Azúa	23
<b>Fig.2</b> - Imóveis em devoluto na Avenida Dr. Lourenço Peixinho	34
<b>Fig.3 e 4</b> - Movimento Cidades pela Retoma	35
<b>Fig.5</b> - Associação Amigos da Avenida	35
<b>Fig.6, 7, 8, 9</b> - Mobiliário para espaços de trabalho e lazer	39
<b>Fig.10</b> - Concurso Ideias de Origem Portuguesa	40
<b>Fig.11</b> -Concurso “Espaços Pop Up”, Capital da Cultura Guimarães 2012	40
<b>Fig.12,13</b> - Loftcoworking, Argentina	45
<b>Fig.14,15</b> - Reconstrução da fábrica Silos, Caldas da Rainha	45
<b>Fig.16,17</b> - Joyn office system 2002,Vitra, Switzerland	54
<b>Fig.18,19</b> - Projecto “Cor: Cria, Ocupa e Recupera”. Desenvolvido pelos alunos do 3º ano de Licenciatura em Design da Universidade de Aveiro	62
<b>Fig.20, 21, 22, 23</b> - Diversas intervenções nos espaços devolutos do bairro Beira-Mar da cidade de Aveiro	62
<b>Fig.24,25</b> - Edifício S. C. Johnson & Son Administration Building, 1937	64
<b>Fig.26, 27, 28</b> - Unité d'habitation de Marseille de Corbusier	65
<b>Fig.29</b> - Frankfurt kitchen, 1926	66
<b>Fig.30</b> - Total Furnishing Unit, 1971	66
<b>Fig.31, 32</b> - Mini-Kitchen, 1964	66
<b>Fig.33</b> - Magazine Archigram n.º 4	67
<b>Fig.34, 35, 36</b> - Projectos Archigram	67
<b>Fig.37, 38</b> - Cápsulas Nagakin, 1972	68
<b>Fig.39, 40</b> - Naked House, 2000	69
<b>Fig.41</b> - Desenhos ilustrativos	69
<b>Fig.42, 43</b> - (M-CH) Micro-compact Home, 2005	70
<b>Fig.44, 45</b> - Spacebox, 2005	70
<b>Fig.46, 47, 48</b> - Doubleside, Matali Crasset	72
<b>Fig.49, 50, 51</b> - Restarted Dress, Fernando Brízio	72
<b>Fig.52, 53, 54, 55</b> - System 2K07, Miguel Rios	72
<b>Fig.56, 57</b> - Spazio abitabili, Bruno Munari com Lorenzo Forges Dovanzati e Piero Ranzani, 1968	74
<b>Fig.58</b> - Orgatec, 2006	76
<b>Fig.59</b> - Alcove sofa highback, 2007	76
<b>Fig.60</b> - The Stitch Room, 2007	76
<b>Fig.61</b> - “Étapes” exhibition at la Villa Noailles, 2008	76

	<b>Fig.62, 63</b> - Rewrite, 2009	76
	<b>Fig.64, 65, 66, 67, 68</b> - Gary's Apartment M-200	88
	<b>Fig.69, 70, 71</b> - Vertical Home, Andrea Branzi, 1994	89
	<b>Fig.72, 73, 74, 75</b> - Lit clos, Bouroullec, 2000	89
	<b>Fig.76, 77</b> - Incubator, Andrea Branzi, 2007	89
	<b>Fig.78, 79, 80, 81, 82</b> - Residências Universitárias da Universidade de Aveiro	97
<b>Índice de esquemas</b>		
	<b>Esq.1</b> - Esquema ilustrativo da relação da problemática, com os objectivos deste estudo, desenvolvido no âmbito da presente investigação	9 12
	<b>Esq.2</b> - Esquema conceptual do estudo	49
	<b>Esq.3</b> - Os três níveis de Informação (estratégico, operacional e tático)	52
	<b>Esq.4</b> - A transformação da cidade dispersa para a cidade compacta	58
	<b>Esq.5</b> - Processos de inovação no pensamento em design	
	<b>Esq.6</b> - Estrutura que compõe o sistema produto/design. Análise sobre o produto em estudo	81
	<b>Esq.7</b> - Esquema sintético das relações do metaprojecto	82
	<b>Esq.8</b> - Mapa ilustrativo da problemática existente na cidade de Aveiro	95
	<b>Esq.9</b> - Relações sintáticas existentes nos espaços	103
	<b>Esq.10</b> - Tipo tipológico dos espaços	103
<b>Índice de gráficos</b>		
	<b>Gráf. 1</b> - O número de entrevistados, a idade e o grau de instrução	99
	<b>Gráf. 2</b> - Percentagem relativa à escolha do espaço habitacional	99
	<b>Gráf. 3</b> - Percentagem relativas às questões colocadas no inquérito	100
	<b>Gráf. 4</b> - Percentagem relativa à urgência de alterar o equipamento	100
	<b>Gráf. 5</b> - Percentagem relativa à importância das características relevantes, face aos espaços habitacionais	101
	<b>Gráf. 6</b> - Percentagem relativa quanto aos desejos dos entrevistados, relativos aos futuros espaços na cidade de Aveiro	102
<b>Índice de quadros</b>		
	<b>Qrd. 1</b> - Perspectiva sistêmica do projecto	82
	<b>Qrd. 2</b> - Quadro explicativo de diversos usos (serviços, comércio, habitação, armazenagem e restauração e empreendimento turístico) na Avenida Dr. Lourenço Peixinho da cidade de Aveiro	89

*“ Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido.”*  
Milton Santos





## Parte I

### Introdução

Na presente dissertação, cruzam-se os primeiros momentos de reflexão e inspiração, dos quais resultou o tema do trabalho aqui presente. Paralelamente, esta deverá dar início à problemática abrangida; a habitação emergente.

O despontar de novos paradigmas e desafios enquanto soluções de sistemas de habitação, tem suscitado a construção de abordagens e metodologias alternativas que procuram ultrapassar a rigidez das formas convencionais. Nesta tese, procura-se analisar o contributo de outros campos de conhecimento que confinam a própria produção da habitação.

Na presente pesquisa, serão abordadas duas questões: a regeneração urbana como oportunidade *metaprojectual*, que pela sua descontinuidade de valores perderam a sua importância na gestão territorial e a inter-relação dos utilizadores enquanto *projectistas* de espaços domésticos. Neste sentido, a investigação destes processos permitiram desenvolver novas sociabilidades no âmbito da análise. O estudo, parte da hipótese de espaços em abandono, enquanto oportunidade de desenvolvimento urbano, adaptando como estudo de caso; Avenida Dr. Lourenço Peixinho da cidade de Aveiro. Neste contexto, a importância do objectivo do presente estudo, não é apenas uma releitura da descrição do abandono residencial nas cidades contemporâneas, mas sim, a exploração de várias linguagens como projectos *interdisciplinares*, abrindo para a discussão a compreensão de espaços flexíveis à emergência dos territórios actuais.

Pela natureza do conteúdo e pela dificuldade, esta investigação extrapola para uma perspectiva mais disciplinar, assumindo o risco de generalização, obrigando a uma leitura mais aprofundada, fora do âmbito da dissertação.

## Delimitação do Tema

Os conceitos da esfera doméstica são assuntos em constante mutação, já que o desenvolvimento urbano dos territórios, ganha força à medida que as dimensões sociais, políticas e económicas revelam-se fundamentais para a construção da habitação. Diante deste quadro, entende-se que a competência que o *Design* estabelece nesta investigação, passa por atitudes de pensamento estratégico. Assim, existe uma linha orientadora que serve de base à discussão, definida pela revitalização das cidades e consequentemente, do conceito de *habitar emergente*, que se apresenta como grande campo de investigação.

Em Portugal, sobre o conceito *regeneração urbana*, não tem sido suficientemente explorado, no sentido de acrescentar valor e promover projectos colectivos visando a interacção entre comunidades, sendo apenas enunciados e realizados projectos que pontualmente promovem visões de interesses. Dentro deste contexto, é necessário olhar e pensar o edifício em devoluto de outra forma, já que o pensamento contemporâneo remete para estratégias com significados e com níveis de preocupação. No entanto, e como consequência desta discussão, o estudo está longe de ser definitivo e não pauta soluções únicas e exclusivas. Ou seja, esta investigação remete para pensamentos e cenários de intervenção que possam ser readaptados à situação actual da habitação. Mas perante a incontornável relação entre a forma urbana e a habitação emergente, conseguirá o *Design* apresentar processos capazes de traduzir a condição humana actual? Pelo menos, acredita-se na habitação como experiência, que continuará a ser um desafio estimulante dentro de diversas áreas de conhecimento, mas sobretudo, por existir necessidade de explorar e apresentar novos modos de pensar a habitação.

Dentro de uma perspectiva actual do design, o estudo remete para projectos de experiências, para um desenvolvimento de cariz social, em que o *designer* tende a ser o mediador de potenciais estratégias, sendo possível teorizar novas formas de pensar e fazer em design. No entanto, ficará em aberto a investigação, pois o objectivo não passa por recriar levantamentos tipológicos de habitação flexível, mas tentar-se-á contribuir com um instrumento de reflexão e crítica, enquanto proposta de leitura.

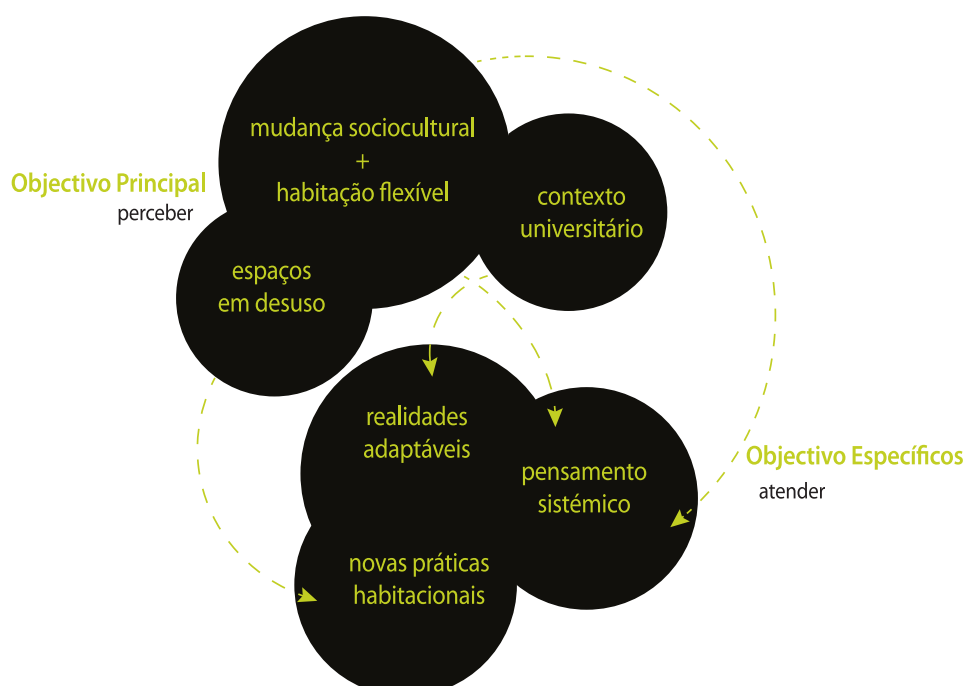
## Objectivos do Trabalho

A discussão sobre a temática da habitação contemporânea sempre foi um desafio. Com a produção desta *Dissertação de Mestrado* surge oportunidade de constituir uma investigação de pesquisa, reflexão e interpretação sobre o tema *Habitar* associado à regeneração urbana, sob uma perspectiva de interesses pessoais. Espera-se, que a mesma contribua para o desenvolvimento de futuras análises neste âmbito, colaborando para o debate da complexidade da vida moderna.

Não apenas centrado num enquadramento histórico, o estudo tem como objectivo compreender, reflectir e propor possíveis cenários de intervenção num contexto socioeconómico actual. Noções como a habitação transitória e sob princípios de espaços flexíveis estão cada vez mais presentes nos projectos desenvolvidos por áreas como o *Design Urbano* e o *Design Estratégico*. Tal facto, é comprovado pelas inúmeras propostas lançadas a nível nacional e internacional tendo como base a habitação flexível, económica e sustentável.

Especificamente, pretende-se compreender a dificuldade actual de respostas à regeneração urbana num mercado repleto de lugares em desuso, cujo propósito presente, é a oferta de tipologias convencionais, que não correspondem a uma realidade economicamente frágil.

Do ponto de vista da investigação, o intuito prático apoia-se na contribuição para uma maior consciência social, que abrange as mais variadas formas de pensar o habitar, os modos de vida e os hábitos da sociedade. Trata-se sobretudo, de uma reflexão sobre as novas práticas, pelo qual é importante verificar outras leituras, abordando questões pertinentes como os processos de alteração dos paradigmas urbanos.



| Esq. 1

Esquema ilustrativo da relação da problemática, com os objectivos deste estudo, desenvolvido no âmbito da presente investigação.  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011

## Relevância do estudo

O presente estudo, pretende promover uma discussão acerca da eminência da regeneração urbana sentida em grande escala nas cidades actuais, em parte devido à globalização das sociedades. Estes lugares assentam hoje, num conjunto de questões pertinentes para a caracterização de outros cenários habitáveis e para a disposição de novas realidades urbanas, originadas por uma crise exponencial no sector imobiliário.

A premência desta temática, leva a que a sua consideração seja analisada no âmbito da área do *Design*, pelo qual pretende-se, que a leitura de conceitos predigam numa aplicação ao nível formal, em que são apresentados possíveis cenários que aspiram contribuir para a estratégia que tem sido enunciada.

No entanto, os caminhos apontados neste trabalho não são certamente os únicos a seguir, nem constituem verdades absolutas, e como tal irrefutáveis. Procurando tirar partido da união de profissionais de diferentes áreas, a oportunidade desta investigação é interpretada por buscas sustentáveis no âmbito da habitação.

Desta forma, o estudo aspira dar forma a novos modelos de desenvolvimento, capazes de auxiliar:

- O pensamento do *Design* sob uma visão estratégica, tendo em conta diversos factores, pelo qual a diversidade de costumes e de hábitos actuais nas sociedades, são tão associados ao habitar emergente;
- Na elaboração de interpretações de intervenção nos espaços abandonados, proporcionando novas experiências aos utilizadores;
- Na criação de um *sistema-produto* que centre as demais actividades na esfera doméstica.

## Metodologia aplicada

A metodologia aplicada nesta dissertação consiste constituir um estudo teórico-prático, já que elabora uma proposta com base numa patologia existente, que visa um possível cenário para a resolução do problema.

A investigação deste trabalho está estruturada em 6 partes. A introdução apresenta os conceitos e a problemática que dá importância ao estudo, prova a opção da temática e dos objectivos gerais e específicos a atingir.

As cidades contemporâneas correspondem ao enquadramento teórico, sustentando toda a investigação realizada. Este é dividido em cinco subca-

pítulos, dos quais fazem parte as abordagens de uso nas cidades actuais e a oportunidade que a regeneração urbana proporciona nos dias de hoje, de modo a entender, o relacionamento do design com as emergências quotidianas. O microempreendedorismo também analisado neste âmbito permite ser interpretado e percebido, de forma a construir estímulos, atendendo breves referências à pertinência e significado da temática.

Posteriormente, as directrizes flexíveis à pesquisa exploratória envolvem procedimentos como pesquisas bibliográficas dos conceitos, além de uma pesquisa de campo (colecta de dados, questionário, levantamento fotográfico) e posterior análise das informações. Em relação ao levantamento teórico, foram analisadas informações mediante a pesquisa bibliográfica em livros, artigos, sites na internet, periódicos referentes aos temas:

- *Uma abordagem ao território*: onde foram pesquisados os conceitos de regeneração urbana, não-lugares, os usos da habitação visando caracterizar artefactos para a prática do design, optando por uma visão semiótica no contexto das cidades contemporâneas.

- *Uma abordagem à sociedade do conhecimento*: introduzindo o estudo da interacção do modelo de habitar e laboral, apoiando em estratégias urbanas, economias informais e desenvolvimentos sustentáveis.

- *Uma abordagem à tipologia do projecto em design*: introduzindo exemplos de projectos ligados à necessidade da flexibilidade na habitação. Neste contexto, optou-se pelos casos-de-estudo como estratégia de investigação. De acordo com Robert Yin, a análise aos casos-de-estudo, permitiu à investigação possíveis variáveis, mudanças, relações, cujos projectos, identificam e em paralelo preservam características fundamentais para a organização da investigação. Segundo Yin, as etapas relevantes para a elaboração no estudo de caso, possibilita preparar, seleccionar e recolher as informações mais pertinentes para a investigação.

- *Uma abordagem sistémica do design*: onde foi pesquisado o conceito de *product service and system*, articulado com a natureza da tese, permitindo explorar conceitos como: *pensamento sistémico*, *design estratégico* e *metaprojecto*. As representações realizadas nesta esfera, facultaram inúmeras visões estratégicas no âmbito projectual, contribuindo para a prática do cenário.

- *Uma abordagem de cenário*: onde foi estruturado um estudo-piloto junto do território de Aveiro, especificamente a Avenida Dr. Lourenço Peixinho, em

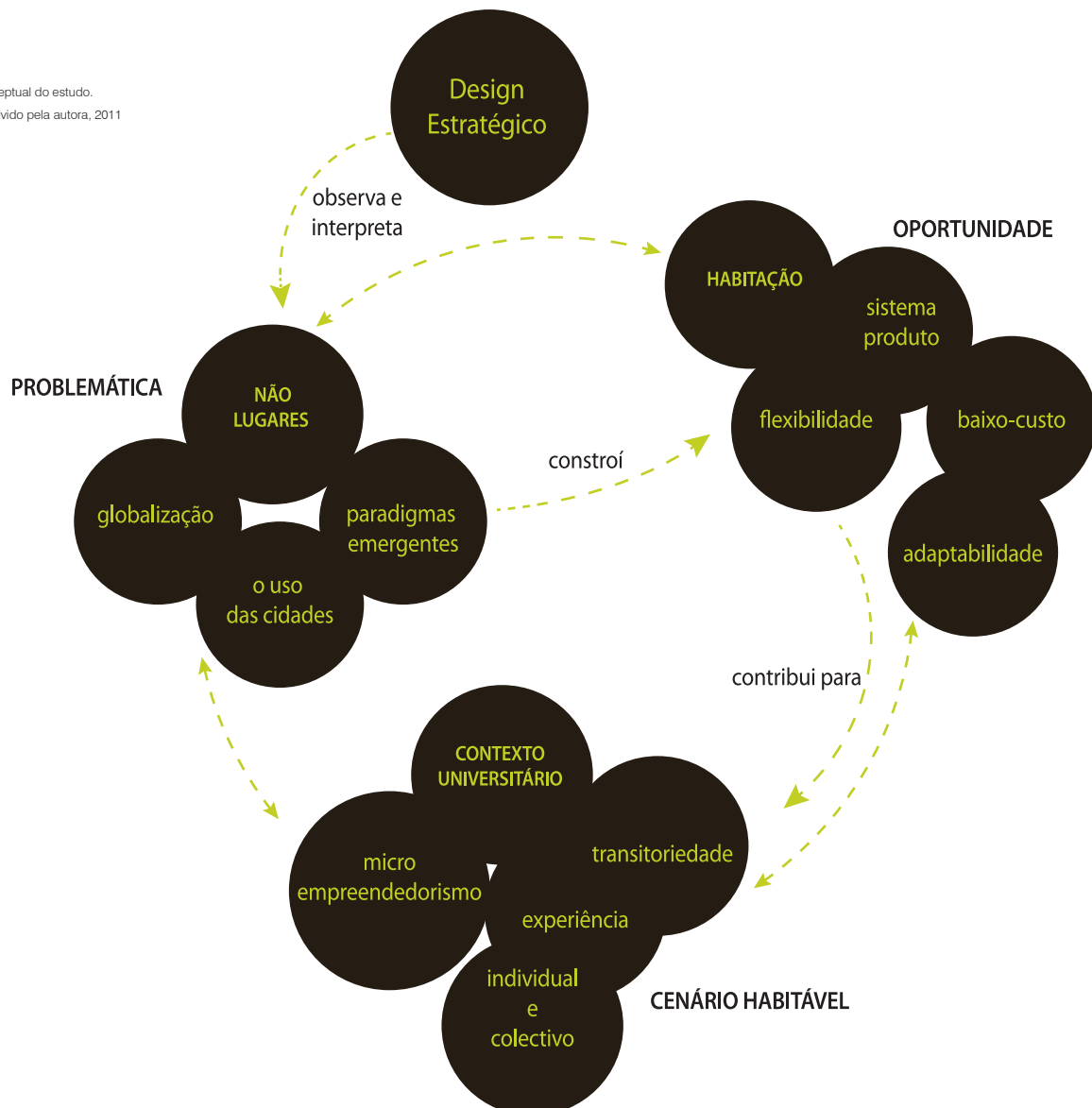
que fez parte do trabalho desenvolvido junto às disciplinas de Projecto I e Projecto II do Mestrado em Design. O cenário desta investigação foi elaborado, de modo a permitir a aplicabilidade dos conceitos explorados, sendo destacados em Projecto I, os pontos frágeis, a serem aperfeiçoados numa fase posterior (Projecto II).

A construção da problemática ao longo do estudo foi desenvolvida e discutida em mapas conceptuais, considerados como auxílio ao pensamento estratégico, pelo qual foram desenvolvidos nas disciplinas Projecto I, Projecto II e Design Estratégia.

Por fim, a investigação é verificada segundo a observação; análise das informações e conclusões, no sentido em validar ou refutar a hipótese de projecto.

| Esq. 2

Esquema conceptual do estudo.  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



## Parte II

### Enquadramento Teórico

## 2. AS NOVAS ABORDAGENS DE USO NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Na actualidade, a complexidade das cidades actuais está presente no processo de construção do conhecimento, enfatizando a correlação entre as diferentes áreas e actividades.

Neste capítulo, ambiciona-se articular duas linhas de reflexão: uma sobre novas abordagens diante de uma globalização emergente e a crise epistemológica dos paradigmas do século XXI. O propósito é explorar possibilidades como ferramenta de trabalho transdisciplinar, mais especificamente a dinâmica sentida nos territórios, que abre para a discussão novas perspectivas para o design contemporâneo. *Paradigma, sustentabilidade, design estratégico, empreendedorismo, flexibilidade, re-uso* são conceitos a serem explorados ao longo do capítulo, fundamentais para o entendimento e análise da investigação.

### 2.1 As cidades do século XXI – paradigmas emergentes:

O planeamento das cidades surgem na necessidade em que as pessoas têm de elaborar em sociedade, do qual estão associadas e dependem de um contexto histórico, mas sobretudo da componente humana enquanto potenciadora de espaços construídos. Segundo vários autores, *Kevin Lynch, Gordon Cullen, Rem Koolhaas e Robert Krier*, defendem que as actividades da cidade ocorrem na esfera pública e privada, sendo um padrão por conseguinte, o modo como o espaço público se manifesta no desenho urbano das cidades contemporâneas.

Desta forma, a cidade é sustentada na morfologia das suas formas constituintes, onde os pormenores da pequena e grande escala das cidades são produzidos pela dinâmica do observado; cidadão, criando imagens mentais da mesma. No entanto, Kevin Lynch, no seu livro “*A imagem da cidade*”, afirma que uma imagem clara da cidade enquanto espaço habitado, é pro-



movido pela acção do indivíduo, como é também determinante para o seu desenvolvimento. O mesmo autor, faz referência à formação da imagem da cidade, que provém da sobreposição de símbolos e signos, como também a função e a componente histórica.

Neste contexto, a percepção do conjunto da cidade com o seu indivíduo será talvez, a característica mais importante da cidade enquanto objecto de estudo. Assim, a cidade é constituída por diversos momentos, numa variação de tempos diversos, não sendo deste modo pertinente a análise geral da evolução da cidade, mas devendo sim, incidir esta análise sobre um dos aspectos emergentes das cidades do século XXI; os *espaços em abandono*.

Desde sempre que a cidade foi estabelecida pela residência, assumindo assim, um papel de grande importância no planeamento da cidade, pois enquanto “*coisa humana por excelência*”, a cidade advém da necessidade “*básica do homem de habitar, de permanecer*”. (Patrão 2000)

Segundo Viollet-le-Duc por Domingos Tavares, a residência é sem dúvida, o melhor que caracteriza os modos, o uso dos habitantes, sendo definida pela distribuição, conotação social, e fundamentalmente pela modificação temporal.

No entanto, as cidades do século XXI são espaços abertos à criatividade, inovação, desenvolvimento e imaginação, e são constantemente espaços diversos, tendo como objectivo promover factores em que as pessoas podem pensar, agir e habitar criativamente. Neste sentido, assiste-se ao reconhecimento da importância da habitação, pelo qual é fundamental para a identidade local, existir lugares centrados no conhecimento e espaços flexíveis potenciados à aprendizagem e à competitividade local.

No seguimento desta ideia, as cidades são a força motora do crescimento económico, onde as redes urbanas permitem desafios constantes para um crescimento regional. São importantes na medida, em que os lugares são pólos de interacção em que as pessoas podem viver e trabalhar, cujas mudanças sejam interpretadas como potenciadoras de uma produtividade saudável.

Dada a importância actual da cidade e do seu futuro, pode-se afirmar que as cidades são áreas urbanizadas que se diferenciam de outras entidades urbanas, através de diversos critérios. Entre outros, incluem-se a densidade populacional, onde está inteiramente ligada a factores migratórios, etários

e laborais, do qual prevê-se que em 2030 mais de metade da população viverá nos centros urbanos, do qual esperança-se um futuro melhor.

As cidades são hoje, ambientes que fomentam e constroem o conhecimento, que resultam de fluxos de informação, provenientes de interacções sociais, onde as capacidades das cidades e regiões dependem sobretudo da qualidade das relações, das trocas de comunicação e das redes produtoras do conhecimento.

O facto de existir diversas terminologias associadas às cidades, como *cidades modelos*, *cidades globais*, *a rede de cidades*, *a megacidade* (Saskia Sassen), surge a perplexidade em que as sociedades se encontram, em não perceber as oportunidades próprias para um desenvolvimento local.

As hesitações actuais das cidades, segundo Daniel Innerarity, advêm da complexidade de sistemas que não correspondem a uma ordem social, precisamente porque não podem dominar ao mesmo tempo e da mesma maneira todas as variáveis que neles intervêm:

*“ A sociedade é complexa pelo aspecto que nos oferece (heterogeneidade, dissensão, caos, desordem, diferença, ambivalência, fragmentação, dispersão), pela sensação que produz (intransigência, incerteza, insegurança), pelo que se pode ou não pode fazer com ela (ingovernabilidade, inacessibilidade). ” (Innerarity 2009)*

A forma de como as nossas cidades estão planeadas, criam distâncias entre o homem e a sociedade, que à partida são de conhecimento da nossa percepção e do nosso comportamento. Ou seja, segundo Anthony Giddens, o desenvolvimento das cidades têm um enorme impacto nas formas do comportamento, como também nos padrões de pensamento e sentimento, o que reúne motivos de razão para o aparecimento de identidades culturais. (Innerarity 2009). No entanto, o facto de existir condições sociais de impossibilidades, *“obriga-nos”* a pensar o modo de exercer a *“crítica”*, para que esta seja culturalmente eficaz nas sociedades:

*“Muitas das coisas que acontecem na sociedade contemporânea podem ser entendidas pela existência de uma espécie de nostalgia da crítica (no âmbito teórico) e da transgressão (no âmbito prático) ”. (Innerarity 2009)*

A forma urbana e a cidade flexibilizam, relacionam-se e convivem num clima de sociedade em rede, porém a cidade ao contrário do espaço urbano, define-se pela relação social, troca e mediação. (Ferrara 2010) Segundo a Carta de Atenas datada em 1933, o espaço foi entendido de acordo espe-

cíficas funções (habitação, trabalho), que chegaram a dividir e hierarquizar a concepção das funções estabelecidas. No entanto, as constituições do espaço, rua, avenida, cruzamentos, zonas são elementos que hierarquizam social e economicamente uma cidade. Deste modo, é possível observar a malha urbana como estímulos de peculiaridades sociais e culturais de uma cidade, definindo a instantaneidade das cidades actuais.

## **2.2 A pós-modernidade e a globalização nas cidades**

*“ Esta cidade também é moderna porque ela é projecto; ela cristaliza a ambição de definir futuro, de o controlar, de ser a concretização espacial de uma sociedade nova; ela é o desenho de um desígnio. De facto, dela nascerão as utopias, que serão as suas formas-limite.” (François Ascher)*

Intrinsecamente, as cidades sempre estiveram correlacionadas com o desenvolvimento de novos paradigmas que surgiram com o “armazenamento” das pessoas, da gestão urbana, dos serviços, dos fluxos, bem como a habitação. Mas, de uma forma ou de outra, todas elas partem do princípio de uma total e irreversível mutação das cidades, advindas do “sistema bip”, que segundo François Ascher, as cidades são ritmadas pelo armazenamento de bens “B”, de informação “I” e de pessoas “P”. Através deste sistema, o crescimento das cidades são pensadas espontaneamente a partir de dinâmicas urbanas, imprimindo novas fases de concepção e evolução urbana.

A busca por uma finalidade segundo o sistema BIP revela um processo de modernização, referente a um deslocamento de tentativas de progresso de usos e significados do espaço e tempo, que marcaram a transição de uma *época fordista* para uma *época cognitiva*, virada para uma economia reflexiva, mais individualizada, que assenta na diversificação de mercados. Tal como a globalização, a modernização ou mesmo metápolis, as sociedades induziram o funcionamento da mudança, do progresso e do projecto. A transformação do sistema urbano, multiplicou as polarizações que deram forma à “individualização”; à “racionalização” e à “diferenciação social”. (Ascher 2010)

*“ Estes três processos alimentam-se reciprocamente e produzem sociedades cada vez mais diferenciadas, formadas por indivíduos que são, ao*

*mesmo tempo, mais parecidos e mais singulares, com as escolhas mais complexas". (Ascher 2010, 25)*

Assim, assiste-se a uma terceira fase que diversos autores qualificam de modernidade "radical", de "sobremodernidade", de "pós-modernidade", que nela verifica-se a expansão da recomposição social das cidades com a individualização, personalização e flexibilização dos recursos adaptados à diversificação dos "territórios metropolitanos". (Ascher, 2010)

Face ao crescimento, será necessário repensar os critérios de organização do território, em que o tempo e o espaço geram um enorme impacto nas práticas políticas, económicas e no equilíbrio da vida social e cultural (Giddens, 1991). Surgem novas modalidades de dinamismo, derivado sobretudo, da separação do tempo e do espaço, de forma a permitir um interesse pelo crescimento espacial acelerado, originando a "ordenação e reordenação reflexiva das relações à luz das contínuas entradas (inputs) de conhecimento afectando as acções de indivíduos e grupos". (Giddens, 1991)

Neste sentido, nas sociedades pós-modernas, existem múltiplas globalizações (Sassen, Saskia), onde a economia e a tecnologia, estão dinamizadas pela integração e extensão à construção do "Mercado Único", que atendem a emergir agentes activos na continuação de estratégias alternativas, tendo que saber "competir num cenário de visibilidade global". (Sassen, Saskia)

O *pós-moderno*, segundo (Masi 2000) é igualmente a cultura da sociedade pós-industrial. Neste cenário, o sistema reconhece na formação de redes de trabalho e de cooperação, a vantagem de identificar elementos base, dos quais são fundamentais para a estruturação a resolução de problemas face aos desafios económicos globais. Estes factores, baseiam-se numa atmosfera embebida pela cultura, pela divisão do poder e pela distribuição do trabalho. A necessidade de assumir uma nova proeminência sob condições flexíveis, permite enfatizar o papel das chamadas "cidades globais", bem como um amplo conjunto de serviços financeiros, comerciais e infra-estruturas. (Sassen, Saskia)

*" Num mundo globalizado, a interdependência é condição inerente à realidade, pelo que, de uma forma paradoxal, o desafio da competitividade, que a globalização e o enfraquecimento do Estado-nação trouxeram às cidades, encontra na cooperação e na agregação de interesses, promovidos pelas geminações, uma possibilidade de resposta alternativa." (Xavier s.d.)*

A diversidade existente nas sociedades, estimula variações de lugar, resultando uma produção de referências do próprio valor, compatível com a ideia de diferenciação como atracção para uma natureza sustentável. Neste sentido, a emergência de alcançar um mercado global, acentua-se na hipótese de escolher individualmente lugares e momentos de estar e fazer as cidades. Na realidade, as cidades são projectos, em que a globalização massifica conjunto de processos económicos, sociais, culturais - entre outros, dirigidos ao individual feito à medida “o one-to-one”, em que o indivíduo desloca-se “*real ou virtualmente em universos sociais distintos que eles articulam em configurações diferentes para cada um.*” (Ascher 2010, 47)

Numa crítica racional e consciente (Santos 2001) apresenta no seu livro quatro factores que contribuem para uma definição de globalização:

*“(...) A unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada”.*

Estes conceitos de globalização, apesar de não identificarem especificações concretas, assumem na sociedade moderna um impacto que abarca na esfera da vida social. A diversificação social permite uma dispersão e simultaneamente uma centralização. Isto é, as tendências globais contribuíram para uma homogeneização da cultura, novos tipos de concentração territorial e uma liberalização de economias, mas no entanto, fizeram aumentar as incertezas.

Nesta perspectiva, as técnicas de informação, asseguram fontes de consciencialização da importância local, sendo alcançada na sua totalidade directa ou indirectamente por cada território (B. d. Santos 2001). Trata-se na verdade, de uma globalização cada vez mais informativa, que integram *performances* mais qualificadas sob diversas formas e técnicas de tecnologias da informação e comunicação (TIC). Esta relação é compreendida pela causa e efeito entre o progresso técnico e as demais condições de implementação no período actual da globalização. Adaptando uma consciência organizacional flexível, a aceleração de mudanças adaptadas ao território, ajudam a responder às sucessivas necessidades das sociedades.

Estamos perante uma sociedade em rede (Castells 2006), em que os bens, serviços, informação, tecnologia permitem de forma distinta, a disseminação por todo o mundo, baseada numa lógica global.

Apesar desta interacção com o global ser uma alavanca para única es-

perança de um desenvolvimento socioeconómico, muitos autores contrapõem-se com base cultural e local. O emergente de uma economia globalizada, reflecte um princípio de desordem, onde a instabilidade é marcada pelo receio de mudanças e pelas perdas de identidades.

Trata-se porém, de uma crise diferente daquelas do passado, onde presentemente, tenta-se aceder e a participar noutros padrões, culturas ou modos de vidas locais. A possibilidade de relacionar várias culturas locais, possibilita liberdade, mobilidade e autonomia de pertencer a um território com base numa identidade própria, onde prevalece o facto de as pessoas escolherem as vias de maior interesse, como o trabalho, a questão da habitabilidade e as trocas sociais.

### 2.3 O uso das cidades – a necessidade da flexibilidade

*“Place is the product of lived space and lived time...”<sup>1</sup> (Günter Nitschke)*

<sup>1</sup>  
"O lugar é o produto do espaço vivido e do tempo vivido."  
Tradução realizada pela autora, 2011

Actualmente, a cidade encontra-se constantemente em movimento, cuja informação permite desencadear fluxos de interacção, de forma a experienciar novas oportunidades nas cidades contemporâneas. Os *espaços de fluxo*, conforme Manuel Castells, decretam escalas globais, segundo a mobilidade e a flexibilidade, que advogam a concepção do espaço urbano numa relação espaço-tempo:

*“ Num mundo global, é a interacção e não a localização que se revela importante. As ligações de cidades podem também funcionar como um espaço de partilha de interesses alternativos a um modelo atomizado de sociedade global”. (Xavier s.d.)*

O desenvolvimento de outras formas de *viajar* a cidade altera modelos tradicionais, tendendo a fragmentar critérios de homogeneidade, face às diversas velocidades e com diversos níveis de relação com o tecido urbano. Segundo Florian Boer, viajar na cidade é habitar temporariamente um lugar, *“um tempo de actividade e de experiência”*. Esta natureza, incide sob o aspecto de mobilidade ou mesmo multimobilidade, pelo qual o uso de sistemas portáteis permitem diversas multiplicidades de movimentar a cidade, sendo o potencial do lugar.

A mobilidade, não é apenas um desafio logístico ou tecnocrática na cidade moderna, mas sim, um factor condicionante no desenvolvimento urbano. O

direito à mobilidade implica em primeiro lugar, a possibilidade de deslocar pelo território e de assumi-lo como elemento indispensável. No entanto, o compromisso de acesso não se limita totalmente à mobilidade, por sua vez os indivíduos procuram a sua própria mobilidade através da informação, dos serviços públicos, e mais globalmente, nas ofertas urbanas. Isto quer dizer, que até poderá existir uma limitação por razões económicas, porém o direito de acesso aos recursos urbanos obriga a introdução de funcionamentos associados a fluxos e a redes de partilha.

Segundo Domenico de Masi, *“o futuro pertence a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho como obrigação ou dever e for capaz de apostar num sistema de actividades, onde o trabalho se confundirá com o tempo livre, com o estudo e com o espaço, enfim, com o “ócio criativo”*. (Masi 2000). Deste modo, as cidades obtêm uma nova diversificação temporal, funcional e espacial, provento da heterogeneidade de lugares multifuncionais, num sentido de *“comunidade com destinos sobrepostos”* (David Held).

Hoje, mais do que nunca, a resposta do *Design* às experiências urbanas devem ser positivas e unificadoras – *“necessitamos de estratégias para lidar adequadamente com peculiaridades, individualidades, excepções, descon-tinuidades, contrastes e singularidades”* (Innerarity 2010, 169), um incentivo para a mudança:

*“A sociedade multicontextual não é uma sociedade sem ordem: é uma sociedade que elabora ordenações que não se deixam reduzir a uma unidade. A constituição policontextual da sociedade moderna, funcional e diferenciada, exclui a possibilidade de que a economia, o direito, a política, a arte, a religião ou a ciência se atribuam uma representação das identidades de que seja indiscutível, sem concorrência.”* (Innerarity, 150)

A flexibilidade envolve assim *“consumir menos e consumir de maneira diferente”* (Cooper 2000), ou cada vez mais atingir *“as experiências da diferença”* (Luhmann), de maneira a viver dualidades do tipo *“próximo/afastado, próprio/impróprio, familiar/estranho, amigo/inimigo”* (Innerarity 2010).

Neste processo, pode sempre existir valores de participação dos utentes na produção habitacional, que podem ser incutidos e redobrados e *“insistentemente incentivados”* (Innerarity 2010). As interpretações, conjunturas que interessa neste estudo, é segundo Herman Hertzberger, imprescindível pela condição *“sine qua non”*, com a existência da reciprocidade entre a forma, o uso e a experiência, quer em diferentes tempos, quer para diferentes in-

divíduos.

Deparamo-nos com um novo capitalismo, rompendo com o passado na construção de uma narrativa linear da vida, procurando novas formas de poder da flexibilização, que paralelamente, apresentam uma reestruturação do tempo, baseado na criação de outros modelos de poder e controlo. Além disso, o poder de criar novas formas de controlo, depara com o acto de correr riscos e incertezas, colocando em prova, o carácter e o desejo das pessoas. Por esta razão, Richard Sennett apela às sociedades, trabalhos que contribuem para a centralização de trabalho em equipa, onde os cidadãos precisam ser polivalentes e adaptáveis às circunstâncias, em que o cenário das relações humanas *“são uma simulação teatral, lugar de um poder sem autoridade.”* (Sennett 1999, 365)

Neste contexto, a flexibilidade do tempo e do espaço requer uma condição nómada, efémera do cidadão. O próprio entendimento sobre a diferenciação actual dos espaços urbanos e dos estilos de vida sugerem que se aproxime o momento de construir utilizações flexíveis e que simultaneamente, proporcionem mudanças de expressão sob individualidade, identidade e realização do indivíduo. Dessa forma, habitar não é reduzida à estabilidade e ao programa, mas sim, uma forma de expressão de *“habitar em movimento”* (Álvaro Domingues). A própria vivência doméstica, multiplica-se nas velhas e novas formas de habitar, pelo qual o território fragmentado e diverso, encontra *“territorializações”* que a própria identidade adapta-se a diferentes modos de apropriação social e individual, que ao mesmo tempo *“aglomeram e dispersam, discriminam e banalizam, afastam e aproximam”*. (Álvaro Domingues)

Mais do que, ou em paralelo com a flexibilidade formal da habitação, os sistemas de relações (materiais e imateriais) organizam-se em padrões móveis e instáveis que convivem entre si, onde o uso dos dispositivos habituais da socialização (trabalho, locais de lazer, família) reconhecem mudanças na reconstrução de novos territórios:

*“Deparamo-nos com dispositivos de aquisição de gosto, de práticas, de crenças, de valores, de signos de referência, etc., que oscilam entre o nivelamento e a homogeneização e a diferenciação extrema. (...) A própria vivência doméstica pode prolongar-se no automóvel (onde se passa cada vez mais tempo e onde se tem à disposição múltiplas formas de relação dentro e fora do habitáculo. (...) Muitos dos equipamentos da casa são*



*agora (também) equipamentos pessoais ou do automóvel; muito do que antes só se podia fazer fora de casa, pode agora ter aí, ou partir daí, lugar, graças à disponibilidade crescente de recursos e tecnologias.” (Domingues 2005)*

Flexibilidade. É esta a característica da sociedade e do quotidiano actual, o que torna o conceito particularmente móvel, sempre predisposto a construir novos lugares, equipamentos domésticos flexíveis e multifuncionais, que caracterizam sobretudo, a velocidade das transformações sociais e das suas representações a nível global.

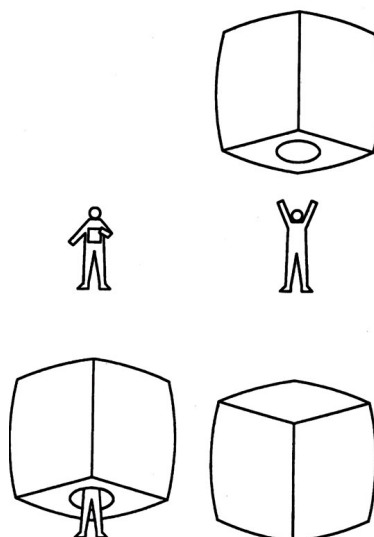
A forma de atingir a mobilidade na condição humana, diz respeito à auto-suficiência do cidadão e às manifestações sociais, culturais e económicas, que por sua vez, determinam propostas de desenhos em transição ou mesmo obras em aberto, cujo sentido móvel sugere de uma atitude de acção em relação ao espaço urbano. Por outro lado, a procura da expressão máxima de mobilidade sob o espaço de interacção, tem traduzido programas cada vez mais complexos, tal como os utentes procuram um desejo crescente de personalização, de modo a garantir as condições mínimas necessárias para um habitar de curta duração. A habitação flexível é matéria, que poderá acompanhar as transformações de um mundo actual, e mais importante que isso é a indagação “*dos sentidos, da intimidade, do trabalho, da convivência, do descanso, da relação com o corpo, do espaço, do mobiliário, das representações, das fronteiras subtis entre o público e o privado, o indivíduo e o grupo, do sentido do doméstico*”. (Perec 2005, 95) Assim, no limite da problemática apresentada, o tipo de espaço flexível poder-se-á transformar no futuro, como algo transitório onde acompanha o utilizador pela itinerante vida de trabalho e relações pouco duradouras, com os espaços das cidades, pessoas e climas.

A habitação, parece caminhar para alternativa de *objectos-quase-sujeitos*, em que nos, é dada micro-possibilidades de fabricar, organizar e alterar a vida do espaço habitado. Ou seja, cada vez mais na sociedade de conhecimento, a própria noção de vida é redefinida tanto no sujeito que habita, como no artefacto a ser habitado. O objecto torna-se referência pelo funcionamento, numa nova cidade de locais e costumes desconhecidos, pelo qual, o conteúdo é investido numa mutabilidade necessária em que é tão natural a alteração da paisagem, dado que a realidade permite espaço para o armazenamento de memórias.

Nesse contexto, um bom exemplo é o projecto: *Basic house* de Martín Ruiz de Azúa (figura 1), um volume habitável de constituição de um produto quase imaterial, que transmite quando se adequa ao meio, frio e calor quando revertidos, tratando-se de uma matéria leve, flutuante, ideal para uma vida em movimento sem vínculos materiais: *"Having everything without having almost anything."*<sup>2</sup> (Martín Ruis de Azúa). Aqui, a própria noção de vida é estabelecida, podendo o ciber-espço existir autonomamente, quer quando se adequa ao habitante quer quando interage com o meio. Tal modelo chama a atenção, para a existência de uma interacção profunda entre a técnica e uma ideologia telemática, que atravessa o próprio habitante progressivamente, regulado por uma extensão dinâmica da interacção do corpo do sujeito. Sobre esta realidade, José Bártolo afirma:

*"No entanto, não nos afastamos aqui do essencial do projecto moderno, a vontade de projectar extensões ao corpo humano que o limitam, definem e objectivam na precisa correspondência do limite e da definição do objecto funcional. Afinal, não nos esqueçamos, o design é a política continuada por outros meios."* (José Bártolo)

Para completar as considerações anteriormente referidas, Paolo Deganello citado por Maria Milano, questiona a realidade do projecto moderno do contentor sensível (casa), propriedade instrumental, que promove identidade, funcionalidade, pertença, personalização, sonho ao espaço habitado: *"(...)uma casa como um vestido é uma casa que fica no corpo de quem a habita sem gerar constricções, irritações e comichão, que tem a cultura de quem a habita antes da cultura de quem a projecta, uma cultura que foi trazida e reencontrada através do encontro com outro."* (Maria Milano, 34)



2  
"Ter tudo sem ter quase nada."  
Tradução realizada pela autora, 2011

| Fig. 1  
"Basic House" de Martín Ruiz de Azúa.  
fonte: <http://www.martinazua.com/eng/lab/basic-house/>

## 2.4 Habitar na contemporaneidade

*“Uma casa, um escritório? É um escritório onde posso dormir e uma casa onde posso trabalhar...ter filhos, criar filhos. Porquê não? Quero dizer: a área, a altíssima densidade, no coração da metrópole, pedestre, segura, cordial, iluminada à noite, tem aquele senso de incubadora onde acontecem as coisas e não é apenas um dormitório.” (Yamamoto)*

Habitar na contemporaneidade ocorre nas últimas décadas, como fonte e ocasião das mais variadas naturezas; económica, histórica, estética, geográfica, tecnológica, política, entre outros. Na Europa, em geral e em particularmente em Portugal, tem assistido transformações na configuração das estruturas domésticas e consequentemente, no domínio das formas de habitar a cidade.

Numa consciencialização de que o modelo tradicional, pragmático de agregado familiar, já não apresenta uma realidade actual, na medida em que não existe um único modelo de habitar na cidade, mas sobretudo vários, podendo-se assim, falar numa diversidade de composições familiares bem como, numa pluralidade de modos ou estilos de vida associados à vivência num espaço.

A nova paisagem urbana segundo Sassen é objectivamente feita de sobreposição de processos sócio-económicos num espaço em constante evolução, concentração, dispersão, de acordo com as exigências e objectivos, que são de forma crescente às sociedades locais que habitam. A constatação da alteração do habitar perante uma nova classe de modernidade, assenta em estruturas de fluxos mediados pela informação e comunicação, o que resulta dificuldades de contextualizar a temática da habitação e qualificar as realidades materiais e imateriais da estrutura doméstica.

Nas cidades do século XXI o habitar torna-se por excelência, lugar de possibilidades ilimitadas, que aportam novas dimensões de significados e escalas de acção.

A visão antropológica de Heidegger dir-nos-á no entanto, que habitar representa mais que um acto simples: significa que o próprio lugar de habitar já não é considerado como uma proximidade que expressa no território, nem um “cenário central da vida.” (Innerarity 2009)

Mais, Heidegger defende que o espaço habitado é a verdadeira material-

zação do espaço social, resultado de territorialidades humanas, que varia entre grupos sociais e culturais. José Bañón aponta ainda, que a definição do espaço habitado é a tradução de plasticidades de naturezas sociais que espelham em espaços físicos, cujo espaço vivido, depende das capacidades de apropriação de cada indivíduo.

Deste ponto de vista, as diferenças na concepção do habitar, torna-se na diversidade da consciência da função deíctica do agir. Ou seja, segundo Jaan Kaplinski, o conceito de habitação e habitar, encontra-se num contexto do lexema estónio “*Kodu*” (casa), desatando um universo de significações, em que os lugares descrevem e recebem “*uma filosofia de vida*” e “*diversos níveis de cultura*”. (Milano, 75)

Ao considerar, segundo Kaplinski, habitar diz respeito a definição de “*inclusão*” e de “*conteúdo*” numa natureza circundante, podendo afirmar que o lugar habitável rege pela individualização de cada um, canalizando a própria afectividade à identidade espacial:

*“O habitar envolve um processo social, uma estratégia de “entrelaçamento”, uma interacção não intencional, não dependente, um afecto que se deixa afectar”.* (Ana Rainha)

Portanto e de acordo com Iñaki Ábalos, habitar terá partido sobre o sentido do “ser” do “ser-ai” (dasein), considerando como construção própria, individualizada nos sentidos, mas potenciada por diferentes culturas, ligadas socialmente. O que dá consistência ao pensamento de Heidegger é através da linguagem da “*casa do ser*”, em que “*seu lugar, o homem habita*” (idem). Logo, habitar “acontece só quando o facto e o lugar se correspondem habitualmente”. (Iñaki Ábalos)

Numa perspectiva complementar, a realidade sob a forma de habitar na actualidade, dita necessário flexibilizar lugares de zonas de contacto, cooperação e partilha, que segundo José Bañón não é possível falar somente do conceito de habitar sem que considerem dois aspectos de delimitação: o hábito e a habitação. O mesmo, defende que o verbo habitar na sua conjuntura actual seja já um conceito vazio e inútil pelo abuso, no entanto o seu significado procede do verbo “*habere*” (latim), que emerge da dialéctica ou da interacção das unidades inscritas nas suas várias funções. Ou seja, habitar assume um papel individual nas esferas públicas, potencializando os hábitos que cumprem às condições espaciais, nas quais eles acontecem. Assim, é igualmente importante perceber de que forma é sentido e pratica-

do o *habitar emergente*, podendo assumir que a cidade “*habita em vários espaços, que vão dos interiores domésticos apropriados individualmente aos espaços da cidade.*” (José Bañón)

Assim, “*parece que só é possível habitar o que se constrói. Este o construir, tem aquele, o habitar, como meta*”. (Bauen, Wohnen, Denken) Aqui, o espaço é entendido como um meio comunicacional, uma linguagem falada através do uso, das zonas de acção e troca, e particularmente da construção de territórios imaginários.

“*Trata-se, finalmente, da instalação de uma tectónica de “acolhimento”, lugar do outro, que permite, em cada situação, a possibilidade do agir e do sentir, da invenção e do assombro, “no ethics of live, not a guide to décor”*”<sup>3</sup>. (Ana Rainha)

Além disso, a produção do espaço na habitação, implica um conjunto de *inputs*, enquanto a sua ocupação fornece um conjunto de *outputs*. Estes *inputs* e *outputs* são concebidos pelo desenvolvimento espontâneo de relações com os lugares, que desencadeiam diferentes referências da esfera doméstica, que se manifestam através de conjunto de sinais e códigos onde circulam variáveis relativas ao interior dos espaços domésticos, baseando-se na manifestação de preferências, exercícios de uso e experiências quotidianas. No entanto, coloca-se a questão: “*Será possível viver sem um lugar? Será possível habitar onde não existem lugares?*” (Massimo Cacciari) O facto de o indivíduo relacionar de uma forma digital e de certo modo transitória, torna-se possível sentir a versatilidade do território neste âmbito, que traça novos contornos em oposições sociais, como: *público/privado; casa/cidade; comunidade/identidade; ordem /caos*. Assim, o significado de habitar emerge de oposições binárias enraizadas, numa concepção de casa como território:

“*Todo o espaço se tornou simbólico, o que possibilita configurações flexíveis que na época em que os espaços estavam sujeitos à pretensão de monopólio exclusivo*”. (Innerarity 2009) Entretanto, sabemos que os espaços “*não se globalizam, porque são mundiais; o que é possível globalizar sem se tornar unívocos, são sociedades, homens e pessoas nos seus lugares urbanos de apropriação.*” (Ferrara 2010)

Não sendo materialmente possível desenvolver uma lógica de olhar sob a habitação, as relações integram formas de atribuição de sentido e de posicionamento social, em que a habitar não é uma mera função residencial, ou

3

"Nenhuma ética de viver, não uma guia para decoração".

Tradução realizada pela autora, 2011

seja, não há um lugar de ordem, mas sim, concepções habitacionais onde o indivíduo partilha sentidos objectivados em contextos diversos.

Segundo Milton Santos, o território hoje é subjugado pela *modernidade incompleta*, que ao longo dos anos se torna intocável pela sua natureza, que permanece numa inconstante pesquisa pelos usos, afirmando a imaterialidade como dado fundamental na fragmentação de novas realidades dos territórios: “*É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objecto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica*”. (Milton Santos, 1994)

Nos últimos tempos, o interesse sob *habitar a cidade*, ganhou novos entendimentos face ao risco de alienação, de perda de sentido e da existência individual e colectiva, onde existe um grande interesse pela activação de novas sinergias, que permitem uma verticalidade no sentido de conhecimento, como o foco para o homem flexível. Nesta linha de pensamento, Milton Santos faz referência a conjunturas de formas horizontais e verticais, ligadas entre si e as novas conexões, especificando as relações sociais consoante as linguagens dos espaços e do funcionamento do território:

*“As horizontalidades serão os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais”.* (Milton Santos, 1994)

Com última interpretação, Pierluigi Nicolini e Maurizio Vogliazzo apresentam a ideia de uma domesticidade mutante, cujo interesse está no dispositivo, no que ele faz acontecer dentro do projecto habitado. Para os autores, as características físicas e materiais também se constituem como factores de impacto sobre as experiências pessoais, embora o interessante do desenho habitado, seja o facto de os espaços estarem a ser repropostos a novas complexidades.

### 3. O ABANDONO NOS TERRITÓRIOS: A CIDADE DE AVEIRO

Neste capítulo, será feito um aprofundamento da realidade actual das cidades contemporâneas, tendo em vista uma condução a particularidades referentes ao abandono existencial na habitação, através de leituras e experiências do artefacto habitacional. A primeira parte tem como referência vários autores; *Marc Augé* (não-lugares); *Rem Koolhaas* (espaço-lixo); *Massimo Cacciari* (espaço-tempo); *Kevin Lynch* (a imagem da cidade), e enquadra a noção de abandono nos territórios emergentes, procurando esclarecer a intenção da aplicação prática referida adiante. Num segundo momento, são tratados alguns exemplos de experiência de *revitalização*, *reconstituição*, *preservação* realizadas de uma forma instantânea, sendo em seguida, apontados casos de evidência nesta ideia. Posteriormente, discute-se o futuro do lugar habitacional; a evolução de uma continuidade deste conceito e a aceitação de mudanças perante esta problemática, de forma a introduzir reinterpretações de futuros cenários.

Actualmente, a vontade de pensar a cidade como uma experiência fragmentada de instantes, torna-se presente face a territórios de eventos (Kevin Lynch), que acompanham uma reconfiguração espacial e social. Exemplos disso, são espaços de carácter efémero, que cada vez mais, trata-se de uma condição actual da ocupação na cidade, substituindo a permanência do valor histórico.

#### 3.1 O contexto actual – visões interdisciplinares

À semelhança das transformações demográficas e sócio-económicas que ocorrem nos países desenvolvidos, também os países em vias de desenvolvimento enfrentam crescimentos significativos na crise habitacional que havia começado nos anos cinquenta, embora à escala Europeia e Norte América, extrapola a um ritmo descontrolado.

Esta realidade, é bem visível quer na concentração de pessoas nas cidades (quase 80% da população europeia é urbana), quer na ocupação de solo ocupado, que em Portugal ronda os 35%, e a percentagem deste espaço destinado ao automóvel é de quase 80%. Com dados tão preocupantes, a necessidade de repensar as actuais herdades políticas de habitação tornam-se patente neste capítulo.



Ter a consciência de lugares, cujo conteúdo é vazio, trouxe novos componentes de reflexão para a imagem das cidades actuais. Sendo um elemento em constante modificação, traz para o primeiro plano, uma questão de grande relevância: *“a visibilidade de espaços abandonados define, de certo modo, os consumos híbridos dos cidadãos?”*

Actualmente os programas para a cidade, declaram a falta de clareza de políticas de habitação, colocando o território numa posição ainda não valorizado, deixando em evidência o mercado imobiliário numa fase incipiente. Estas mudanças verificam impactos noutros segmentos, como a economia e exige, uma resposta que visa a articulação e integração dos diversos elementos que constroem a cidade: *habitação, ambiente, espaços urbanos, sociais e económicos*. Desta forma, Massimo Cacciari invoca: *“Aonde é que nós habitamos, hoje? Habitamos nas cidades? Não, habitamos em territórios. Onde termina uma cidade e começa outra? O que são esses espaços nas cidades?”* (Cacciari, 2009)

O desafio patente relaciona-se com a ausência de conteúdo na construção dos espaços na cidade. A definição do abandono nos lugares, é complexa e associada a ela, surgem diversos conceitos; *“não-lugares; vazios urbanos; terrain vague”*, que também solicitam uma definição global e clara.

Aqui, a existência do *não-lugar*, é todavia a medida da época (Augé 2007), indefinido no seu programa existencial, por não corresponder a qualquer lógica social. Marc Augé define os *não-lugares* como sendo espaços de anonimato no quotidiano, espaços unipessoais, banalizados, e apresentam-se como símbolo de desterritorialização, não correspondendo a qualquer tipo de característica.

Os *não-lugares*, produtos da contemporaneidade, opõem-se à noção de lugar antropológico, no entanto, o *não-lugar* tem de passar a ser um lugar:

*“Os não-lugares são a medida da época; a medida quantificável e que se pode tomar adicionando, ao preço de algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, das auto-estradas e os habitáculos móveis ditos “meios de transporte (aviões, comboios, autocarros), os aeroportos, as gares e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de recreio, as grandes superfícies da distribuição”, (...) “a distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição do lugar ao espaço”. (...) O não-lugar é o contrário da utopia: existe e não alberga sociedade orgânica alguma. E que de dia para dia, acolhe cada*



*vez mais pessoas”(...).” (Augé, 2007)*

Nas cidades do século XXI, considerando alterações de cenários económicos, políticos e sociais, encontram-se alternativas criativas face ao abandono, fortemente relacionáveis com a própria cultura local. A importância neste âmbito justifica assim, a necessidade de uma cultura de *Ordenamento Território*, aliado ao *Design Estratégico*, valorizando a diversidade, a complementaridade e participação territorial, resultantes de intervenções sobre o território, equacionando novas formas de espaço, reunindo o nível do valor real que o mercado exige.

Assim sendo, os mercados devem ficar atentos, ao tempo dos consumidores, podendo as ofertas serem sustentáveis à realização de práticas individuais e colectivas, identificando correlações como a diversidade, variedade, mudança, partilha, entre outros. Esta variação pode ser explorada sobre o termo “*sociedade 24 horas*”, apontado por Leon Kreitzman, descrevendo uma sociedade em constante mudança em relação ao uso do tempo e do espaço, em que os indivíduos têm maior diversidade e liberdade para usar num dado tempo o espaço. Esta mudança dá-se com a industrialização, onde o tempo torna-se artificial, regulado por sistemas de tecnologia:

*“(...) numa sociedade 24h os padrões são menos “regulamentados”, mais associados a preferências individuais e menos previsíveis, induzindo uma possibilidade para a redução da congestão”. (Brandão 2011, 285)*

Nesta linha de pensamento, permite estabelecer a designação do padrão cíclico da cidade, que segundo Ole Bouman, a partilha do tempo é essencial para prever a modernidade nos espaços habitacionais. Ou seja, a própria evolução espacial tem uma componente cíclica: “*expansão, retracção, crescimento e declínio*” (idem). Estas informalidades existentes nas cidades, fazem parte de uma percepção não tão imediata no quotidiano, mas os seus efeitos criam grandes impactos nas cidades. O território cresce segundo transitoriedades de organização, que ao longo do tempo, apontam caminhos de economias informais, adaptando a predisposição de um projectar novo, “*tendo em conta que todo o produto deve ser aberto para novas interpretações ao longo do tempo*”. (Herman Hertzberger)

No entanto, o actual panorama de integração dos mercados marca fases de transição para a actividade do *design*, onde as transformações são cada vez mais globais. Além disso, vivemos num sistema propenso a crises, em que o espaço habitacional está sob ameaça da privatização, fruto de uma

aplicação conceptual, em que o design hoje, interage não só com as materialidades resultantes, mas também com as imaterialidades oriundas dos novos processos económicos, sociais e culturais.

Hoje, a reabilitação urbana, reconhece uma nova metodologia que adopta a cidade como um sistema, na qual a comunidade (participação) se insere em abordagens estratégicas para diagnosticar os problemas, e então passar a estruturar orientações que dêem forma à acção. Segundo François Ascher, as mudanças estão na origem de uma *Terceira Revolução Urbana*; incidem nos modos de conceber e gerir as cidades. Os densos aglomerados com dinamismo económico, as oportunidades e as necessidades mudam constantemente, o que marca a transição do *planeamento urbano* para a *gestão estratégica urbana*. Estas abordagens deram origem ao *neo-urbanismo*, que atribui à sociedade, um futuro incerto de diversas escalas, procurando tendencialmente projectos heurísticos.

A Terceira Revolução Urbana baseia-se principalmente em novos paradigmas: *incerteza*; *complexidade*; *flexibilidade*; *efémero*; *participação* e assenta numa sociedade com estruturas em rede. Está conectada por redes de conhecimento e pelo aumento de tecnologias, adaptando a estímulos da sociedade, acções de abordagens processuais, que apoiam em elementos estratégicos em contextos frágeis.

Neste sentido, é importante introduzir a noção de projecto moderno, cujos instrumentos revelam potencialidades como a elaboração, desenvolvimento e implementação, impostos pela sociedade, e sobretudo pelas circunstâncias. Para François Ascher, o projecto é também uma ferramenta de análise, de investigação e um instrumento de negociação.

### 3.2 A crise do mercado imobiliário: a incapacidade de resposta

*“ O urbanismo contemporâneo focalizou-se no “fazer”, o que não se lhe pode reprovar, mas negligenciou a interrogação e a elaboração de enigmas: esta terrível falta explica a sua cegueira perante as incertezas e as fragilidades dos conjuntos urbanos contemporâneos.” (Alain Bourdin)*

Periodicamente, as crises económicas têm desencadeado um papel importante na actual problemática da habitação. Tal impasse é ainda mais evidente quando se analisa o movimento entre o território e os mecanismos

que determinam os modelos de habitação contemporânea. Não se trata aqui, de reeditar “*fábulas corporativas*” (Bourdin, 2011) contra o mercado imobiliário, mas sim, de estabelecer relação a processos flexíveis na análise do sector imobiliário, correspondendo a mutações urbanas, a hábitos efémeros e a relações díspares. A oferta da habitabilidade desempenha igualmente um papel importante na estruturação da procura. Com efeito, o facto de a oferta passar por construções, equipamentos não estruturáveis à realidade actual, acaba por delimitar as escolhas.

Hoje, o que diz respeito à habitação, implica a longo prazo, representações que definem uma procura intangível de ofertas soft (os serviços, qualidade de vida, o imaterial), permitindo alcançar um universo de expectativas pertinentes, face à sociedade actual. (Bourdin, 2011)

No entanto, a perspectiva enunciada por Rem Koolhaas no seu livro “*Três textos sobre a cidade*”, acerca do espaço-lixo, poderá ser útil para estabelecer possíveis interpretações genéricas da actual problemática da habitação. Assim, Koolhaas apresenta a cidade numa vertente *junkspace* (espaço-lixo), onde a determinação local e o provisionamento da habitação conforma numa ambiguidade da realidade actual, como uma tentativa de oportunidade para recuperar espaços para “*honrar*”, “*partilhar*”, “*cuidar*” num corpo cultural e social (idem).

Esta abrangência do projecto de habitação é reveladora por uma postura consciente de práticas e políticas tradicionais da habitação ou pela limitação de perspectivas que se julgavam inacessíveis de soluções habitacionais.

*“ Quanto mais indeterminada é a cidade, mais específico é o seu espaço-lixo; todos os protótipos do espaço-lixo são urbanos. (...) Tal como o espaço-lixo é instável, a sua propriedade real está sempre a mudar com uma deslealdade semelhante. O espaço-lixo ocorre espontaneamente graças à natural exuberância empresarial – o livre jogo do mercado (...). ”* (Koolhaas 2010, 93)

A caracterização da habitação emergente, como organismo mutável e fluído coloca à partida o território compartimentado. O espaço habitado, é enaltecido a partir de diversas territorialidades que (re) constroem permanentemente identidades colectivas, em que a sociedade é uma “*constituição policontextual*” mediante o recurso ao conceito de comunidade. (Innerness, 2010)

A par das experiências habitacionais, Alain Bourdin, enuncia que as próximas transformações imobiliárias serão adaptadas a configurações de autonomia dos indivíduos, como expressão de uma visão pluralista. Munido por uma vasta experiência de campo, Alain Bourdin afirma que com a crise começa o futuro. O interesse de (re) pensar o mercado imobiliário, resulta de um conjunto sistémico de diferentes escalas espaciais, apresentando um posicionamento crítico em perceber e qualificar as estruturas sob o tipo de comunidades existentes no território.

Com a crise económica, veio o interesse de rever as incertezas e repensar a maneira “*de fazer a cidade*”, mas como abordar o assunto? A crise imobiliária afogou-se no espectro do mercado, ignorando comportamentos sociais que exercem numa sociedade. A dispersão da habitação acarreta consequências com o desenho da forma urbana e do povoamento. A própria densidade, encontra-se desproporcional em relação à superfície ocupada, onde a intensidade das relações entre os habitantes e a habitação invocam descontinuidades de vida.

A presença de uma constante verificação de espaços-lixo (Rem Koolhaas); de não-lugares (Marc Augé), ilustra uma convergência urbana, centrada principalmente nos centros históricos das cidades.

Perante esta realidade, os lugares são definidos por conflitos urbanos, desenvolvendo uma verdadeira degradação das condições de vida dos seus habitantes, onde para compreender as “*dificuldades de uma abordagem complexa da cidade e definir os termos do enigma que isto constitui, convém convencemo-nos de duas coisas: por um lado, a fungibilidade da informação urbana continua sempre fraca; por outro lado, no domínio do urbanismo, a interdisciplinaridade quase falhou redondamente.*” (Bourdin 2011, 62)

Com isto, a falta de *saber-fazer* acaba por ser o motor da culpa sob as cidades, e em particular, sobre o uso que o homem faz da cidade (Saskia Sassen); e sobre a evolução e os significados da cidade. (Nuno Portas)

Vivemos a emergência de novos modos de vida, e consequentemente de novas formas de aglomeração urbana em virtude de fenómenos, como o esgotamento da economia industrial, da globalização financeira, da transformação da composição familiar, da diversidade cultural e dos avanços das tecnologias de informação.

Também de uma forma geral, o mercado imobiliário cria sucessivas especulações do próprio lugar, não permitindo respostas acessíveis face às

transformações exigidas:

*“O drama do urbanismo reside no facto de ele tentar produzir um discurso sobre o conteúdo, quando domina bem apenas os continentes, quer dizer, o edificado”. (Bourdin 2011, 71)*

Neste contexto, o problema reside na incapacidade de reflectir sobre a cidade já existente, como os mecanismos presentes para a existência de revenda do mercado imobiliário, para prever e controlar cenários imprevistos e evitar soluções pouco eficazes. É importante, afirmar que existe um extenso aglomerado de edifícios em abandono, que seguramente não devem nem podem ser esquecidos, mas *“que é necessário reciclar.”* (Bourdin 2011). *“A cidade é, na verdade, cada vez mais reciclável.”* (Brandão 2011)

| Fig. 2

Imóveis em devoluto na Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

fonte: Associação para a Modernização e Revitalização do Centro Urbano de Aveiro



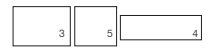
Face a um problema cada vez mais visível, e que tem ganho visibilidade nos grandes centros urbanos, a cidade de Aveiro foi identificada como caso de estudo. Alguns artigos recentes nos diversos meios de registo têm alertado para este problema, que tem aumentado sobretudo na última década. A cidade de Aveiro (figura 2), preside num discurso enorme de espaços em devoluto, sobretudo no centro histórico da cidade onde se verifica maior existência de lugares em ruínas ou abandonados que são mais visíveis pelas suas fachadas. Com exemplo, a artéria principal da cidade de Aveiro, a avenida Dr. Lourenço Peixinho, actualmente possui 35% de habitação em estado de degradação.

Neste sentido, Aveiro permanece num vazio silencioso, cujas projecções das vontades de revitalizar esses espaços continuam sem a merecida resposta. Estes espaços, contribuem para uma dissipação social da cidade.

Não basta, sermos confrontados com produção habitacional uniforme, que reúnem igualmente habitáculos uniformes, ou seja, monótonos.

Perfeitamente enquadrada a realidade da cidade de Aveiro, o movimento “Cidades pela Retoma” (figura 3 e 4) e “Associação Amigos da Avenida” (figura 5), têm debruçado nos últimos tempos o problema existente na avenida Dr. Lourenço Peixinho. Propõem repensar os espaços urbanos, como “fonte de intervenção cívica” e avaliar o seu papel central num contexto de rede e diálogo global:

*“O objectivo é promover a troca de conhecimentos e experiências e fazer circular ideias e soluções, que venham de onde vierem, possam ser aplicadas localmente.” (José Carlos Mota)*



| Fig. 3 e 4

Movimento Cidades pela Retoma

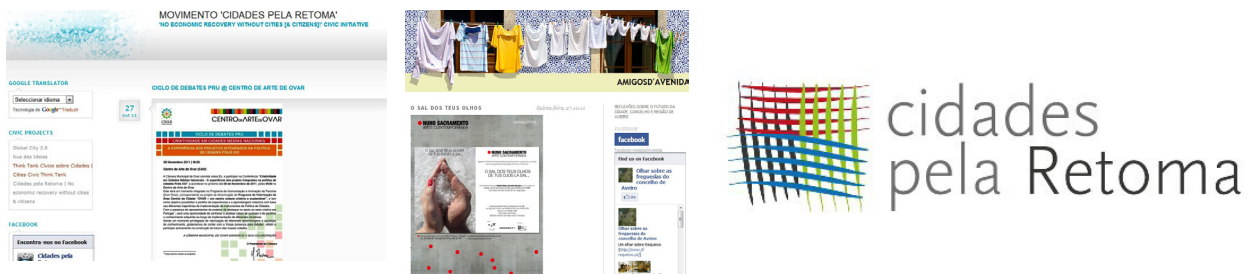
fonte: <http://noeconomicrecoverywithoutcities.>

[blogs.sapo.pt/](http://blogs.sapo.pt/)

| Fig. 5

Associação Amigos da Avenida

fonte: <http://amigosdavenida.blogs.sapo.pt/>



De acordo com o relatório de caracterização de Demografia e Habitação, elaborado no âmbito da revisão do PDM, a realidade da cidade é semelhante ao contexto nacional, em que é dada preferência a novas construções em detrimento da reabilitação. A existência de lugares degradados dificulta a sua ocupação imediata, existindo a necessidade de intervenções neste âmbito, sendo potencial pela sua localização e pela sua diversidade de serviços.

A cidade continua condenada à fractura em segmentos, provocada em parte pelo esvaziamento funcional do centro urbano da cidade de Aveiro.

Os edifícios do centro da cidade ficam permanentemente desocupados, obstinando no seu lote. São edifícios, cujos proprietários por diversas razões, sejam de ordem sentimental, patrimonial ou monetária, não “*permitem a mutação necessária aos centros históricos das cidades*”. (José Carlos Mota)

Não existindo políticas governamentais neste âmbito, a renovação ou uma simples manutenção dos edifícios, fica muitas das vezes sem efeito, porque não há obrigação para tal efeito.

Segundo a legislação, é exigido a manutenção das fachadas em edifícios construídos nos finais do século XIX, princípios do século XX, o que não submete a conservação dos seus interiores, não permitindo actualmente, a renovação do uso dos mesmos. Tal assunto, é motivo de alarme perante a importância da relação entre o *velho* e o *novo*. Através desta natureza, Françoise Choay, desperta para o facto de esta necessidade ter “*o passado no presente*”, originando processos de “*culto do património*”, revertendo evidências visuais do passado, por acumulação de vestígios de pertença e de identidade. (Brandão 2011, 286)

O problema está em conseguir lidar com a transição desejável ou inevitável, necessitando de saber, quais os elementos que se encontram em mutação e quais se definem como inalterados.

Neste contexto de mudança, os edifícios em abandono caracterizam-se por locais de memória, em que conservar e manter os mesmos, é uma decisão histórica, política e cultural. Algumas das justificações, remetem para o valor estético, económico ou mesmo a continuidade da memória cultural. Neste sentido, Matthew Carmona enuncia três fases, que ditam uma cronologia da revitalização dos edifícios, cujas práticas de conservação têm como fundamento, prolongar o ciclo de vida e ao mesmo tempo aumentar as probabilidades de usabilidade:

*“ (...) Até aos anos 60 uma primeira vaga de políticas e estratégias de conservação, onde a protecção incidia unicamente sobre os edifícios singulares e monumentos históricos. Na segunda vaga, a preocupação centra-se em grupos de edifícios históricos, em núcleos urbanos e no espaço público, acompanhada por uma reacção à aniquilação do ambiente social e cultural. A terceira vaga, mais fragmentária, prende-se com o desenvolvimento de políticas locais de revitalização, com a consciência da necessidade de ter edifícios e zonas protegidas vivas e activas. Enquanto a maioria das políticas iniciais se debruçava sobre o “valor do passado”, as mais recentes preocupam-se com o “futuro do passado”. ” (Brandão 2011, 286)*

Em “*O Sentido da Cidade*” de Pedro Brandão, apresenta a abordagem de uma cidade flutuante, para beneficiar a sustentabilidade urbana, a qual reinterpreta a preservação, conservação e desenvolvimento de uma economia condicionada por mudanças sociais e tecnológicas, otimizando as transformações, que podem replicar em contextos de abandono. No entanto, coloca a questão: “*Se as cidades evoluem “organicamente” ao longo do*



*tempo, as comunidades também desenvolvem naturalmente um sentido de continuidade e estabilidade em relação à envolvente física?”. (Pedro Brandão)*

Isto permite, relacionar processos de substituição, promovendo a motivação e o desejo de mudança, partindo do potencial das reinterpretações diversas, e não cair, em falências permutas destes projectos habitacionais.

### **3.3 A oportunidade nesta abordagem**

A cidade, como matéria de conhecimento é um objecto exclusivo, mas o seu carácter poli-contextual, habita em vários domínios do saber, que assenta em abordagens colaborativas no desenho de lugares de experiência. Assim, a cidade é signo de diversidade (Pedro Brandão), potenciada por realidades activas e prosperas a desenvolvimentos sustentáveis. Na sequência desta reflexão, a emergência de novas noções de espaços, implica a necessidade de sentir a cidade como cenário de novos territórios, com novos códigos de leitura. Na base destes códigos, estabelecem identidades *“entre o visível e o invisível, entre a infra-estrutura e a super-estrutura, entre o actual e o desejado”*. (Brandão 2011)

O desejar lugares, coloca em desafio atitudes metropolitanas, que até então, implicaram decisões tomadas em contextos de conflito, de coordenação e programação de acções dispersas. Neste sentido, é necessário afluir cenários de comunicação, estruturas de mobilidade, escalas de interacção e interdependência de lugares. Isto permite criar, um conjunto de respostas com o objectivo de encontrar estratégias sob várias visões emergentes, com referências múltiplas, com processos de valores diferentes e sobretudo, gerados num tempo de transformação.

Os processos de espaços abandonados, vazios de conteúdos sociais, são de certa forma decisivos para uma diferenciação territorial. São espaços cultivados por iniciativas participativas, que abordam propostas com uma consciência contemporânea, mas porém, são objectos de tempo, em que os *“parceiros incómodos”* (Brandão 2011) permanecem pela falta de mediação do tempo.

A disponibilidade para o novo espaço, patente nos recursos de ruptura, é um interesse pelo quotidiano actual, em que a interactividade entre a escala privada e pública se encontra no limiar de uma sociedade transversal



e numa cultura multidisciplinar. Com a ampliação de habitar numa “*abertura, multiplicidade, processualidade, diferença ou coexistência*” (Innerarity 2009), o sentido da habitação é reflectida numa envolvência da relação de interesses e recursos económicos.

As oportunidades nesta abordagem, incidem no voltar a habitar os centros históricos, de forma a revitalizar a cidade, em que um dos aspectos a desenvolver seria a oferta de novas formas de habitar, adequadas às atitudes sociais.

A abordagem de perspectivar sistemas flexíveis enquanto ponto de partida para a criação de novas tipologias, é plausível pela solução de baixo-custo, como a necessidade de fluxo de entrada e saída dos destinatários para os centros históricos. Neste sentido, a aposta do sector imobiliário poderia responder às aspirações das novas comunidades urbanas, de cariz mais cosmopolita. Ou seja, o princípio da oportunidade seria disponibilizar condições habitacionais adequadas, na perspectiva de contribuir para comunidades participativas. Neste âmbito, o resgate de comunidades para os centros históricos, seria o impulso para a criação de diferentes escalas habitacionais como parte de solução, no entanto, as experiências desenvolvidas no contexto doméstico ditam novas construções de sistemas de produto que também fazem parte da solução.

No contexto da cidade de Aveiro, a habitação e a criação de cenários estariam, necessariamente dentro de edifícios plurifamiliares, pois a Avenida Dr. Lourenço Peixinho possui diversos tipos de edifícios, partilhando assim, alguns serviços comuns (comércio, espaços sociais) que se encontram ao longo da artéria da Avenida. O modelo de habitar teria de permitir, a interacção entre diversas tipologias de comunidades com potencial a cumplicidade espacial, criando conexões entre o interior e o exterior de forma a satisfazer as exigências humanas. Por outro lado, o uso destes espaços impõe a realização de construções capazes de permitir a flexibilidade espacial, valorizando o espaço como uma atmosfera livre, assumindo diversas experiências dentro de um mesmo lugar de habitar.

A resposta do *design* passará, não pela demolição total dos espaços abandonados, mas pela recuperação a baixo-custo com o desígnio de noções contemporâneas. A questão de sistemas flexíveis, surge cada vez mais, enquanto solução às necessidades do mercado, permitindo a exequibilidade de transformar, transportar e finalmente, usar o espaço como lugar de

experiências momentâneas (figura 6, 7, 8 e 9).



Cada vez mais a sociedade, exige desenhos que melhorem a habitação, em que as necessidades são logicamente, derivadas por factores económicos, ou mesmo por questões de preferência, proporcionando às pessoas, o mínimo para habitar, pelo qual, a flexibilidade espacial seja já um componente intrínseco da habitação.

No caso de Portugal assiste-se a interrupções nas análises desta problemática, pela especulação imobiliária e principalmente, pela existência de estereótipos existentes de habitação, que fornecem poucas alternativas na procura e escolha do lugar.

Tal facto, obriga a criação de iniciativas não governamentais, que têm como princípio potenciar ideias para a reocupação, em regime de reabilitar sem



**| Fig. 10**  
Concurso Ideias de Origem Portuguesa  
fonte: <http://ideiasdeorigemportuguesa.org/mapas.php>



**| Fig. 11**  
Concurso "Espaços Pop Up", Capital da Cultura  
Guimarães 2012  
fonte: <http://www.guimaraes2012.pt/>

custos para os proprietários.

Neste sentido, as iniciativas criadas sob o programa *Ideias de Origem Portuguesa* (figura 10), uma iniciativa da Fundação Gulbenkian e da Fundação Talento, que tem objectivo convocar projectos de inovação e empreendedorismo social, para promover novas e melhores respostas para os desafios que Portugal enfrenta.

Desta forma, uma das ideias em curso é o projecto: *Reabilitar a Custo Zero*. Este projecto tem como fundamento criar uma organização sem fins lucrativos para reabilitar os centros históricos das cidades, sem custos para senhorios e proprietários, em que as empresas poderão voluntariar-se *"para conceber e realizar os projectos usando materiais de construção, a troco de isenções fiscais, sendo o único cargo para os proprietários, o alojamento e a alimentação para os estudantes voluntários"*. (José Paixão)

O autor do projecto, José Paixão, afirma que *"os espaços reabilitados serão arrendados a empresas startup e servirão também de habitação social"*, sendo projectos declarados como casos-pilotos, aplicados na cidade do Porto, que têm como missão repovoar os centros urbanos e dinamizar a cidade *"como máquina de transformação social"*.

Também é de salientar, que existem outras estratégias nacionais, como o projecto *"Espaços Pop Up"* no âmbito da Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 (figura 11), sendo uma iniciativa enquadrada no projecto *"Pop Up Culture"*, *"que visa dar acolhimento de proposta de ocupação criativas, de carácter temporário, de espaços devolutos ou desconsiderados"*.

O objectivo principal é dinamizar o espaço e o *"comércio de proximidade"*, devendo gerar o envolvimento da população local e dos visitantes. Estas intervenções serão subaproveitadas do ponto vista cultural e criativo, valorizando estratégias inovadoras, de forma a revitalizar o quotidiano urbano no centro histórico.

Este modo de respostas, sob um desejo de personalização de espaços em devoluto, exige realidades à volta do conceito informal, facultando valores reajustados, procurando assim, garantir temporariamente práticas móveis, efémeras, em que o objecto físico (edifício), nunca é definitivo no seu processo de evolução.

Possivelmente, tais projectos irão conceber condições adequadas para a redescoberta de interesses e funcionalidades da vida diária na cidade. No entanto, o desafio maior ainda incompleto nestas tipologias de projecto, é

a própria comunicação da população nesses lugares.

Importa portanto, entender a complexidade das exigências modernas entre sistemas de comportamentos “*que pedem*” e sistemas habitacionais “*que propõem*”. (Brandão 2011)

A experimentação deste género de projectos, é cada vez mais “*como factor tempo*” e como “*obra aberta*”, podendo os espaços se organizarem em interacção com a natureza do contexto. (idem)

### 3.4 A regeneração urbana – que futuro?

Se a cidade deve ser a representação de um futuro desejado onde todos os grupos sociais possam viver juntos, o espaço doméstico parece ser convenientemente significativa nas práticas urbanas. As tendências do processo de globalização que atravessam territórios, culturas, fazem parte de uma rede, que permite passar de si mesmo para um colectivo participativo.

No futuro, apontar-se-ão cada vez mais, aspectos ligados a esta natureza, sendo um tema produzido a grande velocidade, pelos aspectos mais competitivos, como pela duração dos elementos da forma urbana.

Os edifícios de uso habitacional não são imóveis: “*expandem-se, retraem-se e substituem-se no tecido urbano em função de ciclos económicos, movimentos demográficos, inconstantes*” (Brandão 2011), em que é relevante, investir equilíbrios no que deve existir e no que deve ser substituído.

Nesta linha de pensamento, a gestão e a estratégia urbana devem apelar à reconstituição dos factos económicos e sociais que no seu todo, estão na origem da escolha da habitação, invocando para a análise o inesperado, o incerto, o transitório, o efémero das circunstâncias urbanas.

Hoje, é dominante a gestação de uma nova tipologia de habitação, que colocou fora a ideia de permanência dos elementos estipulados, convertendo assim, na menor duração dos artefactos e espaços no território. Neste contexto, criam-se estratégias de diferenciação, que nas palavras de Pedro Brandão, são *comodities urbanas*. São espaços inconstantes pelo seu significado, mas constantes pelas suas tendências emergentes, onde a permanência competitiva resulta micro tipologias espaciais.

Por isso, é aceitável que a cidade pode ser reconvertida através de sinergias entre diversas áreas, em busca do desejo de hoje, cujas novas formas de produção do espaço habitacional filtram num processo de adaptação

ao facto de as “coisas terem deixado de ser o que eram: na condição de que a alteração seja “sustentável”. (Brandão, 2011)

Porém, vivemos num contexto instantâneo, onde os artefactos são colocados segundo um prisma temporal reduzido, no sentido que é traduzido narrativas quotidianas que representam espaços partilhados, em que o privado/público; o diverso/específico; o individual/colectivo têm implicações maiores por não serem iguais, mas por relacionarem-se mutuamente na esfera doméstica (Innerarity, O novo espaço público 2010).

No entanto, o modelo da unidade habitacional entrou em ruptura face à complexidade crescente da sociedade e à desfiguração de serviços adequados ao território emergente. Hoje, a regeneração urbana é o espelho de “mentiras da forma” (Brandão 2011), onde prevalecem lugares projectados com menor atenção aos seus destinatários:

*“ Há sempre o antes e o após o “dar forma”: o desenho começa com a necessidade, programa, finalidade, e somente depois chega a dar forma a coisas; (...). Os lugares são desenhados, mas nunca estão terminados. Por isso, não nos podemos esquecer: o utilizador (que nós também somos) é parte do desenho”. (Brandão 2011, 229)*

O verdadeiro problema consiste em saber até que ponto o desenho do espaço, continua numa reprodução ambígua, conservado em papéis contraditórios, em conceitos controlados pela política da sociedade.

Segundo Pedro Brandão, as palavras de ordem do dia, são: “reabilitar, reanimar, naturalizar, atrair”, sem ponderar a verdade e a mentira, o custo e o benefício, ou sequer “o que é hoje a cidade realmente?” (Brandão 2011). Desta forma, é relevante pensar no espaço futuro enquanto “processo económico temporizado”, gerido como valor do dia, face aos recursos existentes num dado tempo. O território precisa de distinguir projectos de imagens de projectos de valor, de sentido, de significado.

De facto, o futuro da regeneração urbana passará pelo diagnóstico, estratégia, tentativa, representação, produção de valores actuais, procurando múltiplos desenhos, formas onde a matéria urbana é a ferramenta do projecto.

Sobre tal necessidade, Françoise Choay citado por Pedro Brandão escreve:

*“ A consciência de uma irredutível diferença de natureza entre percepção estética e percepção da cidade deveria ser uma das chaves do desenho urbano”. (Brandão 2011, 240)*

Outra resposta que ilustra o projecto habitacional será a interacção, de for-

ma a determinar alternativas de cenários flexíveis:

*“Temos que cultivar a sensibilidade para os factores de mudança em cada uma das dimensões do urbano, não apenas na da forma física (feita principalmente de tempo e espaço em equilíbrios frágeis) mas também na dimensão económica (a Urbe, espaço de geração de valor, diferenciação, oferta/procura), na dimensão social (a Civis, espaço de interações: a segurança, a entreatuda, a comunicação) e principalmente na dimensão da ética (a Pólis, os desígnios da convicção e da responsabilidade). (Brandão 2011, 245)*

O importante aqui, é gerar valores da cidade emergente, que permite revitalizar os lugares abandonados, degradados, tomados por uma inconsciência territorial. Com isto, não é por acaso que os modelos económicos se configuram com a crise, mas sim a verificação de dialécticas da própria existência em relação à esfera doméstica (Tafuri s.d.).

Todas estas tendências derivam da presença eloquente da vida urbana, que traduzem numa infinidade e diversidade de contactos no desenho do espaço. O design, faz jus a estas realidades, imprimindo à organização da produção uma utopia controlada, funcional, que se pretende alcançar. Neste sentido, o design situa-se partindo de si próprio, a meio do caminho entre a utopia humana e a representação real, onde o projecto de dar forma a espaços abandonados, serão objectos de ambição. Deste ponto de vista, a cultura do espaço está pronta a aceitar aquilo que o destinatário vê e deseja, tornando o objecto um nexo forte na reprodução do espaço.

Com isto, existe possibilidades de diálogo, capazes de reflectir o conceito nómada da globalização, que tem em si o resultado de propostas individualizadas universais.

A distribuição da sua matéria, define a mobilidade de acontecimentos que gere processos de apropriação do lugar, que consentem aos destinatários desenvolver o sentido de pertença ao lugar e à colectividade social.

A pluralidade de escalas possíveis num espaço pode ser uma mais-valia no que diz respeito à problemática dos lugares, do qual a experiência de viver é aqui valorizada como instrumento social. Portanto, o território apresenta-se como plataforma de diversas escolhas disponíveis, onde cada indivíduo procura a sua mobilidade social, que simultaneamente trata-se de um instrumento de diversificação social e de singularidade humana. No entanto, o que para Massimo Cacciari pode ser um território indefinido, para Pedro



Brandão é um território hipertexto:

*“Esta sociedade hipermoderna gera novos lugares: hiperlugares. (...) Na verdade é um lugar muito urbano; de certa forma, é versão moderna da ágora, enriquecida ao longo do tempo por novos elementos, de forma a abrir caminho para novas práticas. Agora tudo o que é preciso fazer é incorporar os novos métodos de transporte, comunicação e troca: para ajustarmo-nos ao novo ritmo de vida e tornar possíveis a sobreposição de actividades, o cultivos cruzados entre público e privado, as hibridações entre o interior e o exterior.” (Brandão 2011, 264,265)*

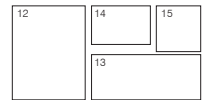
Nesta linha de pensamento e ainda que a construção de habitações continue a atingir valores inadequados, a ideia de lugares personalizados projecta-se como futuro da regeneração urbana. O próprio entendimento sobre as respostas arquitectónicas e as formas que ditam o interior doméstico exigem hoje uma grande posição de reconsiderar a noção de habitar.

Claramente, o ser humano apenas não habita na sua habitação: habita nos centros comerciais, habita na escola, habita nas paragens de autocarro, até mesmo em espaços virtuais. O rápido avanço tecnológico de habitar, está cada vez mais complexo, em virtude da expressão máxima da adaptabilidade, mobilidade, flexibilidade com o objectivo de garantir as condições mínimas necessárias para um habitar de curta duração, apresentando-se como pequenos lugares de refúgio em função de diferentes índices.

Actualmente, a revitalização de lugares, são janelas abertas para o território, pois são incutidos pequenos mundos tecnológicos e portáteis que se tornam acolhedores, reconhecíveis, expressivos e comunicativos.

São lugares onde o indivíduo pode escolher, afirmar e comunicar o seu carácter, as suas ideias e paralelamente obter uma liberdade de expressão. A globalização tem demonstrado que é possível propor correlações entre o conteúdo e as formas expressivas no habitáculo, com efeito de redefinir linguagens arquitectónicas, de modo a representar diversas actividades e condições onde as pessoas podem interagir de forma criativa e livre. A identidade e o carácter relacional destes espaços podem porém, potenciar novos valores de tipologia e morfologia inserindo possibilidades de tecer a flexibilidade e adaptabilidade a partir de conjunturas delimitadas da função, para a abertura de outros requisitos contemporâneos. Os novos espaços (figura 12 a 15) são identificados como diários territoriais, que expressam utopias e que podem, ser cultivadas segundo o indivíduo capaz de narrar

de forma adequada a vida.



| Fig. 12 e 13

Loftcoworking, Argentina.

fonte: <http://www.loftcoworking.com.ar/>

| Fig. 14 e 15

Reconstrução da fábrica Silos, Caldas da Rainha.

fonte: <https://www.facebook.com/ateliers.nos.silos>



#### 4. A CIDADE COMO NOVO MODELO DE HABITAR E LABORAL

Uma das principais características das cidades é o conhecimento aliado às exigências, às dinâmicas e aos desafios da sociedade. Hoje, o planeamento das cidades representa um esforço contínuo em relacionar as dinâmicas sociais e as características territoriais, através da articulação e implementação da informação. As transformações ocorridas na última década potenciaram um aumento de sistemas culturais, reconhecidos como um factor de crescimento e competitividade. Com a evolução da inovação, em particular, o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, direccionou-se aos valores culturais, à criação de estratégias de desenvolvimento local, cujo objectivo é a dissipação das barreiras geográficas e temporais, dando origem a cenários sustentáveis, criativos e informais.



Neste capítulo, são apresentados os fundamentos das variadas funções que surgem na dimensão global tendo em conta as escalas já referidas: habitação e o microempreendedorismo.

Num primeiro momento, são discutidos vários sentidos para o termo *sociedades de conhecimento*, enunciados por diversos autores como Richard Florida “*The rise of Creative Class*”, Peter Hall “*Cities in civilization: culture, innovation, and urban order*”, Michael Porter “*Estratégia e Vantagem Competitiva*”, Charles Landry “*A Creative City*” e Pedro Saraiva “*Empreendedorismo: do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor*”. Num segundo momento, analisa-se a relação cidade e conhecimento, de forma a introduzir contextos referentes ao micro-empendedorismo e significados que podem ser atribuídos dentro desta escala, assunto ilustrado por Charles Landry e Michael Porter.

#### **4.1 As cidades e a sociedade do conhecimento**

De acordo com Landry, as cidades enfrentam novas oportunidades e desafios, uma vez que novas forças (económicas e sociais) proporcionam outras condições para promover o desenvolvimento territorial. Para o autor, o significado de conhecimento, criatividade e competitividade varia entre pessoas, entre grupos sociais e através de diferentes culturas.

Para Richard Florida, não é possível falar do conceito de conhecimento sem que considerem aspectos ligados à competitividade local e ao pensamento global. Para atingir o carácter competitivo globalmente, as economias locais conduzem ao crescimento e à estabilidade sustentável, pelo conhecimento partilhado através de redes e parcerias entre as urbes.

Neste contexto, por exemplo a revitalização urbana tem revelado condutora da produtividade local, do crescimento de partilhas comuns, e sobretudo de estratégias de continuidade de usos. Perante este facto, é necessário desenvolver mecanismos ligados ao conhecimento, como recurso à variedade de serviços, sistemas e produtos que difundem.

Efectivamente, as cidades são lugares privilegiados de inovação e competitividade, tendo um papel económico estratégico nos centros de oportunidades socioculturais, incentivando a expansão dos existentes, captando pessoas e recursos para a cidade. Assim, as cidades actuais são, preferencialmente para trabalhar, isto porque o acesso ao emprego é privilegiado

no objectivo de incentivar e fomentar a troca de ideias e de conhecimentos, da aprendizagem e de inovações locais.

Cruzando o facto de o conhecimento ser a fonte do crescimento na *Era da Informação* (Castells 2006), a importância actual das cidades, está intimamente ligada à globalização da economia, ao aumento da complexidade dos sistemas e à disponibilidade de informação, sendo estas caracterizadas por três aspectos relevantes (Castells 2006):

- A utilização intensiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).
- A organização de redes, facilitando a comunicação entre os utilizadores presentes nas sociedades.

- A grande importância ao recurso informação, predominantemente em formato digital, facilmente transportável, utilizável e sendo de índole universal. A constatação de que a cidade é actualmente o motor do desenvolvimento económico, o êxodo para as cidades é causada pelo facto de estas serem focos de desenvolvimento, riqueza e sobrevivência. A crescente importância chega a ser reconhecida a nível político, como é o caso de Portugal, em que o governo confirma que as cidades são motores de desenvolvimento económico do país. Mas, elas são simultaneamente, uma expressão de identidade local da sociedade, representando redes globais, detentoras de conhecimento, tendo um papel decisivo no crescimento sustentado.

A importância dada actualmente à investigação da cidade e do seu futuro fomenta e constrói o conhecimento como abordagem ao conceito do capital social, devendo ser interpretado à luz do processo de aprendizagem, como papel facilitador na importância da sociedade actual. A criação de conhecimento “*não é um acto isolado*”, a sua disseminação resulta de fluxos de informação, sendo o sistema de criação a gestão de territórios, organizações e indivíduos. Estes factores devem adaptar-se à mudança para melhorar e manter as transformações essenciais das cidades, onde o futuro da mesma estará ligado a conceitos como cultura, criatividade e conhecimento.

A informação é, naturalmente a representação simbólica de factos, acontecimentos, objectos ou fluxos que constituem um real perceptível. Diferencia-se do conhecimento, por ser vista como uma mensagem, pelo que deverá existir sempre um emissor e um receptor.

Conforme Peter Drucker (1992), a informação são dados que possuem relevância e propósito, aos quais depois, organizados e ordenados, são atri-

buídos significados e contextos. Quando a informação é usada de maneira positiva, *“o homem se forma, se educa e transforma a realidade.”* (Drucker) Deste modo, na definição daí resultante, a informação utiliza como recurso as Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC). As novas tecnologias instaladas na sociedade e no trabalho levaram a profundas mudanças no campo social e individual, ao influenciarem a vida humana, o espaço e o tempo. (Peter Drucker) Tenderá cada vez mais, contribuir para uma sociedade mais livre, evitando a exclusão do indivíduo, convidando-o a participar cada vez mais. Nesta leitura, ao considerar a informação como paradigma social, é importante a correcta pesquisa, utilização, armazenamento e tratamento da informação. Faz-se necessário, desenvolver competências e técnicas para a compreensão adequada dos métodos de informação, sendo o cidadão capaz de acompanhar as inovações integradas nas sociedades e territórios, desenvolvendo uma atitude flexível.

A potencialidade das tecnologias da informação é cada vez maior, promovendo um novo paradigma de sociedade, que poderá facilitar a integração das pessoas de uma forma impulsionadora.

A informação está a revolucionar a sociedade em vários contextos. A forma como se organiza o trabalho está a mudar, *“deixando o espaço e o tempo de ter a construção mental de hoje”*. (Peter Drucker)

Caminha-se para um tipo de organização de trabalho, em que as tecnologias portáteis facilitam na domesticidade de um trabalho flexível *“com janela aberta para o mundo”*. Com o aparecimento do computador, assistimos a novos tipos de empregabilidade, aliada à valorização do artefacto final, procurando maior adaptabilidade ao espaço e tempo.

Aqui, a informação é considerada como o ingrediente intrínseco nos processos de decisão, mas por um lado, é importante aprender novos modos de ver o recurso da informação, para que se torne mais eficiente. Esta focalização a considerar qual a quantidade de informação constitui o objectivo da Gestão da Informação:

*“Gerir a informação é, assim, decidir o que fazer com base em informação e decidir o que fazer sobre informação. É ter a capacidade de seleccionar dum repositório de informação disponível aquela que é relevante para uma determinada decisão e, também, construir a estrutura e o design desse repositório.”* (Zorrinho 1995, p. 146)

A gestão da informação tem como propósito tornar eficaz o processamento

de vários subsistemas que a constituem, de modo a produzir imagens de organização, através da implementação de estratégias de comunicação. Segundo Anthony (1965) existe três níveis de informação: estratégico, operacional e tático (esquema 3).



Todos os três níveis se relacionam com objectivos de organização. Os objectivos se diferenciam em termos de amplitude (espaço organizacional) e de horizonte (tempo). Os objectivos estratégicos são desdobrados em objectivos operacionais e tácticos. Em relação aos objectivos estratégicos, estes remetem para objectivos globais e amplos da organização e são definidos a longo prazo. Quanto aos objectivos tácticos, abrangem cada unidade específica da organização, com alguma selecção, havendo responsabilidade na interpretação da informação. Por último, os objectivos operacionais são tratados a curto prazo, fazendo referência geralmente a cada tarefa ou operação específica, cuja resolução é baseada em factos reais, programáveis e através da aplicação de informações pormenorizadas e bem definidas.

Assim, a gestão da informação deve assentar num Sistema de Informação, levando à criação de conhecimento. Muitos autores (Anthony, Castells, Drucker) afirmam que estamos no limiar de uma era, cujo conhecimento é reconhecido como o principal activo das organizações e a chave para uma vantagem competitiva sustentável; *“Sociedade do conhecimento; Era do conhecimento; Era do Capital Intelectual; Sociedade Pós-Capitalista”* são algumas definições para esta nova época.

Neste sentido, também se pode descrever a gestão do conhecimento, com

base na criação de um ambiente organizacional, que assenta em três sinergias: *infra-estrutura, pessoas e tecnologia*.

Sendo estes factores globais a sistemas de criação e partilha de conhecimento, a procura da gestão, traduz-se na busca pela coerência entre as variáveis que compõem estas dimensões.

A *infra-estrutura* da cadeia do conhecimento, vai ao encontro de criar ambientes benéficos à gestão do conhecimento, envolvendo nas estruturas variáveis, de ordem cultural, organizacional, e sobretudo com uma visão holística. A segunda, a *de pessoas* é definida pela busca da aprendizagem e pelo incentivo à criatividade, à inovação, ao empreendedorismo, com valor a reter na existência, necessidade e viabilidade na descoberta de modelos mentais. Por último, a dimensão *tecnológica* refere-se aos mecanismos relacionados à gestão do conhecimento. Mediante uma sociedade *networking*, as redes de computadores, são alguns instrumentos à realização, organização do conhecimento.

Cada vez mais, a importância do conhecimento tornou a ser reconhecido quando a sua utilização, se tornou activa por parte das actividades económicas. O credo do conhecimento atrai actualmente, recursos estratégicos com características geridas de modo a criar valor a partir do conhecimento. Assim, o conhecimento permite enquanto motor de diferenciação, inovar num mundo global em que a competitividade e a concorrência, são igualmente global. É imprescindível em grande parte, existir capacidades de organização, de modo as tecnologias de informação e comunicação poderem alcançar a cadeia do valor: *“O conhecimento é uma mistura fluida de experiência enquadrada, valores, informação contextual e compreensão especializada que fornece um quadro para avaliação e incorporação de novas experiências e informação. É originada e aplicada nas mentes dos seus detentores.”* (Davenport e Prusak, 1998)

Como se pode concluir, o conhecimento está na base de um qualquer sistema, podendo o território instituir redes de valor, determinantes para a competitividade urbana e regional. A procura pela competitividade, faz com que as cidades, as regiões, assumam construções baseadas na inovação, encorajando crescimentos sustentáveis e investimentos para o aumento da produtividade das empresas, e estimular medidas empreendedoras no apelo à vitalidade e pluralidade das próprias inovações. (Porter 2003)

De facto, um território é uma rede, é um sistema activo, pelo que é também

tangível, constituir soluções face ao conhecimento, à colaboração de regiões, despertando a necessidade de criar vantagens competitivas sobre o território.

Justifica-se assim, que só será possível explorar eficazmente as oportunidades emergentes, se passarmos à análise da gestão do conhecimento. Apontando estratégias individuais, para que os territórios consigam através da criatividade e da inovação, explorar modelos economicamente sustentáveis, apostando principalmente, na formação de jovens, motivando-os ao empreendedorismo, para que haja a promoção de uma geração independente e simultaneamente, eficazmente económica.

## 4.2 Uma visão multifuncional: interface do modelo habitar e laboral

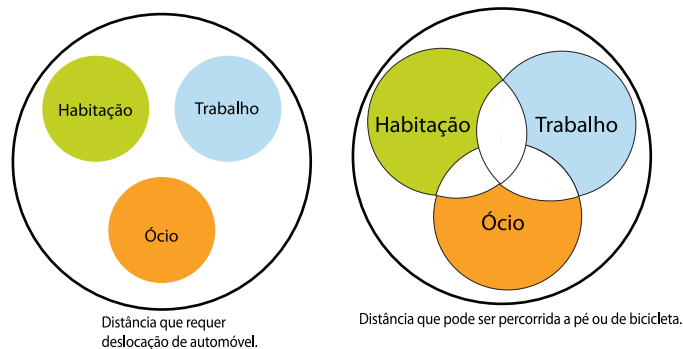
Fernando Távora, ilustra como as sociedades humanas se organizam e adequam aos diferentes espaços existentes no mundo, reflectindo também a organização social de diferentes culturas. Assim, as cidades reconhecem o trabalho como um factor de crescimento e competitividade.

Em resposta a várias necessidades no âmbito do trabalho, Richard Rogers em “*Cities for a Small Plane*”, refere do ponto de vista da sustentabilidade, o desenvolvimento do conceito de viver e trabalhar (esquema 4) na mesma esfera na cidade. Este indício permite, de alguma forma desfrutar do prazer do tempo de lazer e promover, a substituição de volumes pesados (carro) pela bicicleta ou mesmo pela autonomia de andar. No entanto, para Richard Rogers a importância das cidades é destacada por sistemas “compactos” ou “densos”, procurando assim, plataformas de integração que oferecem escolhas diversificadas no âmbito dos recursos, como também de cenários polivalentes, desmontáveis ou mesmo construções móveis.

### | Esq. 4

A transformação da cidade dispersa para a cidade compacta.

fonte: Rogers, 1997



O autor, distingue a importância de um urbanismo compacto, assente em usos mistos, promovendo modelos sustentáveis às cidades actuais, reinventando o modelo antigo de “cidade densa”. Os objectivos consistem em aumentar o uso dos transportes públicos, promovendo equipamentos que permitem otimizar fluxos e coordenar o intercâmbio entre os diferentes utentes.

Numa concepção participativa, o desenho urbano toma como posição principal, referência que permite uma dupla articulação acerca da habitabilidade. A ruptura existente da casa-família, casa-trabalho, tornou o espaço mais habitável, no entanto, hoje a habitabilidade é mais livre, criativa e desordenada.

Actualmente, a sociedade evolui de uma organização baseada em informação, para uma baseada em serviços. As maiores referências ao nível da flexibilidade são hoje os locais de trabalho mas também os instrumentos de trabalho. O facto de dependermos a maior parte do tempo fora de casa, no trabalho, nos transportes ou em actividades transitórias, tem conduzido a que os artefactos contemporâneos evoluam num sentido efémero.

É com base neste conceito, que as indefinições dos limites da habitabilidade estão presentes em diversos contextos, enquanto a introdução de alternativas de áreas surgem com base no trabalho. Hoje, qualquer indivíduo trabalha segundo uma *network*, desempenhando-o um pouco em casa, um pouco no aeroporto, um pouco na rua, *“um pouco onde seja possível”*. (Daniel Bell)

A necessidade de prevalecer ritmos, caminha em direcção à predominância de uma cidade de serviços, fundamentada *“não mais no trabalho, mas no tempo vago”* (Daniel Bell). Além disso, segundo Domenico de Masi em *“O ócio Criativo”*, afirma que cada vez mais, o trabalho e o jogo acabam por coincidindo com as novas divisões do trabalho, nas novas divisões do poder e nas novas fontes energéticas. Todos estes factores interagem simultaneamente num sistema propenso a inovação, em que hoje o ser humano se desloca rapidamente de um lugar para o outro. É assim que nasce também os sistemas de mobilidade da cidade moderna, cujo trabalho e a vida se misturam pelas suas lógicas e principalmente, pelo combinar dos tempos e dos âmbitos de cada um. Existe porém, actividades humanas alcançadas somente quando nelas se coincidem, *“se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o escudo e o jogo”* (Masi 2000, 178) Ou seja, para o autor o ócio criativo é vivido numa acessibilidade de situações que tornar-se-ão cada vez mais difundidas no futuro.

*“Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais, a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.”* (Masi 2000, 179)

Assim, o desejo e a procura de recriar fluxos quer na habitação e no escritório, impõe intervenções com um maior grau de flexibilidade, em que



podemos atribuir a este universo; *urban-housing* (Pierluigi Nicolin). Neste âmbito, não há uma pesquisa concreta sob a tipologia casa-trabalho, no entanto, este modelo que também pode ser designado por *SOHO: smal-office/home-office* está a ser moldado gradualmente no desenvolvimento das novas metrópoles e na Europa.

*“Mas, o que são estes smal-office/home-office?”.* (Pierluigi Nicolin)

Nesta conformidade, as pessoas que utilizam a casa como ambiente de trabalho são consideradas como autónomas, geralmente são pessoas que vivem sós ou se agrupam em diversas formas familiares e habitam em espaços pequenos, necessitando de sistemas que conciliem mais que uma função prévia. Ou seja, o equipamento do *smal-office/ home-office* devem atender a necessidade de usos distintos, apresentando uma flexibilidade permanente.



| Fig. 16 e 17

Joyn office system 2002,Vitra, Switzerland.

fonte:<http://www.bouroullec.com/>



As presentes figuras (16 e 17) apresenta mobiliário pensado para espaços multifuncionais, do qual a mobilidade permite trabalhar, relaxar e armazenar o seu conteúdo.

Actualmente existe uma preocupação no intuito de adequar o mobiliário para a actualização do trabalho no interior doméstico, pelo qual a usabilidade do mesmo é conseguida pela disponibilidade da própria apropriação que o indivíduo executa.

Diante da complexidade de espaços residenciais, os sistemas integrados apontam para o surgimento de uma nova classe de trabalhadores, qualidade de conhecimento, de iniciativa, com o desígnio de prosperar ambientes que permitem a criação de cenários evolutivos.

*“ (...) é cada vez mais difícil encontrar o emprego clássico. Podemos observar uma tendência muito interessante já há vários anos. Trata-se do aumento do número de pessoas que são autónomas, self-employed, que são*

*empresários individuais. Finalmente, o que significa trabalhar hoje: trabalhar é prestar serviços. Portanto, prestamo-los serviços. Prestamos-lhe serviços uns aos outros, cada um à sua maneira (...).” (Lévy, 2005)*

Num contexto geral e segundo Hannah Arendt, no seu livro *“A condição Humana”*, existe três actividades humanas fundamentais; o *labor*, o *trabalho* e a *acção*. Estes universos são elementares para o desenvolvimento das condições básicas mediante as actividades do homem.

Relativamente ao *labor*, é descrito como um crescimento natural no processo biológico do corpo humano, tendo a ver com as necessidades vitais introduzidas pelo labor no processo da vida. O *trabalho*, segundo (Arendt 1993), é uma actividade correspondente ao *“artificialismo da existência humana”*, que produz um mundo artificial de coisas que difere de homem para homem, como também o seu contexto. Quanto à condição da *acção*, é relevante afirmar que nesta actividade exerce entre todos os homens sem a interferência da matéria, onde a pluralidade é a condição existente da *acção* humana:

*“ A condição humana do labor é a própria vida. O trabalho produz um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural, Dentre de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais, A condição humana do trabalho é a mundanidade. A acção, única actividade que se exerce directamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao facto de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (Arendt 1993, 15)*

Neste âmbito, a condição humana compromete-se pela objectividade do mundo, no seu carácter envolvente com o objecto, visto que os homens são seres condicionados pelo tudo aquilo que os envolve, sendo de imediato uma condição humana, uma vida activa. Ao mesmo tempo, o trabalho humano continua sendo a fonte de produtividade, inovação e competitividade. A ideia de partilhar na mesma esfera doméstica o *trabalho* e o *laboral* é reforçada pelo desenvolvimento das comunicações e pela facilidade dos equipamentos portáteis. As pessoas puderam interagir de uma forma colectiva, realçando uma vida móvel, face aos relacionamentos fisicamente dispersos. É fundamental estudar as mudanças em conjunto *sob um habitat em constante transformação*. (Arendt 1993)

*“Que experiências inerentes à actividade do labor passaram a ser tão importantes na era moderna?” (Arendt 1993, 117)*

Sob este aspecto, o trabalho realmente passa a dominar os espaços domésticos, no entanto, como refere Hannah Arendt, os produtos do labor, não duram *“no mundo o tempo suficiente para se tornarem parte dele”*. Ou seja, o motivo pelo qual as pessoas desempenham mais trabalho nas suas casas, advém da especialização do trabalho, sendo o próprio guiado como produto acabado, cuja natureza fornece diversas habilidades, que em continuação, são reunidas e organizadas em conjunto. (Arendt 1993, 135)

Considerando estas referências, o habitar e o trabalhar na contemporaneidade devem atender a espaços com usos diversos. Exigem da habitabilidade, uma flexibilidade constante, uma mobilidade que permite rápidas modificações nos espaços e uma elasticidade que corresponde à mudança da área habitacional. Com isto, apontam para grandes técnicas contemporâneas, performances de espaços, de equipamentos de usos sociais do virtual. (Lévy, 1999)

#### **4.3 A economia criativa - microempreendedorismo**

*“Cultura é o sistema de ideias vivas que cada época possui. Melhor: o sistema de ideias das quais o tempo vive.” (Ortega Y Gasset)*

A economia criativa é um conceito abordado por muitos investigadores e curiosos ao longo dos tempos. Assumindo hoje, como um factor de mudança na sociedade e geradora de actividades no âmbito da criatividade. A economia embarga no contexto social, condicionalismos ligados essencialmente por inspiração de base cultural.

A economia, está intimamente ligada ao conhecimento gerado pelas pessoas, no entanto, o êxito de algo novo estará sempre relacionado às referências fornecidas pela história. Na sociedade actual, o conhecimento criativo incentiva micro-histórias, cultivando uma cultura de criatividade com o objecto de estimular e preparar a atracção das pessoas de talento, potenciada por uma gestão de ideias. As camadas mais jovens, direccionam-se cada vez mais para indústrias criativas, e simultaneamente pertencem a estilos de vida mais atractivos, que estão sempre predispostos a mudanças

culturais. Pertencer a uma economia criativa, implica fazer parte de mercados laborais diversos, como *clusters industriais*, *coworking*. Trata-se, de aceitar diversas patologias de trabalho e consequencialmente habitar perto do emprego, levando o mesmo para casa. Finalmente, existe a necessidade de criar espaços de trabalho mais criativos, reutilizáveis e fundamentalmente empreendedores.

Num mundo cada vez mais globalizado, a distinção fará diferença pelo capital humano, provocado por actividades culturais, produtos e lugares, sendo a própria vantagem competitiva das comunidades. Criar e gerir formas competitivas no século XXI, obriga a um conjunto de competências e conhecimento, que lideram a criação de valor, postos de trabalho, desenvolvimentos económicos e sociais. Para tal, é preciso ter uma atitude proactiva, digna de adoptar uma visão sistémica, que associe o empreendedorismo (Saraiva, 2011) a um conjunto articulado de “*Culturas, Atitudes, Metodologias, Estímulos e Ambientes*”.

Já, para Richard Florida, as pessoas criativas partilham visões em comum, que empenham-se a resolver problemas e a projectar de uma forma criativa, segundo soluções baseadas nas vivências. A vantagem para a cidade, em relacionar a proximidade de pessoas criativas num espaço fomentado pelo conhecimento, tem como finalidade alcançar o expoente máximo de ideias, assim como, a liberdade de expressão e imaginação de cada indivíduo. Assim, as cidades precisam de pessoas com iniciativa, conscientes das necessidades urbanas e que direccionem aos habitantes e visitantes, potenciais cenários de experiências (Charles Landry). Nesta base de pensamento, a economia criativa assume-se como factor essencial para a criação de segmentos em microempreendedorismo, sendo evidenciados pela sua vitalidade e pluralidade de inovações (Michael Porter).

Esta competitividade, instala-se no conhecimento e nas relações de motivações locais, as quais as mentes criativas e a identificação espacial e cultural fazem surgir uma consciência pela importância do conceito *clusters*. Segundo Michael Porter, o papel dos clusters passa por instrumentos de suporte de indústrias localizadas, que promovem estratégias de relações entre as comunidades e as empresas locais, pelo qual estimulam a criatividade, a inovação e o crescimento territorial. Para Robert Palmer, o desenvolvimento “*criativo local*”, engloba-se no modelo “*clusters culturais*”, onde emergem um conhecimento criativo e entidades que trabalhem para a

produção local, no sentido de conceber redes de informação com diversas funções, mas com o objectivo, criar, desenvolver e estimular futuros profissionais regionais. No entanto, a implementação de clusters criativos e culturais, exige diversos parâmetros de mudança, quer de índole de experiência e mentalidade. A sua implementação passa por inclusão de empresas locais, de associações não lucrativas, instituições culturais, diversidade de infra-estruturas, redes colaborativas e principalmente de estratégias locais, gerando a máxima oferta de serviços qualificados.

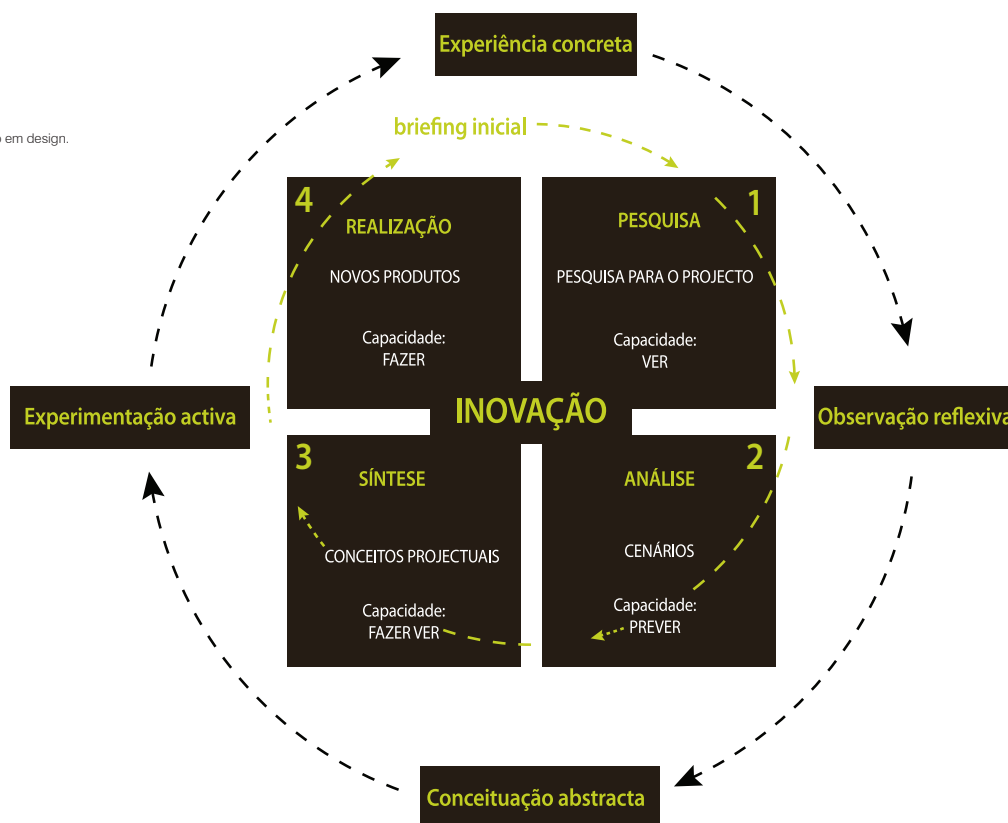
Nesta fusão de espaços favoráveis à proliferação de uma cultura empreendedora, é fundamental exercer na sociedade, influências significativas, personificadas pela motivação e confiança. Revela-se autêntico que a nova geração de trabalhadores, partem de oportunidades e iniciativas de ordem colectiva, dando origem a projectos incubadores de mudança, social e tecnológico.

Segundo Richard Florida, a formação empreendedora concentra-se na perseverança, criatividade e imaginação, associados à inovação. No entanto, para dar continuidade a culturas criativas, é preciso representar os processos de inovação dirigidos pelo design (Wolfgang 2007), baseiam em quatro fases; *pesquisa, análise, síntese e realização* (esquema 5).

**| Esq. 5**

Processos de inovação no pensamento em design.

fonte: Wolfgang, 2007



Assim, o design retoma o conceito de inovação nos processos sociais, pelo qual, são trabalhados por classes interdisciplinares, pois o que realmente diferencia dos processos de inovação é a relevância atribuída ao design. Deste modo, o design aqui é determinante, pois viabiliza diálogos entre as classes criativas e o empreendedorismo, criando *outputs* visuais que são facilmente englobados como cenários e conceitos conceptuais.

É importante, proporcionar espaços de *reflexão e discussão*, de modo a existir uma requalificação das pessoas na sociedade para a implementação de inovações tecnológicas, desenvolvimentos de talentos e capacidades de gestão.

Os espaços do século XXI, manifestam interesse por um maior número de pessoas criativas, onde o lugar ideal será a criação de movimentos empreendedores, expressando objectivos pela variedade de mercados laborais, qualidade de vida e oportunidade de emprego. Num futuro próximo, os clusters criativos destacarão pelo impacto social, provocado pela produção cultural das comunidades. A importância desta realidade, tem como finalidade desempenhar cadeias produtivas, que simultaneamente, se compilam na importância de novas áreas de intervenção, impulsionando assim, uma nova economia criativa.

#### 4.4 O desenvolvimento sustentável – os 3 T's

A emergência por padrões sustentáveis à gestão urbana, levam um olhar ao que é existente e à tentativa de aplicar modelos sustentáveis aos “*impulsos globais*” (Sánchez e Moura, 2005). O contexto actual das cidades, está cada vez mais orientado para recursos locais, desenvolvendo estratégias flexíveis e de idealização técnica na construção de cenários evolutivos.

Neste âmbito, a multiculturalização e cosmopolitanização originam soluções globais à revitalização urbana, procurando assegurar potenciais economias criativas e a propagação da imagem-marca de reconhecimento das cidades. As cidades precisam de construir qualidades sustentáveis, únicas, atractivas, promovidas pela diferenciação e envolvimento dos lugares e pessoas. O conceito de desenvolvimento sustentável remete na década 80, pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente das Nações Unidas, conhecida como Comissão Brundtland:

“ *Um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a*

*direcção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforma o potencial presente e futuro (...) é aquela que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (IBGE, 2002) ”.*

Por World Commission on Environment and Development citado por Davison, 2001, entende-se por desenvolvimento sustentável:

*“Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que alcança as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das futuras gerações de alcançar suas próprias necessidades”*

Richard Florida, em *“The Rise of Creative Class”*, menciona as cidades locais perfeitas para viver, trabalhar e sobretudo, para aprender a sentir novas consciências territoriais. Estimulando novas leituras neste contexto, as urbes deverão atrair os três T’S; *tecnologia, talento e tolerância*. Cada parâmetro é conjugado por performances competitivas (Florida 2002), em que os três T’S, são condições necessárias para aliciar trabalhadores criativos e estimular o crescimento económico. (Florida 2002)

As pessoas criativas tendem a residir em cidades que oferecem uma ampla variedade de lazer, bem como lugares potencialmente inspirados para o desenvolvimento criativo. (Florida 2002) Além disso, são designados por classes criativas, que inclui novos círculos de conhecimento, envolvendo grandes quantidades de pensamento independente, sendo considerados móveis nos termos de escolha da cidade.

*“...the Creative Class is drawn to more organic and indigenous street-level culture. The culture is “street-level” because it tends to cluster along certain streets lined with a multitude of small venues. These may include coffee shops, restaurants and bars, some of which offer performance or exhibits along with the food and drink; art galleries; bookstores and other stores; small to mid-sized theatres for film or live performance or both; and various hybrid spaces...often in storefronts or old buildings converted from other purposes. The scene may spill out onto the sidewalks, with dining tables, musicians, vendors, panhandlers, performers and plenty of passersby at all hours of the day and night.”<sup>4</sup> (Florida 2002, 182,183)*

A revisão acima, deixa claro que as cidades criativas devem abranger parâmetros de ordem social, para que estas atinjam sucesso num ambiente de competição global. Assim sendo, Florida acredita que uma cultura aber-

4

“... Classe Criativa é atraído para mais orgânica e cultura indígena ao nível da rua. A cultura é o “nível da rua”, porque tende a agrupar-se ao longo de certas ruas alinhadas com uma infinidade de lugares pequenos. Estes podem incluir cafés, restaurantes e bares, alguns dos quais oferecem desempenho ou apresentar juntamente com a comida e bebida; galerias de arte; livrarias e outras lojas; de pequeno e médio porte teatros de filme ou show ao vivo, ou ambos, e vários espaços híbridos...muitas vezes em lojas ou edifícios antigos convertidos de outros fins. A cena poderá derramar sobre as calçadas, com mesas de jantar, músicos, vendedores, pedintes, artistas e muitos transeuntes em todas as horas do dia e da noite”.

Tradução realizada pela autora, 2011

ta, criativa e livre depende dos três T's. Em relação à *tecnologia*, Richard Florida, menciona a importância da existência de ambientes de inovação e criação de empresas ligadas à tecnologia, na medida em que a atracção de talentos neste contexto emerge como desígnios para o sucesso de cidades criativas. Por *talento*, entende-se a conexão de profissionais de alta qualificação em diversas áreas, que ao serem implementados nas empresas, impulsionem oportunidades culturais, tecnológicas e criativas a fim de gerar conhecimento novo (inovação). Finalmente, quanto à *tolerância*, acredita-se em culturas inclusivas, de partilha de objectivos e aberta a diferentes contextos. Aqui, a diversidade é tomada como alavanca para inclusão de novos talentos como novas formas de articulação de práticas nas cidades. Neste âmbito, pretende-se delinear estratégias que orientam um futuro mais linear, para angariar o título de "*cidade de conhecimento*" para a cidade de Aveiro. As oportunidades futuras para esta cidade deverão ser abertas e tolerantes, como símbolo e marca da história da cidade. A história poderá passar por estabelecer relações entre a Universidade de Aveiro com as mais variadas indústrias Aveirenses e comunidades. Todos os dias, assistimos impulsos por parte da comunidade jovem, em querer angariar proximidades com o sector industrial, conseguindo com êxito, canais de comunicação importantes para o desenvolvimento de empregabilidade. Também, é necessária a construção de lugares criativos, com a finalidade de conceber redes de trabalho partilhado, pelo qual as presenças de actividades criativas e culturais originam inovação, activam práticas intergeracionais entre os habitantes e a comunidade universitária. Com exemplo ilustrativo, e colocando a educação, a investigação, a auto-aprendizagem como motores cruciais no desenvolvimento urbano das cidades, o projecto intitulado por "*Cor: Cria, Ocupa, Recuperar*" (figura 18 e 19), serve de consciência que os desejos emergentes voltam a crescer e a ter forma nas mudanças de comportamentos sociais. O projecto, pertencente aos alunos do 3º ano da Licenciatura em Design, inserido no âmbito "*Action For Age*" da Experimenta Design, tem como objectivo, desenvolver e promover novas formas de pensar sobre a realização do indivíduo, como a recuperação de não-lugares na cidade de Aveiro.





| Fig. 18 e 19

Projecto "Cor: Cria, Ocupa e Recupera". Desenvolvido pelos alunos do 3º ano de Licenciatura em Design da Universidade de Aveiro  
fonte: <https://www.facebook.com/projeto.cor>

| Fig. 20, 21, 22 e 23

Diversas intervenções nos espaços devolutos do bairro Beira-Mar da cidade de Aveiro  
fonte: <https://www.facebook.com/projeto.cor>

O projecto chama Cor (Cria, Ocupa e Recupera), porque representam os três eixos principais do projecto: *Criar*, porque qualquer cidadão pode e deve participar no projecto, desde que tenha uma ideia para uma actividade cultural, social ou comunitária (figura 20 a 23); *Ocupar*, porque a ideia ganha espaços no bairro Beira-Mar (espaço de intervenção) através da ocupação de casas abandonadas; e por fim, *Recuperar*, porque em troca do espaço, a habitação deve ser mantida e recuperada.

Sob esta realidade, o estímulo, a tolerância às ideias e às pessoas diferentes e abertura da sociedade, fomentam o empreendedorismo. É neste sentido e segundo Florida, que as próximas gerações se intitulem por recrutar estratégias na produção de conhecimento intensivo, na inovação, know-how, criatividade, imaginação, produção de ideias, onde possam facilmente enquadrar-se na sociedade e estimular economias locais. Aqui o design é visto como uma actividade que visa tornar a inovação (social, produtiva, tecnológica e relacional) possível e desejada. O design pode e deve ajudar as comunidades criativas ao construir quadros globais, em que de uma forma directa e indirecta, as comunidades e as cidades atinjam um equilíbrio entre as demandas de vida em diferentes contextos. Desta forma, o empreendedorismo incentiva a acção e a confiança de obter resultados nos locais.

Por fim, a imagem da cidade empreendedora, junta-se ao termo *marketing de experiências*. O marketing de experiências, é segundo Bernd Schmitt, "o resultado de uma observação directa e/ou da participação em acontecimentos reais, imaginários ou virtuais". O desenvolvimento destas experiências incidem em explorar territórios desconhecidos, estimular produção de

ideias e desenvolver o pensamento fluído. O próprio termo pode ser uma ferramenta de marketing de lugares. Este marketing torna os locais mais criativos, diferenciados por estratégias de branding, que buscam a tangibilidade em vivências memoráveis, à procura do inesperado, oferecendo soluções empreendedoras: *“Cada cidade tem muitas histórias. Histórias que descrevem donde a cidade veio, como se vê a si própria, onde poderá ir, a sua personalidade e as suas perspectivas na vida”*. (Landry, 2006).

## 5. OS HABITÁCULOS (I) MÓVEIS: VISÕES ANTECIPADAS NA HISTÓRIA DO DESIGN

Partindo de uma reflexão em que o Design teria como função trazer ordem à experiência humana, no capítulo presente será feito um aprofundamento dos conceitos referidos ao longo da investigação, que visa contribuir para a materialização do significado projectar no âmbito da habitação. Assim, projectar deve envolver, de cada vez, *“o questionar do sentido do projecto, envolver a sua transgressão, questionar a sua eficácia, o seu poder e actualidade”*. (José Bártolo)

Num segundo momento busca-se contextualizar o design enquanto obra aberta e crítica no artefacto habitável, de forma a apontar novas linguagens flexíveis para uma contemporaneidade marcada pela exploração da participação e da estética relacional. Por fim, apresentam-se artefactos que exigem soluções flexíveis, dinâmicas e multifuncionais, assim como modelos de análises para a elaboração do modelo de estudo.

### 5.1 O Design – a compreensão tipológica

*“Olhando para muitos projectos recentes poder-se-ia pensar estarmos em plenos anos 1970. O que representa hoje esse regresso em forma processual, do antropológico, do relacional e do político?.”* (José Bártolo)

No começo do século XX, o tema da habitação é destacada através de novas dialécticas nas mais diversas áreas de conhecimento, especialmente na Arquitectura Moderna e no Design. No entanto, no século XIX já se tinha mostrado várias experiências, no sentido de fornecer habitação com

condições necessárias e mínimas à classe industrial. Com a mudança dos meios de informação e produção de serviços ligados aos processos de industrialização, levaram a profundas alterações na habitação, nomeadamente na incorporação de noções de standardização e racionalização da unidade habitacional.

Na década 20, período destacado por profundas pesquisas tipológicas da habitação, reflectido numa imensa consciência do contexto social, político e cultural, o habitar tornou-se mais significativo no âmbito da pluralidade de áreas que a habitação proporcionava com o dimensionamento espacial. Para além de novos componentes inseridos na esfera doméstica, os novos materiais, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação criaram uma nova forma de construir: “a encomenda por catálogo do modelo e o estilo da habitação desejada”. Estas opções foram sobretudo, instaladas nos subúrbios, o que manifestou-se numa primeira fase, a limitação da preocupação das necessidades específicas de cada utilizador como as preexistências das relações e dos contextos urbanos.

Na arquitectura do Movimento Moderno, especialmente na Europa, as novas práticas da forma habitacional, tiveram como interesse novas ordens, capazes de unificar a funcionalidade, a técnica e a arte, conciliando os interesses da indústria com o pensamento artístico.

Segundo De Masi (2000), este impulso sentido nas esferas políticas à indústria, levaram novas organizações aos escritórios, aos mercados e às oficinas, em que o pensamento se reflectiu a organização Taylorista. O Taylorismo foi um modelo de racionalização da produção, fundamentada em raciocínios cada vez mais claros no âmbito da organização do trabalho. Este facto representou um papel focalizado especialmente na definição de espaços dos escritórios.



| Fig. 24

Edifício S. C. Johnson & Son Administration Building, 1937.

fonte: <http://www.delmars.com/wright/scja1.jpg>

| Fig. 25

Edifício S. C. Johnson & Son Administration Building, 1937.

fonte: <http://1957timecapsule.files.wordpress.com/2011/02/sc-johnson-wax-building.jpg>



Visivelmente, os projectos do arquitecto Frank Lloyd Wright, expõe essas dualidades na integração projectual. As figuras 24 e 25 ilustram a abordagem entre a arquitectura e o design, onde despoletou as comunicações, o automóvel e a velocidade.

Tais ideologias, viriam a ser o mote para o desenvolvimento de soluções flexíveis, que conduziram como objectivo, padrões mínimos, garantindo o bem-estar do utilizador – *Existenzminimum* - habitação para o mínimo nível de vida.

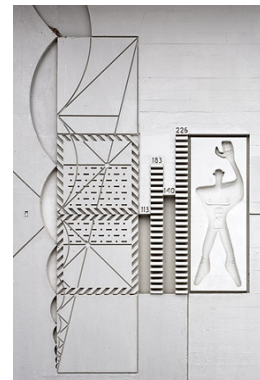
Na Europa, começava a propagar conceitos universais com forte componentes críticas da disciplina, associada a questões políticas. Do Congresso CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), surgiram conclusões determinantes para a prática arquitectónica, como para o planeamento urbano, que posteriormente se veria a realizar princípios centrados na reflexão sobre as questões da habitação económica e da habitação social. O movimento Existenzminimum, seria declarado no Congresso CIAM II em 1929, a procura da máxima racionalização da construção. No encontro, cuja temática foi o habitar, os arquitectos defendiam a necessidade da identificação do Homem com a habitação e a necessidade de revisão das condições de conforto.

Exemplo disso é o projecto Unité d'habitation de Marseille de Corbusier (figura 26 a 28). A nível de planta, são utilizadas malhas estruturais que permitem a divisão por diferentes usos, provenientes do “*mundo da máquina*”. Noutros sentidos, o estudo que remete a personificação das actividades na esfera doméstica é a proposta de Margarete Schütte-Lihottzk, considerado o protótipo “*laboratório da dona de casa*” (figura 29), equipamento com uma grande oferta máxima de conforto, usando o mínimo espaço. Este modelo, foi implementado para a classe operária, tendo como objectivo, proporcionar unidades habitáveis, focalizando a tecnologia numa actividade humana.



| Fig. 26, 27 e 28

Unité d'habitation de Marseille de Corbusier  
fonte: <http://www.marseille-citeradiouse.org/>





O mesmo conceito viria a ser explorado pelo designer Joe Colombo, onde a flexibilidade e a modularidade fazem parte de vários projectos, sendo os mais visionários designados por “*Total Furnishing Unit*” (1971) (figura 30) e “*Mini-Kitchen*” (1964). O projecto (figura 31 e 32), um paralelepípedo com as dimensões 75cm\*75cm\*90cm, de fácil deslocação através de rodas, é o bom exemplo de aplicação para espaços habitacionais reduzidos, sendo conjugado com a máxima funcionalidade. As estruturas kit’s, permitem serem transportadas e montadas em qualquer lugar, utilizando os recursos da forma, a permitir o máximo uso do equipamento e a facilidade de executar múltiplas actividades.

Com a evolução de técnicas desenvolvidas nos projectos habitar, simultaneamente surge um grupo designado por *Archigram*. Os seus projectos de carácter futurista, sob uma base ficção científica e irónica, procuravam despertar à sociedade, o imaginário, a fantasia e a sedução da era espacial. Exemplo destas utopias imaginárias, um dos projectos que até hoje é falado, é o projecto *Walking City* de Ron Herron, cujas mega-estruturas se deslocavam no próprio território.

Os Archigram (figura 33) introduziram diferentes conceitos no mundo da arquitectura residencial e urbana. Seus projectos evidenciavam um mundo versátil e flexível, onde o homem tinha possibilidade de escolha e a arquitectura acompanhava as suas necessidades. O homem vivia num movimento e numa mudança constante. Como solução, apontaram paisagens marcadas por cápsulas, estruturas móveis, *trailers*, carros, que simultaneamente, poderiam ter várias funções, incluindo a usabilidade da habitação. As casas eram classificadas como verdadeiras máquinas, providas de uma exigência tecnológica, cujo objectivo era satisfazer os desejos e as necessidades de uma forma simples e directa.



| Fig. 29

Frankfurt kitchen, 1926.

fonte: <http://www.uh.edu/engines/epl2577.htm>

| Fig. 30

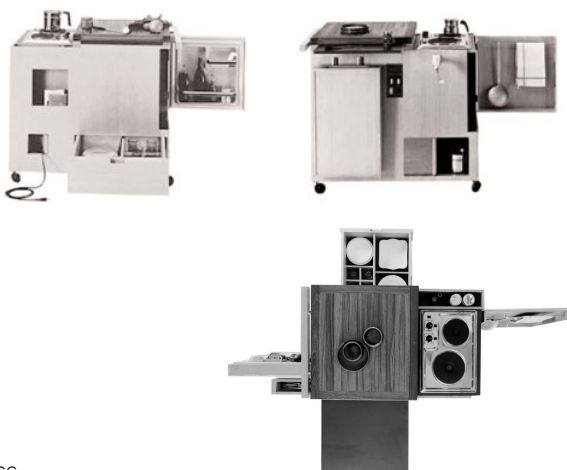
Total Furnishing Unit, 1971.

fonte: [http://www.museum-joanneum.at/upload/file/Total\\_20Furnishing\\_20Unit\\_1\\_.jpg](http://www.museum-joanneum.at/upload/file/Total_20Furnishing_20Unit_1_.jpg)

| Fig. 31 e 32

Mini-Kitchen, 1964.

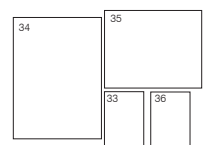
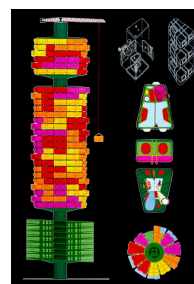
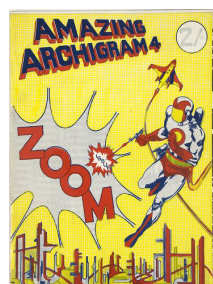
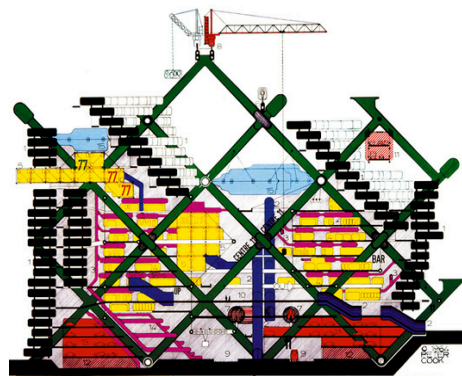
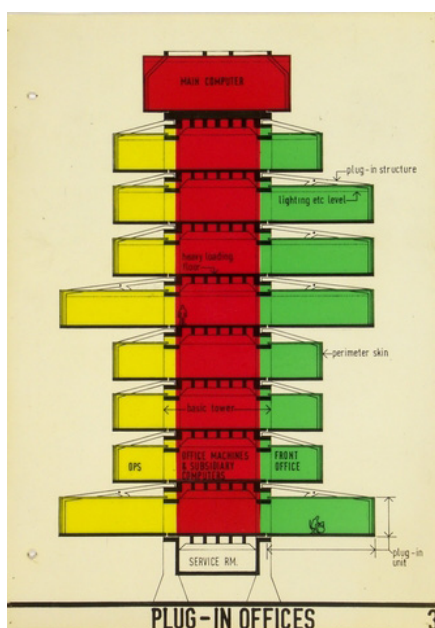
fonte: <http://www.wearprivate.net/blog/?p=792>



A abordagem sentida nesta era utópica, permitiu às experimentações, consideradas referências, inspirações para a construção do século XXI, estabelecer os princípios essenciais, como a autonomia, a possibilidade de criação, o conforto, a flexibilidade, a mobilidade e a adaptabilidade como formas a traduzir nas sociedades.

Mais tarde, as criações dos Archigram influenciaram posições sobre o futuro do homem, da arquitectura e consequentemente da cidade. Desta forma, a habitação estava ligada ao mundo de constantes evoluções e substituições, em que o homem passava a ter um papel mais interactivo, mais criativo e mais presente, associado à tecnologia e à sociedade de consumo.

Neste âmbito, foram destacados mais projectos; *Plug-in City* (1964), (figura 34 e 35), *Ville Spatiale* (1958), constituídos por células habitacionais como produto extensível, demonstrando o fascínio por unidades flexíveis, autónomas e suspensas. Os protótipos na época, avivaram interesses na transposição da escala do objecto arquitectónico para a escala da cidade, em que as noções metamorfose, nomadismo, tecnologia, flexibilidade e consumo, tornaram-se patentes no desenvolvimento de mega-estruturas. Através da expressão máxima, o utilizador assume o papel de interveniente, no modo como experimentar as propostas urbanas, que por um lado, o individualismo é assumido pela personalização quanto à organização espacial e pela manipulação acessível aos componentes tecnológicos.



| Fig. 33

Magazine Archigram n.º 4

fonte: [http://archigram.westminster.ac.uk/img/prj\\_thumbs/4040\\_medium.jpg](http://archigram.westminster.ac.uk/img/prj_thumbs/4040_medium.jpg)

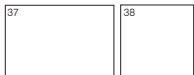
| Fig. 34, 35 e 36

Projectos Archigram

fonte: [http://www.archigram.net/projects\\_pages/plug\\_in\\_city.html](http://www.archigram.net/projects_pages/plug_in_city.html)

Os membros do grupo idealizavam um conjunto de ideias, imagens e objectos inspirados nas múltiplas possibilidades da alta tecnologia e ciência. Imaginavam plataformas que voassem como foguetes, que afundassem em águas como glóbulos. Os projectos estavam relacionados às transformações provocadas pelos novos sistemas de transporte, comunicação e electrónica (figura 36).

As propostas foram criadas como suporte de sistemas de serviços, em que a cidade-rede era posicionada por unidades arquitectónicas inteligentes, com o intuito, de suprir todas as necessidades dos utilizadores. Decompondo a complexidade nas estruturas e dando particular importância à produção industrial da habitação, a dinâmica existente remetia para pequenas dimensões, confortáveis e flexíveis. As células (figura 37 e 38) do projecto *Torre de Cápsulas Nagakin* (1972), projectado por Kisho Kurokawa são igualmente concebidas de modo a permitir hospedar apenas um indivíduo ou famílias, de acordo com a união de várias cápsulas.



| Fig. 37 e 38

Cápsulas Nagakin, 1972.

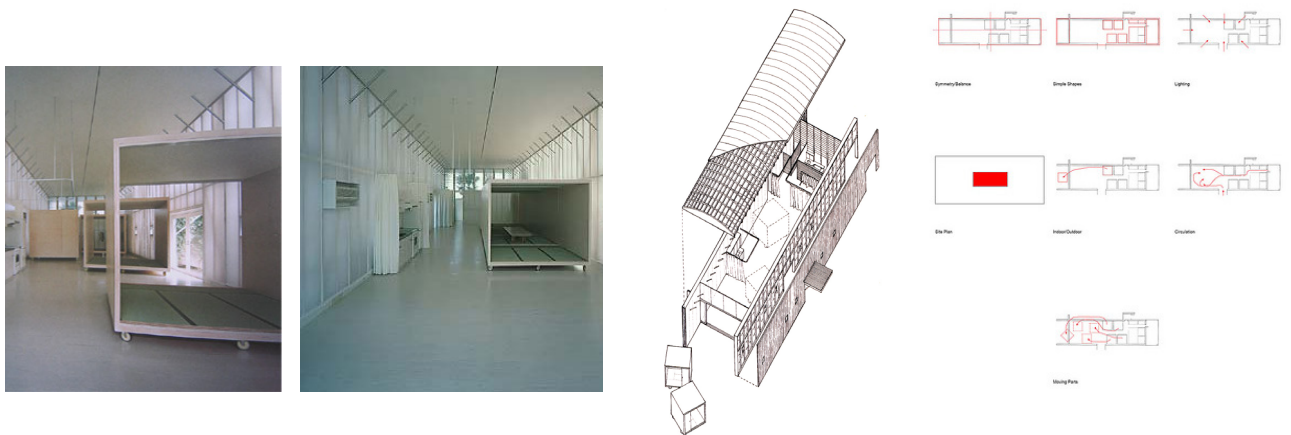
fonte: <http://www.pristina.org/2009/07/13/a-demolicao-da-torre-de-capsulas-de-kisho-kurokawa/>



É de salientar, que cada célula possui uma só janela circular, fazendo referência ao pensamento em série (objectos de consumo) e metaforicamente a máquinas de lavar.

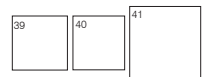
A partir destas intervenções arquitectónicas nas cidades, a flexibilidade foi um ponto de viragem para novas formas de sociabilidade na esfera doméstica. Assistimos, à entrada do ciberespaço, em que as interfaces dos aparelhos de comunicação proporcionaram cada vez mais, espaços pensados para grandes tendências técnicas contemporâneas. Por outro lado, a utilização da tecnologia, conduziu a uma miniaturização dos espaços e dos produtos. As representações de produtos, permitiu integrar várias funcionalidades num só espaço, do qual são indicadores de importância para o desenvolvimento da economia espacial. Com isto, a resolução da habita-

ção passou por projectos mais precisos, exprimindo a máxima flexibilidade no contexto doméstico. Exemplos como, “*Apartment Building in Fukuoka*” de Steven Hall; “*Naked House*” (figura 39 e 40) de Shigeru Ban; exprimem oportunidades de construção de habitação mais social, humana e agradável. Cada solução corresponde adequadamente aos desejos dos utilizadores, referentes às tais dimensões que são enunciadas, onde se mostra que os desejos da criatividade, leveza, estética, simplicidade, segurança são compatíveis com lugares mínimos (figura 41).



Na maioria dos casos, os resultados tornaram-se experimentações, das quais hoje são aplicadas, impostas nas sociedades por questões económicas ou técnicas. Exemplos a considerar, são as pesquisas desenvolvidas por Horden Cherry Lee e Haack Hopner “*Micro-compact Home*” (figura 42 e 43); Mart de Jong “*Spacebox*” (figura 44 e 45) dirigidos especialmente para estudantes. A organização espacial destes projectos está dividida por zonas compactas, influenciadas pela arquitectura japonesa, onde a entrada, área de cozinha e sanitários estão plantados numa mesma área e circulação.

A procura do habitar mínimo deve-se ao facto de ir ao encontro das necessidades do utilizador, estando a solução relacionada maioritariamente com factores sociais e económicos. Trata-se de projectos que requerem a máxima utilidade de implementação, combinando o conforto como principal característica. Nestes casos, verifica-se que os utilizadores procuram formas de potenciar o espaço e os recursos disponíveis, que para alguns a necessidade passa pela simplicidade do espaço, em que para outros a questão da adaptabilidade espacial é importante. Também, verifica-se exponencialmente habitações com áreas muito reduzidas, específicas para



| Fig. 39 e 40

Naked House, 2000.

fonte: [http://www.designboom.com/history/ban\\_naked.html](http://www.designboom.com/history/ban_naked.html)

| Fig. 41

Desenhos ilustrativos

<http://issile.blogspot.com/2008/12/naked-house-shigeru-ban.html>



peçoas que consideram somente o essencial para viver.



| Fig. 42 e 43

(M-CH) Micro-compact Home, 2005.

fonte: <http://www.microcompacthome.com/>

| Fig. 44 e 45

Spacebox, 2005.

fonte: <http://www.spacebox.nl/>

Como verificamos nas abordagens projectuais da habitação, o estudo de produtos permitiu tornar viável o desenvolvimento de soluções mais optimizadas, em que existe uma grande variedade disponível e de fácil utilização. O propósito deste ponto, é pois demonstrar o aumento do sentido de comunidade entre os habitantes e articular a heterogeneidade circundante. Sendo estas as matrizes essenciais, definidoras daquilo que a flexibilidade representa num contexto doméstico, o potencial da habitação mínima converte-se numa nova forma de viver. A limitação de espaço disponível, será o factor impulsionador na conjugação destes elementos, à criação de um ambiente a um preço inferior, com mais conforto do que a actual habitação. Em relação à dimensão económica, actualmente a relação do custo e de área é um dos motivos pela escolha de sistemas que permitem desempenhar várias funções em simultâneo. Neste aspecto, realiza-se projectos abertos, livres, que atentam a uma maior criatividade, condicionada pelo orçamento e pelos materiais a serem utilizados. Além dos indicadores apontados para o cruzamento de mobiliário e área habitacional, algumas experiências realizadas ao nível da dinamização e aproveitamento de espa-

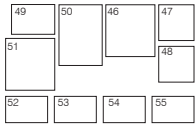
ço, efectivamente procura-se por parte dos utilizadores, respostas diárias às suas necessidades; dormir, comer, conviver e lazer, mas também possibilidades indetermináveis de organização de equipamento.

Porém, as novas formas de habitar potenciaram equipamentos multifuncionais ou polivalentes, proporcionando ao utilizador artefactos versáteis, sob um desejo de personalização. Verifica-se nas camadas mais jovens, o adquirir por elementos de mobiliário “*tipo IKEA*”, cujas propriedades podem ser modificadas e instaladas segundo as instâncias dos utilizadores. Do ponto de vista do Design, estes equipamentos surgem também como uma forma de potenciar as transformações diárias, que se prende com a actual emergência dos estilos de vida.

Efemeridade, transitoriedade são características adoptadas a estes equipamentos que possibilitam a distribuição de actividades na amplitude do espaço. É num contexto global, de aumento de ritmos, que acaba por um lado, se perder a identidade de “*lar*” ou “*minha casa*”, mas noutro sentido, reforça a própria transformação do equipamento, transpondo para a natureza doméstica, continuidades sucessivas de interpretações do próprio mobiliário. Ou seja, tais metamorfoses evidenciam experiências individuais do habitar, revelados em exemplos contemporâneos, que exploram pré-configurações da habitação. Além dos traços de personalidade, a libertação de espaço em relação às futuras práticas domésticas, comprovam soluções desmontáveis, identificando tendências cada vez mais solicitadas.

No geral, conclui-se à criação de novas habitações emergentes, que pretendem alcançar uma sociedade de mobilidade, onde o utilizador pode levar consigo o que para si é o seu lar. Na generalidade, o equipamento poder ser vantajoso em variadas situações, sobretudo económicas, com grandes capacidades de individualização e apropriação.

O utilizador torna-se projectista do próprio projecto (figura 46 a 48), podendo adicionar sub-espacos com diversas atribuições funcionais. Em termos físicos, de dimensão, encontram-se misturas público-privado. Esta dicotomia público-privado assume diversas noções quando aplicada a habitabilidade, que permite as mais diferentes interpretações; conceptuais, formais, funcionais e urbanas. As redefinições do projecto habitacional, permitiu ao *Design*, produzir cenários mais amplos de projecção integral, que totaliza espacos, objectos e organismos vivos (figura 49, 50 e 51). Ou seja, o design desenvolve projecções de diferentes escalas (figura 52 a 55), vei-



| Fig. 46, 47 e 48

Doubleside, Matali Crasset

fonte: <http://www.matalicrasset.com/>

| Fig. 49, 50 e 51

Restarted Dress, Fernando Brizio.

fonte: <http://www.designboom.com/weblog/cat/26/view/3222/flexibility-renewable-clothing-by-fernando-brizio.html>

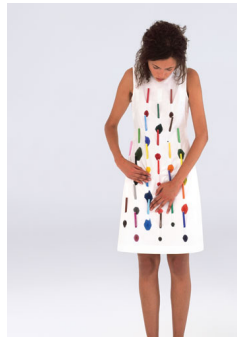
| Fig. 52, 53, 54 e 55

System 2K07, Miguel Rios

fonte: <http://miguelriosdesign.eu/pt/>

culadas pela recomposição do projecto da casa e “da cidade a partir do objecto” (José Bártolo), em que:

*“O mobiliário e o equipamento doméstico são, então não só um material constitutivo da habitação, mas igualmente um material constitutivo de “estruturas-soft” que regulam a experiência doméstica, que impõem ritmos, comportamentos, mentalidades. A experiência de si e a experiência do outro são transformadas pela presença do objecto não apenas enquanto mediador da experiência mas, cada vez mais, enquanto constituinte da experiência”. (José Bártolo, 82)*



## 5.2 A evolução da flexibilidade – o artefacto habitável

Actualmente, os avanços parecem atender principalmente para o domínio da flexibilidade. A sociedade evoluiu de uma organização baseada em serviços para uma baseada na mobilidade. A urgência de espaços mais adaptáveis e flexíveis deriva sobretudo, de alterações de comportamento social e dos estilos de vida. As frequentes alterações laborais permitem estruturar modulações do espaço, que possibilitam o máximo de funções que o mobiliário e a arquitectura apresentam.

Com a subversão do sentido produtivo nas perspectivas das utopias realizadas na década sessenta, o design teve então um papel fundamental ao nível da flexibilidade e versatilidade dos espaços domésticos. Resultado de cenários, onde é patente a necessidade de adaptação do espaço da casa

ao espaço trabalho, hoje apresenta-se uma mescla de *work in progress* de passado e futuro. Assim, os artefactos contemporâneos convergem velhos e novos sonhos de habitar, reinterpretando a privacidade, conforto, colectivo numa poli-funcionalidade, dando forma de imediato, à diversidade de actividades e à flexibilidade nas relações entre as necessidades da vida moderna.

É com base numa clara introdução de tipologias alternativas no espaço doméstico, surge *open-space* enquanto base de trabalho, proporcionando apropriações intituladas por co-autor, em que a habitação deve ser projectada para o habitante e não este que tem de se adaptar à habitação.

Trata-se da revolução do habitar, que acompanha as mudanças no contexto social, onde cada vez mais, a casa é o escritório, que permite criar sucessivas realidades distintas, segundo perspectivas efémeras. Para tal, é necessário referir que a flexibilidade como facto natural do espaço está relacionada com adaptabilidade e funcionalidade.

Considera-se o termo flexibilidade no que diz respeito às possíveis distribuições do programa no espaço doméstico, com usos potenciados por diversos factores. Ou seja, flexibilidade é um conceito ligado à organização do projecto, que implica liberdade de organização espacial e possibilidade de manipular o artefacto em diversas variações, sem mudar o sistema construtivo.

*“What is meant by flexibility? Does it refer to the capacity to move and rearrange furniture at the discretion of the user, allowing the use to change according to need? Alternatively, does it mean that a space is adaptable and able to support pedagogical alternatives - in other words, different modes of teaching and learning?”* <sup>5</sup>(Boys 2011, 18)

Jos Boys, acrescenta ainda que a flexibilidade é realmente activar sobre diferentes modos de ensino e aprendizagem. Na verdade, o que é necessário na questão de flexibilidade, é o desenvolvimento de técnicas para o mapeamento criativo e construtivo, como a aprendizagem de práticas flexíveis nos espaços.

Este é um tema actual no debate do espaço doméstico e nos produtos industriais, pelo qual a flexibilidade pretende também compactar os serviços e os equipamentos num sistema definido, de forma a libertar a área do espaço doméstico, tendo em conta outros elementos construtivos.

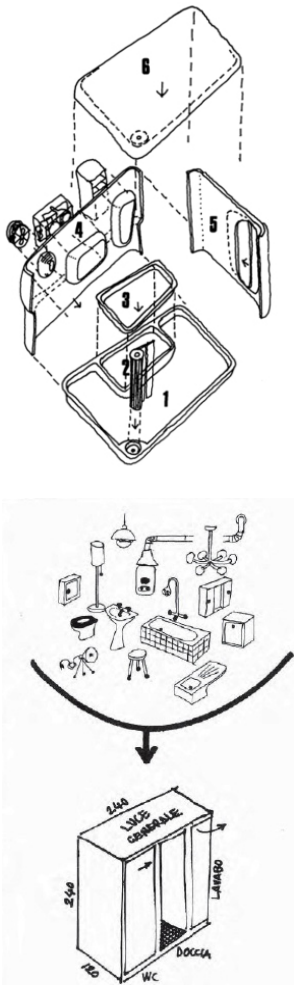
O projecto *“Spazio Abitabili”* (figura 56 e 57), desenvolvido em 1968 para a

5

“Que se entende por flexibilidade? Refere-se à capacidade de mover-se e reorganizar móveis, a critério do usuário, permitindo o uso de mudar de acordo com a necessidade?”

Em alternativa, significa que um espaço é adaptável e capaz de suportar alternativas pedagógicas - em outras palavras, diferentes modos de ensinar e aprender?”.

Tradução realizada pela autora, 2011



| Fig. 56 e 57

Spazio abitabili, Bruno Munari com Lorenzo Forges Dovanzati e Piero Ranzani, 1968  
 fonte: [http://books.google.pt/books?id=HdNo-x0-wmUC&pg=PA272&dq=Spazio+abitabile+bruno+munari&hl=pt-PT&ei=xSDATuSBHlu18QO3g6C3BA&sa=X&oi=book\\_result&ct=book-](http://books.google.pt/books?id=HdNo-x0-wmUC&pg=PA272&dq=Spazio+abitabile+bruno+munari&hl=pt-PT&ei=xSDATuSBHlu18QO3g6C3BA&sa=X&oi=book_result&ct=book-)

Trienal de Milão, com a colaboração de Bruno Munari, baseia-se em princípios de flexibilidade dentro de um volume, permitindo diferentes combinações em vários serviços. Este projecto, oferece soluções personalizáveis, podendo o habitante intervir na escolha dos serviços, podendo desafiar abordagens significativas em relação às suas práticas.

Numa referência clara à flexibilidade, os projectos procuram a máxima eficiência da construção do artefacto, desde o interior da célula habitacional ao projecto urbano. Com as variadas instalações no objecto doméstico, a possibilidade de interagir à distância e em tempo real, concretiza o artefacto cada vez mais activo. Este une o trabalho e o habitar no mesmo ambiente, das quais as actividades da vida doméstica, social, trabalho, produção e lazer interagem continuamente. Tais projectos desenvolvem linguagens diversas que possibilitam princípios de adaptabilidade à configuração do desenho habitado. Segundo Fernando Brizio, o desenho habitado relaciona com o nosso corpo, sentido e mente. A forma que o objecto possui, “*fixa pontos, coordenadas flutuantes*” na condição das acções e movimentos que executamos no quotidiano. De acordo com Paolo Deganello, o projectar é a busca, a reflexão, o implícito do que se pode alcançar num objecto final. O projecto reside na faculdade de questionar permanentemente a prática projectual. O designer, assim, concebe processos coreógrafos no pensamento projectual, atingindo a adaptabilidade como capacidade, de transformar o objecto ao longo do seu ciclo de vida, potencializando o uso da peça.

A adaptabilidade é um meio de mecanismo e sistema, que facilita a sua adaptação a situações específicas.

*“O mundo é um enorme desenho habitado porque vivemos em ambientes artificiais formados por objectos projectados e construídos com o auxílio de desenhos; logo o nosso quotidiano, usamos e habitamos os desenhos que foram utilizados durante a sua concepção e construção.” (Fernando Brizio, blue design p.100)*

Deste modo, a análise a prosseguir incide no aspecto do homem adaptável ao produto, enquanto elemento fortemente cultural. Existem, apropriações excludentes à adaptabilidade ao espaço privado e público, no entanto, é necessário ter em atenção aos usos de ordem pública nos espaços privados e vice-versa.

O comum desta reflexão, é um tema em discussão, porque embora pa-



reça viável a ideia do poder público tirar vantagens do poder privado, é fundamental que haja uma certa informalidade nos espaços domésticos enquanto produções adaptáveis. Hoje em dia, a relação entre o público e o privado dependem do quotidiano, da relação casa, escritório, escola, hospital, estações, enfim “*a cidade como um todo*”. Hoje, as relações se fundem e se sobrepõem, dando origem a urbanos adaptáveis. O novo projecto doméstico gera novos modelos cognitivos e comportamentais, em que o público e o privado dependem das suas especificações. Ou seja, é incontornável definir barreiras entre as duas esferas, mas as tendências da unidade doméstica despertam novos caminhos de experiências em torno do domínio privado/público.

Neste contexto, a dinâmica da actualidade e perante um *briefing fluído* no design, envolve a possibilidade de manter em aberto os dois domínios, podendo o indivíduo limitar o poder de cada um. Desta forma, e segundo Daniel Innerarity, pode-se considerar que:

*“Os espaços são públicos no sentido em que não são privados, mas não são em absoluto públicos em referência à criação de uma forma de vida colectiva” (Innerarity, O novo espaço público 2010, 135)*

O mesmo autor propõe a privatização do público e a politização do privado, considerando a interdependência global como uma esfera íntima total (idem, 32). Ou seja, o “*privado irrompe no espaço público e é nele cultivado como tal.*” Assim, se passa como no design, o que começa a ser privado no momento de elaboração do desenho e de cenários, termina como objecto público, quando se dá a conhecer, sentir e a experimentar. O comum no projecto em design, delimita as interferências causadas pelas actividades que o indivíduo coloca nas suas situações, considerando que ainda existe grande dificuldade em estabelecer com exactidão onde começa o público e onde termina o privado (idem, 34).

As próximas figuras (58 a 63), apresentam-se projectos que pretendem interpretar o movimento existente entre o privado e o público. Por sua vez, a experiência do essencial das duas esferas, ocorre quando o movimento do indivíduo acontece de uma forma natural, em que “*um objecto é tanto mais poético quanto, num preciso momento, atinge um ponto onde se torna um espelho do utilizador.*” (Ronan e Erwan Bouroullec)

58	59
60	61
62	63

**| Fig. 58**

Orgatec, 2006.

fonte: <http://www.bouroullec.com/>



**| Fig. 59**

Alcove sofa highback, 2007

fonte: <http://www.bouroullec.com/>

**| Fig. 60**

The Stitch Room, 2007

fonte: <http://www.bouroullec.com/>

**| Fig. 61**

"Étapes" exhibition at la Villa Noailles, 2008

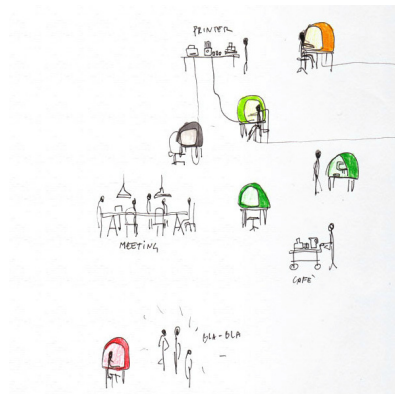
fonte: <http://www.bouroullec.com/>



**| Fig. 62 e 63**

Rewrite, 2009

fonte: <http://gamfratesi.com/>



## 6. O *PRODUCT SERVICE AND SYSTEM* (PSS): NECESSIDADE DE CRIAÇÃO DE UMA VISÃO

No presente capítulo, é discutido inicialmente o conceito de *product service and system* como um paradigma emergente capaz de influenciar o modo de pensar e agir num contexto nas mais diferentes áreas de conhecimento. Num segundo momento, o sistema é apresentado segundo a temática da investigação; o habitar, o que é feito uma breve análise das transformações sob o ponto de vista metodológico do Design. Posteriormente, afiguram-se conceitos ligados ao *Design Estratégico*, e por fim, abordagens evolutivas, introduzindo assim a temática no estudo.

## 6.1 O conceito de sistema: abordagens evolutivas

O pensamento moderno e contemporâneo faz uso do conceito sistema, ao distinguir previamente os conceitos, funções, estruturas e processos. No mesmo sentido, nos cenários actuais a própria definição de sistema é utilizada intuitivamente.

Nesta condição, sistema é portanto uma forma lógica de apreensão da realidade, em que a descrição ou os traços da mesma permitem uma condição de ordem e de proposição de formas operativas para um dado objetivo. Nestes termos, o conceito da teoria de sistema é o *sistema* (do grego *systema*; *reunião, conjunto*), que pode ser definido como conjunturas de entidades, relacionadas entre si, de modo a formar uma unidade ou um todo. Aqui as entidades podem ser pessoas, objectos, informações, meio natural, ou mesmo subsistemas.

Segundo Checkland (1994), o sistema é um conjunto de elementos relacionados mutuamente que por alguma forma de interacção constitui um todo tendo propriedades sob várias versões sistémicas:

*“(...) um todo adaptativo; uma entidade com propriedades emergentes; estruturação em níveis e processos de comunicação e controle que permitem a adaptação a um ambiente de mudança”. (Checkland, 1994,191)*

O termo sistema desperta vários significados, pelo facto das teorias emergentes incutirem questões interdisciplinares (economia, política, ciências sociais) com as diferentes disciplinas (design, medicina, história, engenharia), formulando teorias sistémicas específicas. Seu âmbito está ligado a inúmeras naturezas, cujas representações podem identificar relações entre as partes de um sistema por meio das relações efeito-causa-efeito.

*“Un sistema es un todo complejo cuyas partes o componentes están relacionadas de tal modo que el objeto se comporta en ciertos respectos como una unidade y no un mero conjunto de elementos. Y un sistema concreto es un sistema cuyos componentes son objectos concretos o cosas. Cada uno de los componentes de un sistema concreto influye sobre algunos otros componentes del sistema”.<sup>6</sup>(Mario Bunge,101)*

Neste sentido, também é importante um entendimento sob a natureza do pensamento sistémico, pelo qual o *“comportamento de todos os sistemas segue certos princípios comuns, cuja natureza está sendo descoberta e articulada”* (Senge, 1995,23). Este pensamento abrange diversos métodos,

6

“Um sistema é um todo complexo cujas partes ou componentes são relacionados para que o objeto se comporta em alguns aspectos como uma unidade e não um mero conjunto de elementos. E um sistema concreto é um sistema cujos componentes são objetos específicos ou coisas. Cada um dos componentes de um sistema concreto influencia alguns outros componentes do sistema”.

Tradução realizada pela autora, 2011



ferramentas, os quais têm como finalidade avaliar a relação existente entre as essências intrínsecas em contextos externos. Podendo ser entendido, como a capacidade de perceber e avaliar as consequências das acções, a dinâmica do sistema procura observar as forças como partes de um processo integrado. Ou seja, segundo Senge (1995) o pensamento sistémico baseia-se em explicar as características segundo padrões de comportamento entre as partes e as estruturas determinantes. Tais características, têm um carácter recíproco, uma vez que qualquer influência parte de diversos sentidos. A perspectiva sistémica permite compreender melhor a complexidade da emergência de ideias e *“conduz-nos aos factores que compõem um sistema que, em interacção com outros sistemas, cria novidade”*. (Tschimmel 2011, 13)

Neste contexto, sistemas são composições, comunidades, territórios, cidades, que ao longo do seu processo de continuidade têm desenvolvido a capacidade de se adaptar e reestruturar criativamente. Emergência é um dos conceitos centrais na Teoria de Sistemas. Além de auxiliar o termo sistémico, os cidadãos anseiam por trabalhos, ambientes, espaços mais criativos, em que o sistema criativo é um sistema do qual emergem ideias. Tais ideias referem-se à visão de processos em substituição à visão de objectos, prevalecendo o conhecimento das principais características de um todo que se encontram nas relações:

*“Existem diferentes tipos de sistemas criativos. Um deles é claramente, a natureza. Outros são os indivíduos e o grupo de pessoas. (...) Porque existem muitos elementos implicados na emergência de ideias novas. (...) Porque quando falamos de sistemas criativos, pensamos em sistemas que gerem ideias com valor: valor social, tecnológico, educativo, cultural. Sistemas que geram conhecimento novo e útil. Sistemas que têm a capacidade de recombinação o conhecimento disponível para gerar mais conhecimento”*. (Tschimmel 2011, 13,14)

A abordagem no pensamento sistémico oferece uma simplificação a partir da compreensão da complexidade, sendo o ambiente sociocultural ponto de partida para a criação de um sistema.

Neste campo, é determinante a importância do contexto, pois é nele, que concretizam as experiências de vida, impulsos culturais, eventos criativos, novas informações, que num todo gera a mudança de qualquer sistema. Por sua vez, Mario Bunge, defende o sistema social como um dos elemen-

tos fundamentais para a explicação de um sistema, combinando em três factores; a *composição*, *meio ambiente*, *estrutura*. E assegura:

*“A representação mais simples de um sistema concreto num momento dado é a lista da sua composição, meio ambiente e estrutura:  $m(s) = \langle C(s), M(s), E(s) \rangle$ . A composição (C) é o conjunto das partes do sistema (S). O meio ambiente (M) é o conjunto de coisas que não estão dentro do sistema e que estão ligadas a partes do sistema. A estrutura de s (E) é o conjunto de relações entre os membros de S mais as relações entre estes e os de  $M(s)$ ”. (Tschimmel 2011, 25)*

Cabe salientar ainda que, numa concepção sistémica é fundamental a inclusão de conhecimentos oriundos da criatividade, que permitem múltiplas opções sob a influência das mudanças sociais. É sobretudo no ser humano, que a criatividade tem maior influência, pois reconhece acções criativas quando há consequentemente resultados novos. Assim, a acção criativa contribui para a evolução do mundo sistémico de artefactos, criando resultados originais, segundo a interacção entre o criador e o público, sendo o efeito de um processo criativo de domínio cultural.

## 6.2 O product service and system articulado com a natureza da tese

*“ O que é importante é a ideia de individualizar um “sistema”, isto é, de operar com poucas variáveis, ligadas entre si, para obter resultados completos e diversos, tanto construtivos, quanto espaciais ou estruturais.”*  
(Iñaki abalos)

No complexo panorama do *Design* actual, o pensamento sistémico desenvolve uma nova atitude em relação à abordagem da realidade, uma vez que a sociedade é destacada pela complexidade de redes e sistemas, cujas propriedades são valorizadas naturalmente pelos seus princípios de organização, como a integração de técnicas e de conhecimento.

Para complementar este raciocínio, Menori aponta o pensamento sistémico para um design mais processual, que tem a ver com a *“atribuição de um sistema de regras, crenças, valores e instrumentos aos corpos sociais e de mercado, tornando-os assim mais aptos para evoluir e sobreviver no ambiente de mercado, bem como defender e desenvolver a sua própria iden-*

tidade” (Menori, 2008). Entretanto, cabe destacar que o sistema produto permite uma visão assente pela troca social, “*próximos dos outros*”.(idem) De acordo com Francesco Mauri, o *product service and system* “*torna-se num verdadeiro próprio meio de relações sociais*”, em que o sistema é um conjunto de serviços, produtos e comunicações com quais uma entidade apresenta ao mercado, colocando a sua própria estratégia na sociedade. Nesta linha de pensamento, o *conceito product service and system (PSS)* teve na sua origem, nos anos 90, no norte da Europa. No início, a abordagem centrou-se no lema “*vender performances*” ao invés de “*vender bens*”. É considerado, como uma estratégia em que o sistema actua para que o valor do produto seja tangível na procura de novas soluções, apontadas por Menori (2008) como produtos complexos e sistemas de serviços.

Perante as mudanças de uma sociedade pós-industrial (dos serviços, da experiência e do conhecimento), a natureza do pensamento em design modifica, que até aqui, em parte os modelos metodológicos eram pensados numa lógica de análise-síntese, de sistemas fechados, que demonstraram insuficientes à complexa demanda das relações dos utilizadores. Actualmente, a cultura do design adquiri uma quarta dimensão do projecto, notificada pelo tempo. Esta mudança deve-se ao facto da actividade projectual ser compreendida por desenvolvimentos participativos, que se estabelecem canais de comunicação entre aspectos (in) tangíveis.

Ao mesmo tempo, as actividades estabelecidas entre os serviços, sistemas e design podem atingir “*uma capacidade tríplice de ter uma visão, de conhecer os recursos disponíveis e de implementar uma estratégia adequada*”. (Manzini)

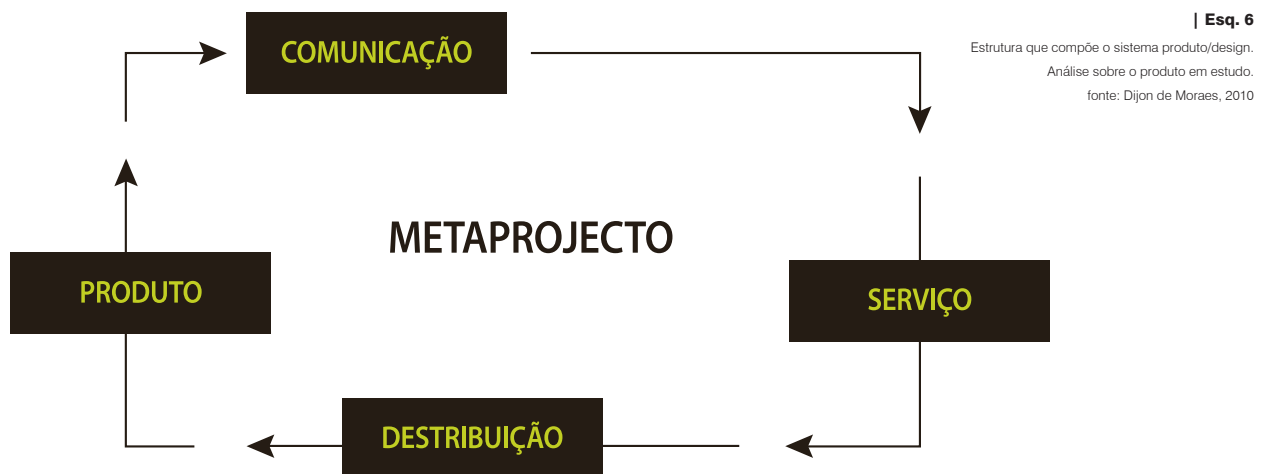
De acordo com esta conjuntura, o design assume características de articulação, pelo qual a materialização sistémica provém sob a crise do paradigma, onde as estruturas complexas não podem ser relacionadas isoladamente, uma vez que o sistema é um artefacto flexível e interdependente. Assim sendo, o valor de sistema na cultura do projecto, propõe conferir diversas alternativas à prática projectual, em que o raciocínio acompanha padrões de mudança, no qual o design é visto como carácter agregador e mediador entre a cultura produtiva e a cultura mercadológica. Ou seja, os serviços, produtos, cenários, sistemas de comunicação, vão para além do produto físico, onde se apresenta o *status quo* da investigação.

Um outro aspecto importante nos sistemas é a sua dinâmica intrínseca, que

sucede por um conjunto de características imateriais, cujo produto é uma mensagem, capaz de transmitir a sua própria personalidade. É indispensável, referir que o processo em design é interferido no âmbito de sistema de relações, que decorre segundo a compreensão de perspectivas humanas. O designer deve ver o mundo como uma visão mais amplificada, podendo projectar o desejo de “*obter o produto, o amor, a estima e o convite ao seu uso*” (Moraes 2010).

Sobre esta natureza, para Manzini, os serviços são considerados como estímulos ao uso dos produtos, visando a sustentabilidade, em que surge uma visão sistémica sobre o projecto de serviços, integrando processos, produtos e pontos de contacto. Assim, o ponto-chave no design estratégico é a necessidade de despontar uma óptica mutável em relação ao desenvolvimento de sistemas (esquema 6), pelo qual as possibilidades dependem, em algum sentido, da forma ou das características que o ambiente proporciona.

Hoje, o design tende a projectar experiências e significados que agregam valores aos seus artefactos, do qual o interesse pelo projecto reside na forma como o indivíduo se relaciona com os atributos do produto.



No fundo, trata-se de “*olhares cruzados*”, em que o designer não projecta apenas artefactos desprovidos de significados, mas sim, uma cadeia de valor. Trata-se de um resgatar a cultura do projecto como uma competência principal do design, colocando-a no centro de decisões estratégicas multidisciplinares. É necessário ver o projecto em design, como aberto a novos eventos, prevendo a necessidade de mudanças (quadro 1) “*e incor-*

porando o usuário como participante activo da solução que será proposta".  
(Krucken 2009)

| Qrd. 1

Perspectiva sistémica do projecto.  
fonte: Lia Krucken, 2009

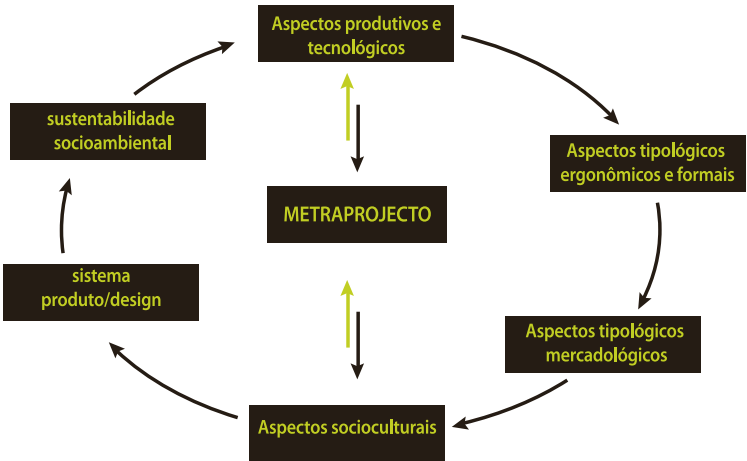
Características do contexto	Complexidade e Incerteza
Características do projecto	Dinâmico, aberto a novos eventos
Foco	Sistemas de produtos e serviços
Valores	Diversidade, flexibilidade, sustentabilidade, conectividade, interactividade
Autoria do projecto	Distribuída ou colectiva
Papel do utilizador	Actor que coproduz valor e faz parte da inovação
Papel do designer	Facilitar e apoiar a colaboração e o desenvolvimento de inovações colectivas e sistémicas
Competências necessárias	Interlocução, capacidade de análise simbólica, capacidade de desenvolver relações transversais na sociedade, habilidade de escuta e de acção em diferentes contextos, capacidade de integração de conhecimentos de diversas áreas

Desta forma, o *product service and system* faz parte de uma vasta de anti-dotos (Francesco Zurlo), definindo como produto ampliado. A partir deste entendimento, a relação de sistemas reside na acção pensada de forma estratégica e coordenada dentro de um sistema que busca modelos mais amplos e de estratégias globais. Exemplo disso, empresas como a *Apple* ou *Ikea*, que incutem na cultura do projecto, como competência de serviços. Assim, o modelo de construção de sistemas divide o processo em duas fases importantes; a primeira designada como *metaprojecto* e a outra como *projecto propriamente dita*.

É neste cenário, que o metaprojecto (Moraes 2010) desenvolve diferentes etapas (esquema 7) todas congruentes pela elaboração de um ou mais cenários, por meio de novas propostas conceptuais. São estas destinadas a um novo produto ou serviço, “ou a efectuação de análises correctivas (*diagnose*) em produtos e ou serviços já existentes”. (D. D. Moraes 2010)

| Esq. 7

Esquema sintético das relações do metaprojecto.  
fonte: Dijon de Moraes, 2010



O metaprojecto realiza-se anteriormente ao projecto, por meio de pesquisa contextual, como compreensão do acto projectual. Pelo seu carácter multidisciplinar e abrangente, o metaprojecto expõe-se como um suporte possível à metodologia convencional, pela sua incorporação de possíveis práticas que contemplam a construção de estratégias de desenvolvimento, ao invés da metodologia tradicional que operava num sentido estático e previsível. De acordo com Dijon de Moraes:

*“O metaprojecto, por seu carácter analítico e reflexivo, se afirma portanto, como disciplina que se propõe a unir aspectos objectivos e subjectivos, primários e secundários, principais e derivados, materiais e imateriais de produtos e serviços. Ele nos auxilia, portanto, na compreensão do acto projectual como resposta às profundas necessidades das condições produtivas e projectuais contemporâneas e pode ser considerado em diferentes modos, buscando, assim, perseguir situações distintas enfrentadas pelos designers da actualidade.” (Moraes 2010)*

Para tanto, a diferença passa pelo alargamento do raio de análise, em vez de actuar de forma pontual no processo metodológico do Design. Faz-se necessário, compreender o significado de cenário, sendo um dos factores nas abordagens mercadológicas do processo metaprojecto.

Tendo em vista esta explicação inicial, julga-se relevante os parâmetros mercadológicos de Dijon de Moraes, acerca dos veículos estratégicos da abordagem do design. Segundo o autor, suportada por quatro pilares. São eles:

**1. Cenário, Visão e Concept:** Esta definição, contempla mais do que prever o futuro, perceber o significado de tentar antecipar o futuro como uma construção por parte de realidades, e fundamentalmente traçar e delinear cenários. Por conseguinte, o designer interfere nas definições do que pode ou ser relevante para a organização do cenário de projecto. O sentido do problema é construído à medida que o processo em design avança, podendo substituir várias soluções ou cenários, ou mesmo algo novo sobre a prática do design. Desta maneira, a primeira definição do termo cenário, foi introduzida em 1950 por H.Kaln, em que o cenário:

*“é a descrição de “possíveis cenários” alternativos, cujos escopos são os de estimular as concretas acções no presente como o intuito de procurar, controlar e orientar aquilo que será “o futuro de facto”. (D. D. Moraes 2010)*

Na verdade, o cenário é constituído por três componentes: “a visão, a mo-

tivação e as propostas conceptuais”, pelo qual Manzini chama de arquitetura do cenário;

*“A visão é a componente mais específica do cenário, ela responde questões de base: “Como seria o mundo se...? (...) A motivação é a componente de cenário que o legitima e confere-lhe significado, ela responde a pergunta: “Por que este cenário significativo? (...). Por fim, a proposta é a componente que confere espessura e consistência a uma visão, ela responde a perguntas: Como se articula concretamente a visão do conjunto? De que é composta? Como pode ser implementada?” (D. D. Moraes 2010, 40)*

Para responder a estas exigências, o cenário é o que dá vida a uma visão, que por sua vez, determina o conceito. Isto porque, o cenário é entendido como local onde ocorrem os factos, o espaço e a representação de percursos narrativos. Segundo Finizio, o cenário fornece directrizes em busca de mudanças;

*“Quem se ocupa de estudar os cenários interpreta as variáveis estratégicas, definidas como “megatrends”, úteis para entendermos como será o futuro próximo, que na nossa cultura tende sempre a aproximar, cada vez mais, do presente, por causa da mudança do conceito de tempo (...). É evidente que as hipóteses estratégicas prospectadas não se verificarão somente em uma direcção e, muitas vezes assistimos a paralelismos evidentes” (D. D. Moraes 2010, 41)*

Por último, o concept é considerado por uma possibilidade projectual, que nasce dentro das possibilidades encontradas por meio da visão:

*“A importância do concept consiste na inovação da proposta em relação à concorrência e na diferenciação tendo em vista a necessidade do consumidor” (D. d. Moraes 2010, 43)*

**2. Identidade:** As identidades, obtêm-se por conjunto de acções que fazem parte da integração entre o produto, produção, vendas e comunicação. Este conjunto de acções passa por posição defensiva à posição diferenciada, ou seja, a identidade determina sobre o perfil do artefacto, uma imagem conservadora, inovadora, de vanguarda, agressiva ou passiva, com o intuito de demonstrar posições de destaque em relação ao mercado.

**3. Missão:** A missão é o motivo da existência da empresa. Nasce sempre de uma ideia inicial, de uma intuição do produto, mercado ou de uma atitude empreendedora. Deve ser apresentada por uma coerência lógica, que

paralelamente estimula a sua própria construção e o seu posicionamento estratégico. Por sua vez, a missão deve ser alimentada pelas sucessivas ideias, de modo a traçar uma estrutura organizada e com finalidade.

**4. Posicionamento estratégico:** O posicionamento estratégico é uma das abordagens mais importantes no processo projectual. Os objectivos catalisam entre o início e o final do desenvolvimento dos novos produtos. São definidos parâmetros estratégicos que pretendem alcançar o público-alvo e o aumento de vendas. A intenção do posicionamento estratégico reflecte em novos mercados, com o objectivo fazer diferenciação da sua produção industrial. O uso desta vertente promove o envolvimento sistemático dos diferentes agentes de forma colaborativa. Esta, é uma necessidade e uma oportunidade de beneficiar a capacidade de resolução de problemas, objectivando o enriquecimento do projecto.

Dentro de uma perspectiva actual, a construção de interpretações pode contribuir de uma forma geral, para a compreensão de problemas e para a elaboração de novas visões transversais e outros campos de estudo. Neste sentido, a prática de cenários são construídos à medida que o processo em design avança, podendo e segundo Dijon de Moras, o metaprojecto aplicar o conceito para *“design do design”*, sendo aqui o design definido como uma área projectual de serviços, sistemas e produtos, *“bem como um agente transformador nos âmbitos tecnológicos, sociais e humanos”* (Moraes 2010, p.25).

### 6.3 O habitáculo como sistema produto

*“Home is where I want to be.”<sup>7</sup> (Maurizio Vogliazzo)*

7

“Casa é onde eu quero ser/estar”.  
Tradução realizada pela autora, 2011

O conhecimento de realidades existentes (cenário actual) ou prospectadas (cenário futuro), conduz a movimentos dinâmicos, que resultam de uma interferência conjunta, sendo o objecto de estudo o sistema de relações que ligam o produto a um contexto global. Neste sentido, sistema constitui como objectivo congregar uma visão compartilhada, considerando os aspectos sociais e humanísticos relevantes para a eficiência e implementação de um sistema produtivo, pois estabelece uma visão endogénica.

Segundo esta linha de raciocínio, dentro de uma prática de sistemas evolutivos que convergem temáticas contemporâneas, o tema habitar torna-se



num grande desafio diante de uma globalização emergente.

Dentro da abordagem estratégica do design, o conceito de sistema assume um marco importante e encontra com a natureza do habitar, um meio para permear os mais diversos fragmentos de projecto. O desenvolvimento deste estudo, posiciona-se sobretudo na disponibilidade em que o sistema identifica diferentes escalas em relação ao conceito habitar. Complementando esta lógica, a dinâmica do habitar apresenta-se como paradigma de interações, comprometidas com o território. A interdependência entre estas dimensões arquitecta o sentido de sistema, que por si só, relaciona o crescimento e o desenvolvimento de diferentes propostas.

É possível afirmar com base nos textos de Manzini (2004) e Raffaella Trochianesi (2008), que as novas “*experiências de consumo*” no território oferecem sistemas que são necessários como modelos de novas necessidades contemporâneas. A configuração de artefactos, tradições, manifestações culturais, é considerada como inputs de inovação para a concretização de sistemas da habitação.

A necessidade de promover sistema-produto no contexto habitar, prende-se com a transversalidade disciplinar em design, de modo a não se incidir numa única forma de pensar e projectar o habitáculo. Parte-se da noção, que hoje, o designer não projecta apenas sob uma tipologia, mas sim um sistema articulável, que envolve no projecto, o produto, o serviço, a comunicação e a experiência (figura 64 a 68).

De facto, no decorrer dos tempos, a questão da habitação quando aplicada a cenários evolutivos ou quando esta serve para presenciar novas formas de estar e viver, aponta para territórios de oportunidade. Ou seja, a reflexão e a experimentação sobre o habitat está longe de ser novidade (figura 69 a 71), no entanto, a sociedade constitui como fenómeno estratégico, em que permite constituir fluxos de sistemas abertos. A estratégia, objecto do agir estratégico (Zurlo, 2010) manifesta vários aspectos teóricos e práticos, sob outros nomes: *design thinking*, *design strategy*, *business design*, *design managent*. O produto-sistema, é portanto, um facto complexo, aberto, que inclui diversos pontos de vista, modelos interpretativos e várias perspectivas disciplinares.

Neste contexto, é importante delimitar o campo de sistema nesta análise. Aqui é possível estabelecer uma ligação entre uma atitude participativa e o co-autor (utilizador), dentre os quais, o sistema possibilita universos viáveis

às necessidades da sociedade actual.

Segundo Yona Friedman, é fundamental os territórios desenvolverem mecanismos de atribuição de apropriação por parte do utilizador, ao *sistema produto*, no qual permitirá a confluência de directrizes que representam um contributo relevante na conjuntura das questões sociais. Destaca-se, a importância de projectar habitáculos portáteis, desmontáveis, flexíveis, sobretudo, vistos como uma evolução social urbana, onde a sistémica entre a função, equipamento e utilizador é variável. À medida que estes três universos vão mudando, os modos de interacção também modificam, o que tem incutido um certo espírito nómada. Como ponto primordial para o habitáculo, as funções fornecidas pelo equipamento e pelas necessidades, apontam a transitoriedade e o movimento, como factores, que expressam claramente, ambientes informais, de carácter móvel, declarados como espaços multifuncionais, ou por outro lado, circunstâncias transitórias (figura 72 a 75).

Neste âmbito fazer referência a comunidades nómadas, conduz para a definição actual das sociedades, que por ousadia ou por necessidade, não têm localização específica, permanente, associando várias vezes o território como plataforma experimental. Estes nómadas, *“especialistas do atravessamento de fronteiras”*, *“go-betweens”* por opção e obrigação, desenvolvem formas que se baseiam na relação entre a mobilidade e a condição humana. Este fenómeno é comum em cidades amplas e socialmente difusas, que resultam intercâmbios e intervenções em suportes efémeros, sobrepostos e relacionados com a desfragmentação social.

Assim, parece que a tendência ao nível da flexibilidade nos espaços domésticos, reside hoje principalmente, na possibilidade do equipamento, permitir várias funções, das quais se adapta melhor às situações momentâneas, como a interacção entre o domínio público e privado:

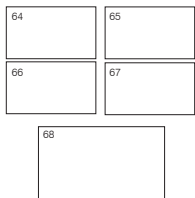
*“(...) a casa é um serviço. Se a minha “casa” deixa de ser contentor sensível do meu vivido e se torna cada vez mais para todos, intercambiáveis, no nosso emigrar contínuo, igual em cada um dos bairros dormitórios aos quais a procura do trabalho me leva, pode tornar-se pública e ser potencialmente um “serviço” cujo “acesso” seja garantido a todos os cidadãos e não apenas um bem próprio.” (Paolo Deganello)*

Deste modo, encontra-se a representação de um espaço em contínua evolução e transformação que se alarga e escolhe os limites da forma, dese-

nho, em que o indivíduo procura o recurso a estratégias semânticas das novidades impostas “*pela comparação contínua entre o próprio saber (o que se conhece) e a explosiva realidade da alteridade (o que se desconhece)*”. (Milano 2005, 73)

No entanto, o advento de uma cultura global acarreta valores necessários para a construção de novos bens materiais, capazes de construir produtos mais sustentáveis, relacionados para actos instintivos, que rapidamente oferecem respostas à reconstrução daquilo que para cada indivíduo é fulcral.

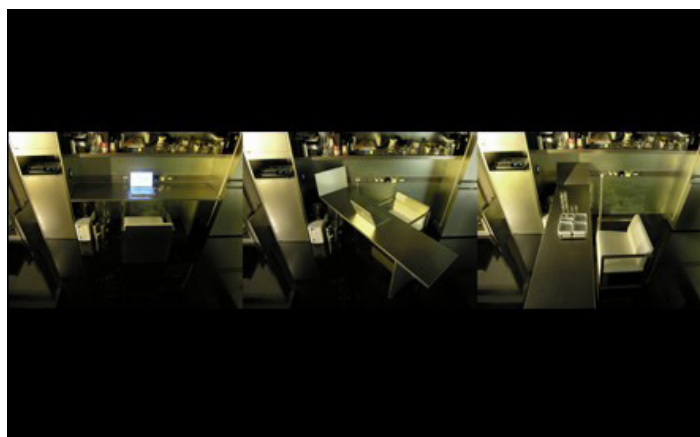
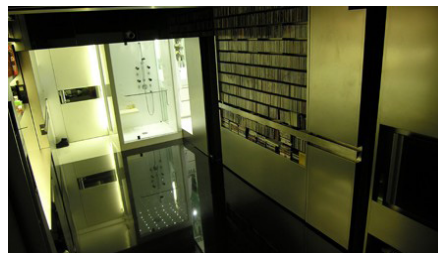
Portanto, segundo ópticas na área do Design, é importante desenvolver sistemas capazes de analisar, reunir e construir narrativas determinantes na procura de cenários flexíveis (figura 76 e 77), por meio da antropologia cultural. O design constitui assim, um contributo para a reflexão teórica, tal como cenários de experiências, rumo a novas consciências críticas sob o entendimento de formas e funções que possam ser (re) adaptadas para um novo contexto, onde os sistemas “*se poderão metamorfosear em novos paradigmas*”. (Ana Grácio, 2010)



| Fig. 64 a 68

Gary's Apartment M-2007

fonte: <http://www.edge.hk.com/en/projects.php?cat1=6&id=63>

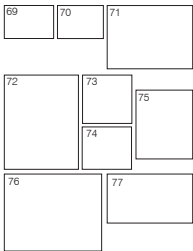




**| Fig. 69 a 71**  
Vertical Home, Andrea Branzi, 1994.  
fonte: <http://www.vandasye.com/?cat=1014>

**| Fig. 72 a 75**  
Lit clos, Bouroullec, 2000.  
fonte: <http://www.bouroullec.com/>

**| Fig. 76 e 77**  
Incubator, Andrea Branzi, 2007.  
fonte: <http://www.inspirationcuisine.com/actualite/living-kitchen-de-veneta-cucine/>





## Considerações Intermédias

*“ De qualquer modo, do que tenho certeza é que desenhar um lugar para habitar significa desenhar, ou pelo menos supor que se está a desenhar de cada vez, uma espécie de templo, um lugar fechado com os limites determinados pela nossa capacidade de respirar.” (Ettore Sottsass)*

No decorrer desta investigação, pode afirmar-se que a habitação é por excelência o ponto de partida para a discussão, enquanto resposta viável às emergências das cidades do século XXI. Assume-se enquanto reflexão inicial, cuja oportunidade é suportada pela revitalização de espaços construídos nos centros históricos das cidades. Considerando o espaço habitável como um lugar de experiências, o estudo analisou as relações que assentam hoje, num conjunto de questões sociais, culturais e sobretudo económicas. Neste sentido, a análise sob uma lógica interdisciplinar, apoiou-se na tentativa, de perceber em que medida os espaços poderiam ser estimulados por uma visão multifuncional, podendo atender simultaneamente a várias categorias; trabalho e habitar. Este estudo revelou também que pode variar consoante as ideologias dos utilizadores, que por sua vez, as modificações operadas nos espaços impõem o objecto como interface da relação com o utilizador.

Além disso, foi referenciado nos capítulos 4,5,6 que pensar e estimular criatividade nesta problemática, necessita sobretudo de um pensamento sistémico, enquanto potenciador de objectivos estratégicos. É o pensamento estratégico dentro do acto de pensar design, que capacita recriar fluxos, intervenções, cenários com um maior grau de flexibilidade.

Como facto disciplinar, o termo flexibilidade foi evidente ao longo do estudo, pois a percepção permitiu pensar que hoje pode ser visto como um processo intrínseco à prática de novos lugares para habitar. O design, por seu lado, em permanente interacção com a problemática, orientou-se pela descrição tipológica de vários projectos ao longo da história do Design.

Teóricos, como Joe Colombo, Andrea Branzi, Rem Koolhaas, Peter Hall, Richard Florida, Ezio Manzini, chamaram atenção para o facto de a disciplina do design corresponder às complexas demandas das relações existentes nas sociedades actuais. Por outro lado, o design atingiu uma capacidade “tríplice” de reconhecer os recursos disponíveis e de implementar as estratégias adequadas. (Manzini)





## Parte III

### Proposta de intervenção através do Design

A cidade de Aveiro foi seleccionada no âmbito de projecto, por se tratar de um território com vista a progressos autónomos e experimentais quanto à re-funcionalização urbana, como a necessidade da análise e aplicação de modelos de diversos contextos. Outra razão, prende-se com o facto da avenida Dr. Lourenço Peixinho tratar-se de um espaço emergente à procura de diversas soluções. A investigação do objecto de estudo, baseia-se na informação recente, com vista a construir características actuais da cidade segundo:

- *A nível demográfico*, a presença por uma forte dinâmica urbana, com uma densificação de 219 habitantes/km<sup>2</sup>;
- *A nível económico*, a importância exponencial de uma economia sustentável, constituída por uma rede de interligações económicas, industriais, sociais, que permitem um aumento do Município;
- *A nível educacional*, onde a Universidade de Aveiro possui um alvo de influência territorial na região, potenciando diversas sinergias;
- *A nível do planeamento*, várias artérias relevantes do Município encontram-se territorialmente em devoluto.

#### 1.1 A Avenida Dr.Lourenço Peixinho: base para a construção de um cenário

A primeira referência do concelho de Aveiro, surge em documento, datado de 26 de Janeiro de 959, do qual a Condessa Mumadona Dias doa ao Mosteiro de Guimarães, “*Sui terras in Alavario et Salinas*”, sendo esta a mais antiga forma que se conhece do topónimo de Aveiro.

O Município de Aveiro situa-se na Região Litoral Centro e é a capital do distrito de uma região económica e socialmente desenvolvida. Delimitada a norte pelo distrito do Porto e a sul pelo distrito de Coimbra, com uma localização excepcional voltada para o Atlântico, Aveiro é uma das mais industrializadas do país, é limitada a norte pelo município de Murtosa (seja através da ria de Aveiro, seja por terra), a nordeste por Albergaria-a-Velha, a leste por Águeda, a sul por Oliveira do Bairro e a sudeste por Vagos e por Ílhavo.

A Região Centro assume uma posição estratégica na estruturação nacional, no entanto é um município territorialmente descontínuo, visto que compreende algumas ilhas na ria de Aveiro. O município faz limites terrestres e



aquáticos municipais através da Ria com Ílhavo, Estarreja e Murtosa. A sua tradição está ligada ao mar não só pela sua proximidade a este, mas também devido à Ria de Aveiro que se estende com os seus canais por várias ruas da cidade, realizando ainda hoje várias actividades relacionadas com o mar. O facto de estar muito presente a ria, leva a que parte da população esteja ligada a actividades marinhas e piscatórias, sendo ainda potenciadora de factores económicos, sendo o sal, ainda o bem de troca desta cidade. Nos finais do século XVI, inícios do século XVII, a população Aveirense assistiu ao encerramento do canal, devido à instabilidade da Ria. Devido a este facto, assistiu-se a uma redução de habitantes, visto que muitos emigraram com o objectivo, de melhores condições de vida e de habitabilidade, criando uma profunda crise económica. Já, em 1759 por D. João I, Aveiro é elevada a cidade, sendo caracterizada por a cidade de Nova Bragança. Nos séculos XIX e XX, começaram a nascer arquitectura da Arte Nova, que reflectiu de certa forma, o recomeço do desenvolvimento daquela região, estimulado pelo Estado Novo.

Actualmente, a cidade de Aveiro continua no seu ritmo de desenvolvimento e progresso, sendo o desafio persistido pelo Campus Universitário, do qual a cidade envolveu-se num forte rejuvenescimento devido ao número elevado de estudantes que passaram a viver e habitar na cidade, tornando a Universidade de Aveiro numa constante evolução futurista.

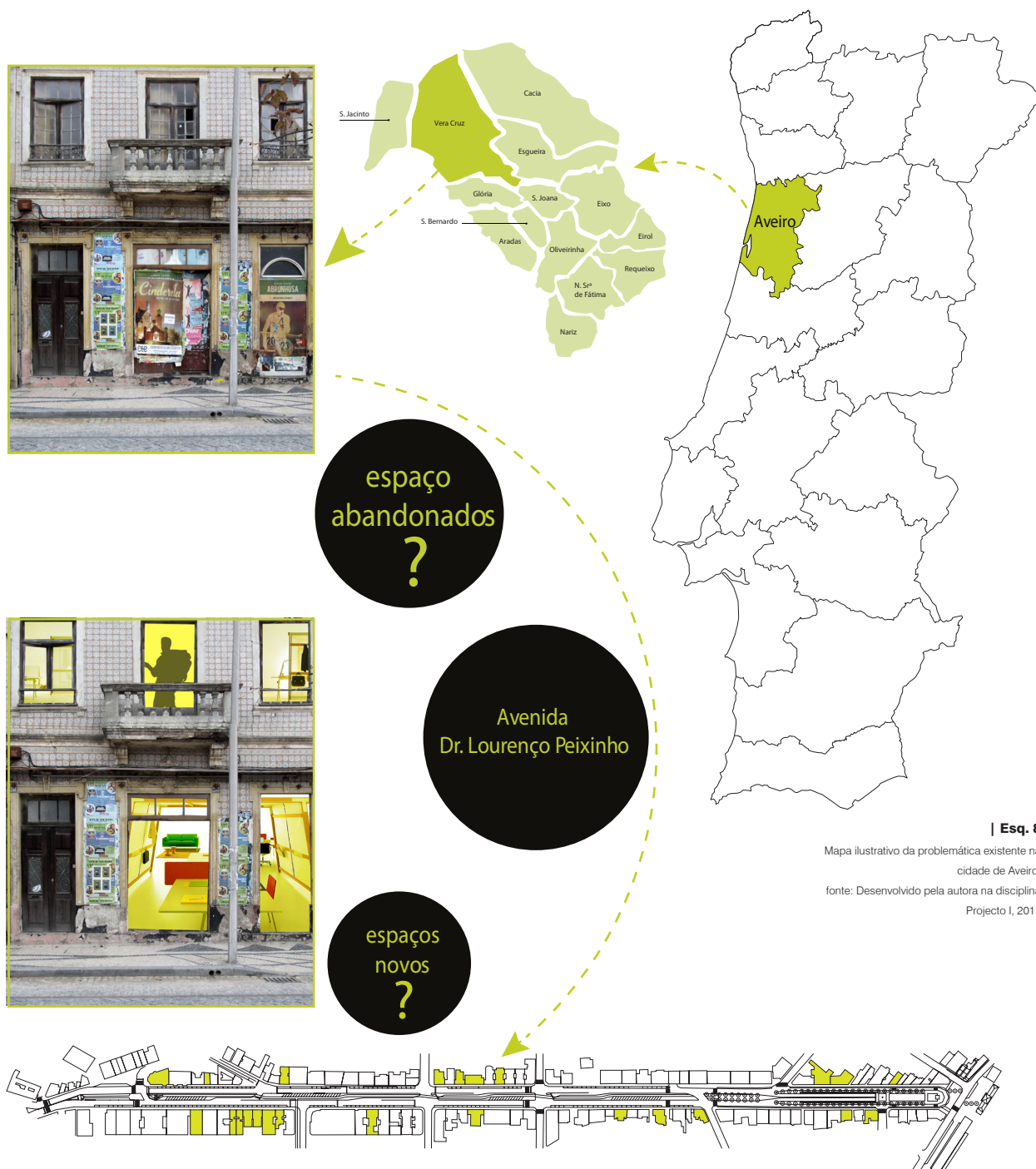
Tendo em vista a escolha da artéria principal da cidade de Aveiro, Avenida Dr. Lourenço Peixinho, o objectivo centra-se fundamentalmente, desenvolver cenários hipotéticos da envolvente, que conectam futuras intenções referentes aos espaços em devoluto.

Tratando-se de uma avenida que nas primeiras décadas do século XX, criou progressos significativos no âmbito do projecto habitacional, mas que ao longo de anos, a paisagem urbana tem tomado modificações, iniciando por campos e quintais, com elegantes moradias, seguindo-se com prédios de três andares e posteriormente, de seis e sete andares.

Neste contexto, inicialmente a avenida Dr. Lourenço Peixinho procurava ser uma alameda, onde poderia ocorrer a interacção de diversas sinergias sociais. Segundo Rosa Oliveira, no seu discurso da cidade, argumenta que com o decorrer dos anos, a avenida foi palco de actividades destinadas ao comércio e aos serviços públicos, delimitando o espaço residencial por excelência, convertendo-se apenas num pólo dirigido a actividades comer-

ciais e de trabalho em geral.

A existência de um estado crise na vida da Avenida Dr. Lourenço Peixinho (esquema 8), leva à decadência da habitação e cria a descontinuidade de interações que poderiam tomar este espaço como um todo dinâmico (Oliveira 1999). Neste sentido, parece justo repensar a Avenida, de modo a evitar lugares de escoamento social, com o intuito de desenvolver novas linguagens como soluções à questão da habitação.



## 1.2 Construção da problemática - habitação universitária

Considera-se essencial dar seguimento a novas formas de usar e de fazer a habitação universitária, através das apropriações e dos significados que se atribui segundo vários estádios de relacionamento com esta mesma. Desta forma, e numa ampla recusa à universidade tal como se hoje conhece, considera-se que estas instituições ligadas a espaços físicos diferenciados e a uma multiplicidade de formas de uso, são proeminentes em compreender a diversidade de estudantes actuais, como a procura de circunstâncias e encontrar soluções para resolver os problemas em relação às residências de estudantes.

Muitos pertencem a uma época de transição, em que se interage numa multiplicidade de posicionamentos relativos às Universidades, e ao novo carácter de compreensão da relação do estudante com o seu espaço. Porém, existe uma desfragmentação conceptual neste âmbito, no sentido em que estes pólos de conhecimento, são também considerados como espaços de viver e habitar, na perspectiva de uma existência própria do lugar. A um outro nível, a questão da desfragmentação, transporta inevitavelmente para uma definição arbitrária do conceito da habitação universitária, no entanto, prevalece a reflexão sobre o espaço universitário enquanto *“produto de vivências, mero suporte para a movimentação social e expressiva, conjunto de símbolos e significações que mais não são do que o prolongamento da nossa experiência quotidiana”*. (Lopes s.d.) O mesmo autor menciona que as escolas urbanas podem ser cenários de interacção, onde exploram os contextos mais íntimos da interacção, como a sua especificidade de cenários.

No entanto, o espaço universitário desenvolve uma pluralidade de interesses e estratégias, cuja dimensão espacial associa-se a uma multiplicidade de leituras:

*“ Para cada jovem estudante, a escola possuíra centros de atracção mas também de repulsa: locais familiares e próximos mas também outros que suscitam estranheza e distância; locais de solidariedade e lugares de estigmatização e segregação; locais que se apropriam, que se dominam e onde se domina e locais onde se é dominado; locais que se “conquistam” e locais que se “defendem”; locais de “repressão” e locais de “emancipação”; locais de presença obrigatória e locais “facultativos” ou “optativos”, locais*

de “desejo” e locais que não se desejam; locais fora do espaço (utopias) e muitos espaços incongruentes e fragmentários dentro do mesmo local (heterotopias). (Lopes s.d., 11)

A territorialidade da universidade concebe com efeito, as vivências, memórias, transformando o espaço num “campo semiótico”, aberto a inúmeras leituras, relacionadas com a acção social, para que os estudantes sentem, pensem, usem e representem o sentido ao espaço escolar “ que oferece ao mesmo tempo a expressão e a significação da quotidianidade da vida social”

Assim, os movimentos estudantis são pautados por uma diversidade social, onde advêm de diversas realidades que anteriormente eram menos palpáveis ou inexistentes. Também, são consideradas neste universo, a consciência de uma participação colectiva, como a sua visibilidade na representação dos próprios estudantes. Numa complexidade da sociedade moderna, os estudantes aparecem como potenciadores de mudanças sociais, como a mobilização da dinâmica social.

Nesta conjuntura, as residências de estudantes (figura 78 a 82) da cidade de Aveiro situam-se, na sua grande maioria, no Campus Universitário, existindo algumas residências dispostas pela Cidade e a poucos minutos da Universidade. A UA dispõe um complexo residencial, localizado no campus de Santiago e do Castro, constituído por 21 blocos de residências. São espaços equipados com cozinha, lavandaria e salas de estudo.

Com base no resultado de uma pesquisa de campo, que englobou técnicas como: questionários, observações directa, fotografia bem como de uma pesquisa bibliográfica específica sobre Aveiro, conclui-se que a zona, Avenida Dr. Lourenço Peixinho, é um espaço com bastante potencial, para a construção de lugares universitários. Esta zona é constituída por quarteirões entre as ruas Dr. Alberto Souto e Eng.Oudinot, que fazem a transição entre a metade poente, onde predominam os serviços, e a metade nascente onde predomina a habitação. Ao longo da Avenida, verifica-se a existência do comércio ao nível do piso térreo, embora seja perceptível que o tipo de comércio sofreu grandes alterações, evidenciando um comércio virado para lojas de chineses. No relatório “*Levantamento de Usos do Edificado e Inquérito aos Moradores*”, é perceptível que ainda existe 19 edifícios desocupados, sendo que a maioria corresponde a edifícios da primeira metade do século XX.



| Fig. 78 a 82

Residências Universitárias da Universidade de Aveiro

fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=231273>

**| Ord. 2**

Quadro explicativo de diversos usos (serviços, comércio, habitação, armazenagem e restauração e empreendimento turístico) na Avenida Dr. Lourenço Peixinho da cidade de Aveiro.

fonte: Câmara Municipal de Aveiro, 2011

Segundo o relatório “*Levantamento de Usos do Edificado e Inquérito aos Moradores*” disponível pela Câmara Municipal de Aveiro, percebe-se que a habitação e o comércio representam percentagens semelhantes (40%), pelo qual a habitação em devoluto corresponde a uma maior número de fracções desocupadas. (quadro 2)

Usos por fracção			
	USO	FRACÇÕES	RESULTADOS
serviços	ocupados	386	39% de serviços
	desocupados	63	14% vagos
comércio	ocupados	218	24% de comércio
	desocupados	61	22% vagos
<b>habitação</b>	ocupados	332	35% de habitação
	<b>desocupados</b>	<b>78</b>	<b>19% vagos</b>
restauração		16	1,4%
empreendimento turístico		3	0,3%
armazenagem		3	0,3%
<b>TOTAL</b>		<b>1160</b>	

Usos por área			
	USO	ÁREA	RESULTADOS
serviços	ocupados	51563	42% de serviços
	desocupados	9587	19% vagos
comércio	ocupados	21569	16% de comércio
	desocupados	2183	9% vagos
<b>habitação</b>	ocupados	44175	38% de habitação
	<b>desocupados</b>	<b>10986</b>	<b>20% vagos</b>
restauração		2900	2,0%
empreendimento turístico		1371	0,9%
armazenagem		641	0,4%
<b>TOTAL</b>		<b>144975</b>	

Ou seja, a existência de habitação vaga (22%) faz-se sentir sobretudo na freguesia da Vera Cruz e na Avenida, subindo para (27%), sendo difícil a recuperação imediata pelo estado de degradação dos edifícios, o que tem afastado a vontade de intervir por parte dos investidores. Por outro lado, é nesta zona que o mercado de arrendamento é mais forte, em que o alojamento universitário terá rondado (31%), bastante superior aos nacionais (21%).

Prosseguindo a questão da problemática, a estratégia de aplicação de sistemas flexíveis em lugares devolutos na avenida Dr. Lourenço Peixinho passa pela contextualização dos sentidos domésticos no âmbito universitário. Desta forma, existe aspectos importantes para a construção de espaços evolutivos, que apelam às necessidades dos estudantes contemporâneos, sendo estes caracterizados por uma informalidade na questão: de como habitar um espaço transitório:

*“ Se perguntarmos a jovens de 25 até 35-40 anos: “ O que é que tu pretendes?” responderiam: “um espaço vazio onde haja só água, luz e gás e eu vou tratar do resto”. (Pierluigi Nicolin)*

Estamos perante a libertação do doméstico, em que esta relação expressa um síndrome contemporâneo “*anti-arquitectónica*”, com o objectivo de

alcançar uma arquitectura mais viva, pelo qual, estamos diante de um desmantelamento de hiper-especialização do habitar (Pierluigi Nicolin).

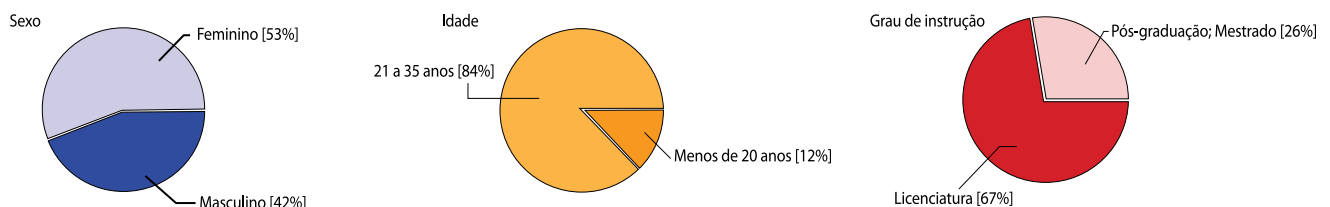
Inicialmente, realizou-se um questionário aos jovens universitários (43 pessoas inquiridas) da cidade de Aveiro, interrogando-os sobre a escolha dos espaços e equipamentos habitacionais, como os atributos pertinentes para a realização de espaços multifuncionais de baixo-custo. O material do questionário foi organizado em gráfico e as informações foram relacionadas aos conteúdos expostos com o intuito de estabelecer possíveis análises de intervenções a nível da habitação doméstica.

Em geral o número de entrevistados (gráfico 1) foi equilibrado entre o sexo masculino (42%) e feminino (53%).

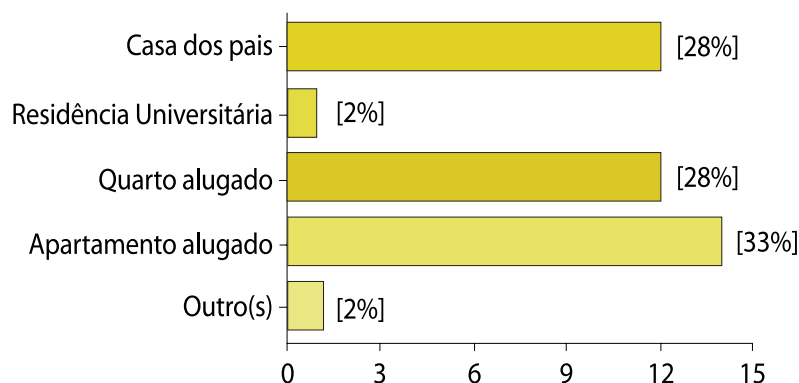
| Gráf. 1

O número de entrevistados, a idade e o grau de instrução.

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



Apesar de o número ser inferior à expectativa criada para o questionário, permitiu perceber que ambos os sexos se preocupam com o bem-estar do seu ambiente doméstico. Relativamente ao tipo de espaços escolhidos para habitar durante o ano lectivo, os jovens nomearam os apartamentos alugados (33%), seguidos também e com uma percentagem igual (28%) quartos alugados e casa dos pais. Pela resposta (gráfico 2), significa que à partida são espaços limitados pelas suas funções (cozinha, sala de estar, quarto, hall de entrada).



| Gráf. 2

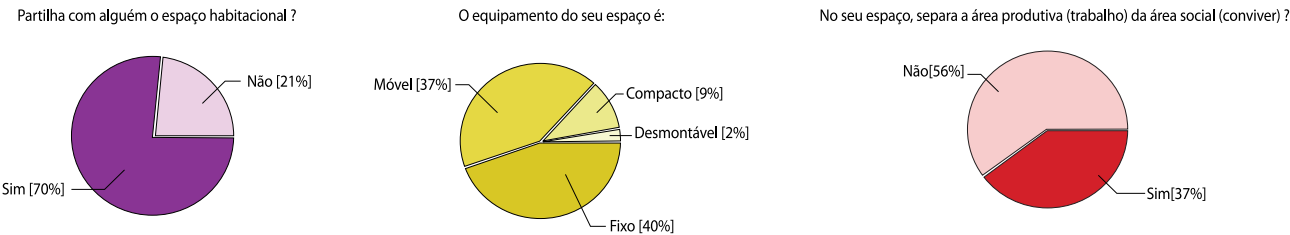
Percentagem relativa à escolha do espaço habitacional

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



Por outro lado, foi referido que a base de custo por apartamentos alugados é a partir dos 130 euros sem despesas (mensalmente), havendo casos a atingir 400 euros. Este aspecto é importante para o estudo da investigação, pois enuncia um aspecto crucialmente relevante para a contemporaneidade. Isto porque, é patente os valores estabelecidos por entidades privadas, o que condiciona a liberdade de escolha, como às necessidades dos estudantes. Assistimos a espaços pré-formatados, com equipamentos fixos (40%), o que limitam a liberdade às tarefas dos estudantes (gráfico 3).

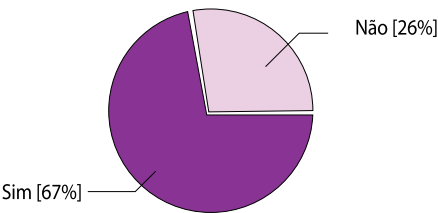
**| Gráf. 3**  
Percentagem relativas às questões colocadas no inquérito.  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



Também, observa-se que existe a urgência de alterar o equipamento (56%), sendo o reflexo da atitude do estudante (gráfico 4). O próprio equipamento é importante para o desempenho das actividades, como também os conceitos; acolhedor (48%); flexibilidade (28%); movimento (28%); modernidade (30%); diversidade (35%) e aberto (40%) como factores principais para a construção de espaços adaptáveis ao percurso académico.

**| Gráf. 4**  
Percentagem relativa à urgência de alterar o equipamento.  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011

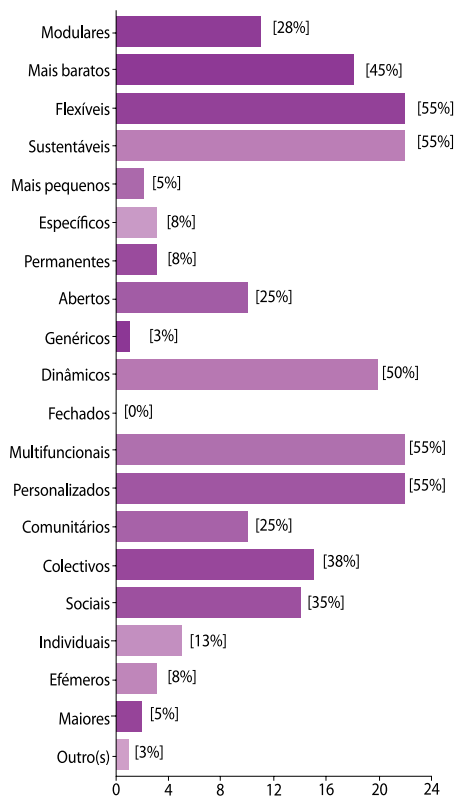
O equipamento do seu espaço desempenha mais que uma função ?



Outros pontos a ser destacados pelo questionário é a partilha do espaço habitacional (70%); a partilha do espaço produtivo (56%) e a separação da área produtiva da área social (56% resposta não). Verifica-se que algumas actividades são conjuntamente executadas por mais que dois elementos, sendo relevante para a execução, equipamentos flexíveis, que possam desempenhar mais que uma função (gráfico 4). No segmento da análise dos dados, os entrevistados consideram parâmetros interpretativos ligados ao conceito de flexibilidade, sendo as variá-

veis; mobilidade (70%), versatilidade (60%), eficiente (57%) adaptabilidade (55%), transformação (40%) a ser destacadas como factores de desenvolvimento para múltiplos espaços (gráfico 5).

Num cenário futuro, os espaços habitacionais na cidade de Aveiro seriam, na sua opinião:

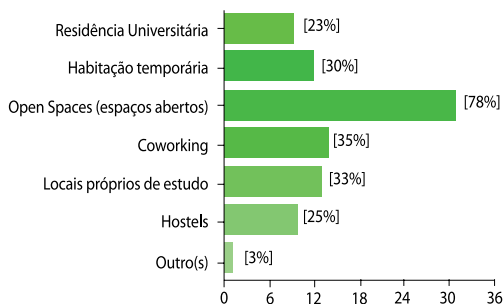


| Gráf. 5

Percentagem relativa à importância das características relevantes, face aos espaços habitacionais.

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011

Na sua opinião, a cidade de Aveiro deveria ter mais:



| Gráf. 6

Percentagem relativa quanto aos desejos dos entrevistados, relativos aos futuros espaços na cidade de Aveiro.

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011

Assim sendo o cruzamento destes universos (gráfico 6), permitem a criação de diferentes características, o que é necessário pensar no retorno dessas características e no diálogo entre o equipamento, utilizador e espaço arquitectónico. Desta forma, questiona-se de como é aplicado estas características no equipamento e no espaço.

Os conceitos citados devem ser pensados segundo lógicas sociais, em que a flexibilidade está ligada à liberdade de organização espacial e na



capacidade de usufruir o equipamento de várias possibilidades sem que mude o sistema e os elementos construtivos. Nesta vertente, é importante referir que o espaço da habitação pode ser relacionado com diversas actividades profissionais e domésticas. Cada prática requer indícios diferentes, como a localização no tecido urbano e a relação entre as diferentes áreas de habitação. As actividades a serem desenvolvidas na esfera doméstica são essenciais para o desenvolvimento de equipamento e da área útil.

Neste sentido, podemos dividir espaços consoante as tipologias de trabalho, no entanto a forma como os espaços domésticos estão dispostos, não permitem liberdade às exigências dos estudantes contemporâneos.

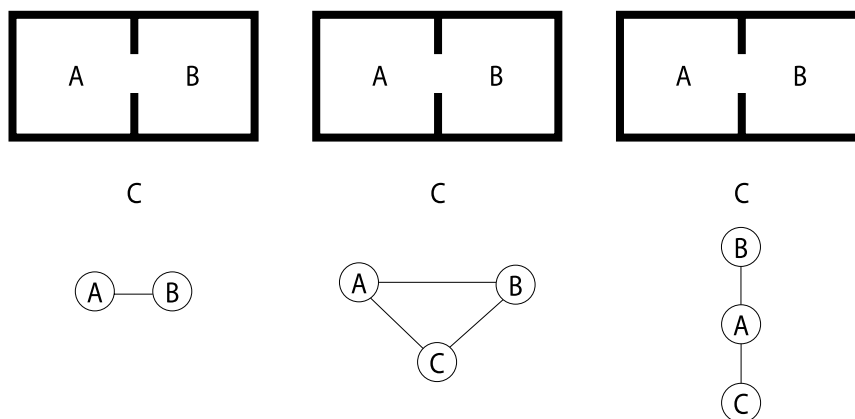
Este capítulo visa caracterizar a metodologia aplicada na análise espaço-flexível. Para objectivar esta questão foi necessário utilizar uma metodologia que seja capaz de interpretar as relações sociais num contexto físico. Neste âmbito, destaca-se a metodologia Sintaxe Espacial, do inglês “*Space Syntax*” de Bill Hillier e Julienne Hanson, que compreende a relação entre os atributos sociais e espaciais. Esta metodologia, baseia-se na forma como o ser humano utiliza e entende o espaço construído. Em “*The Social Logic of Space*”, Bill Hillier e Julienne Hanson, afirmam que os valores sociais são um aspecto intrínseco nos espaços construídos, visto que as cidades e os edifícios são espaços organizados para atender as necessidades.

*“O espaço não pode ser entendido simplesmente como uma forma geométrica, mas sim um conjunto de potenciais geométricos cada qual tendo a sua própria geometria que se relaciona como o funcionamento do ser humano.” (Hillier, 1998)*

Com vista, a compreender como as zonas de interacção podem ser representadas, descritas e analisadas, pode-se observar no esquema 9, a existência de uma relação espacial. Há relação, quando existe qualquer tipo de ligação entre áreas. Estes espaços, definem em função da permeabilidade existente na configuração espacial, reflectindo no uso do espaço, o grau de permeabilidade, associada à acessibilidade física e visual e portanto à capacidade de promover ou condicionar o relacionamento entre os utilizadores.

Como refere Hanson, a configuração espacial é analisada com base em relações de natureza topológica, designadas por relações sintácticas. Desse modo, as figuras representam um edifício elementar composto por duas células ou espaços, com as mesmas dimensões e com uma abertura entre

ambos, estabelecendo uma relação de permeabilidade. Pode-se observar na figura 1 (esquerda) no esquema 9, que existe apenas relação entre dois espaços, A e B. Relativamente à figura 2 (centro), verifica-se que, além dos dois espaços A e B estarem ligados, estabelecem diálogo com um terceiro espaço C. Quanto à figura 3 (direita), a permeabilidade é mais reduzida, visto que os espaços B e C apenas estabelecem relações com o espaço A.

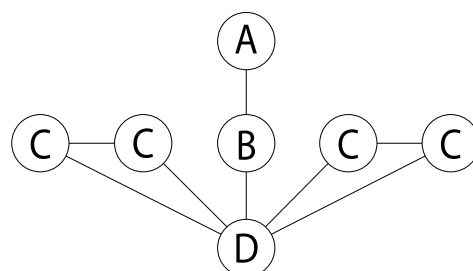


| Esq. 9

Relações sintáticas existentes nos espaços.  
fonte: Hillier, 1998

Estas interpretações, exploram numa perspectiva sociológica, o conceito de limite, as relações e as diferenças entre os espaços interiores e exteriores e as relações entre o público e o privado. Argumenta-se, a partir das ideias de autores, principalmente de Bill Hillier, Thomas Markus e Julienne Hanson, que a relação existente entre o espaço e a sociedade é o critério mais acessível para a distinção das identidades dos diversos tipos de espaço. A consistência de propriedades nestes lugares é aferida ao se considerar, uma tentativa de subversão do espaço. Utilizando esta técnica, desenvolveu-se critérios conceptuais que consistem numa primeira fase identificar cada espaço funcional e transicional com o sector doméstico. Em seguida, observar espaços a serem potenciados para a formação de conjuntos contínuos e por fim, desenvolver análises sintáticas que visam caracterizar as configurações possíveis dos espaços domésticos.

Perante esta classificação, Hillier (1998) classifica o tipo de espaços (esquema 10), que forma conjuntos contínuos:



| Esq. 10

Tipo tipológico dos espaços.  
fonte: Hillier, 1998

Espaços:

A – só têm uma ligação

B - Tem mais do que uma ligação e faz parte de um sistema ramificado

C – Tem mais do que uma ligação e faz parte de um sistema circular

D – Tem mais do que duas ligações e faz parte de pelo menos dois sistemas circulares

Neste âmbito, é importante referir que esta vertente sintáctica faculta uma consciência sobre as variáveis espaciais, conseguindo representar dinâmicas viáveis aos utilizadores. No entanto, um dos factores a ter em conta é a privacidade. O conceito de privacidade invoca possibilidade de controlar de diferentes maneiras as interações com outras pessoas. A privacidade é um conceito universal, de modo a ser utilizada consoante os distintos sistemas sociais.

De forma a adaptar esta metodologia nas vantagens da habitação associada ao contexto universitário, há a consciência de adquirir abordagens aplicadas ao conceito de flexibilidade isolado e associada a outros conceitos como:

- **Mobilidade;** implica rápidas modificações dos espaços de habitação, consoante as actividades diárias. Para tal, o artefacto deve deslocar-se facilmente pela habitação, segundo a necessidade do momento.

- **Adaptabilidade;** capacidade do artefacto mudar ao longo do seu ciclo de vida. A adaptabilidade é potenciada por meio de mecanismos e sistemas que integram facilmente a situações específicas.

- **Modulação;** permite facilitar a reconfiguração do espaço, podendo ser ajustável de acordo com as necessidades do utilizador. São considerados componentes flexíveis que facultam a optimização e a redução de gastos, podendo o mesmo componente ser utilizado na construção de diversos equipamentos.

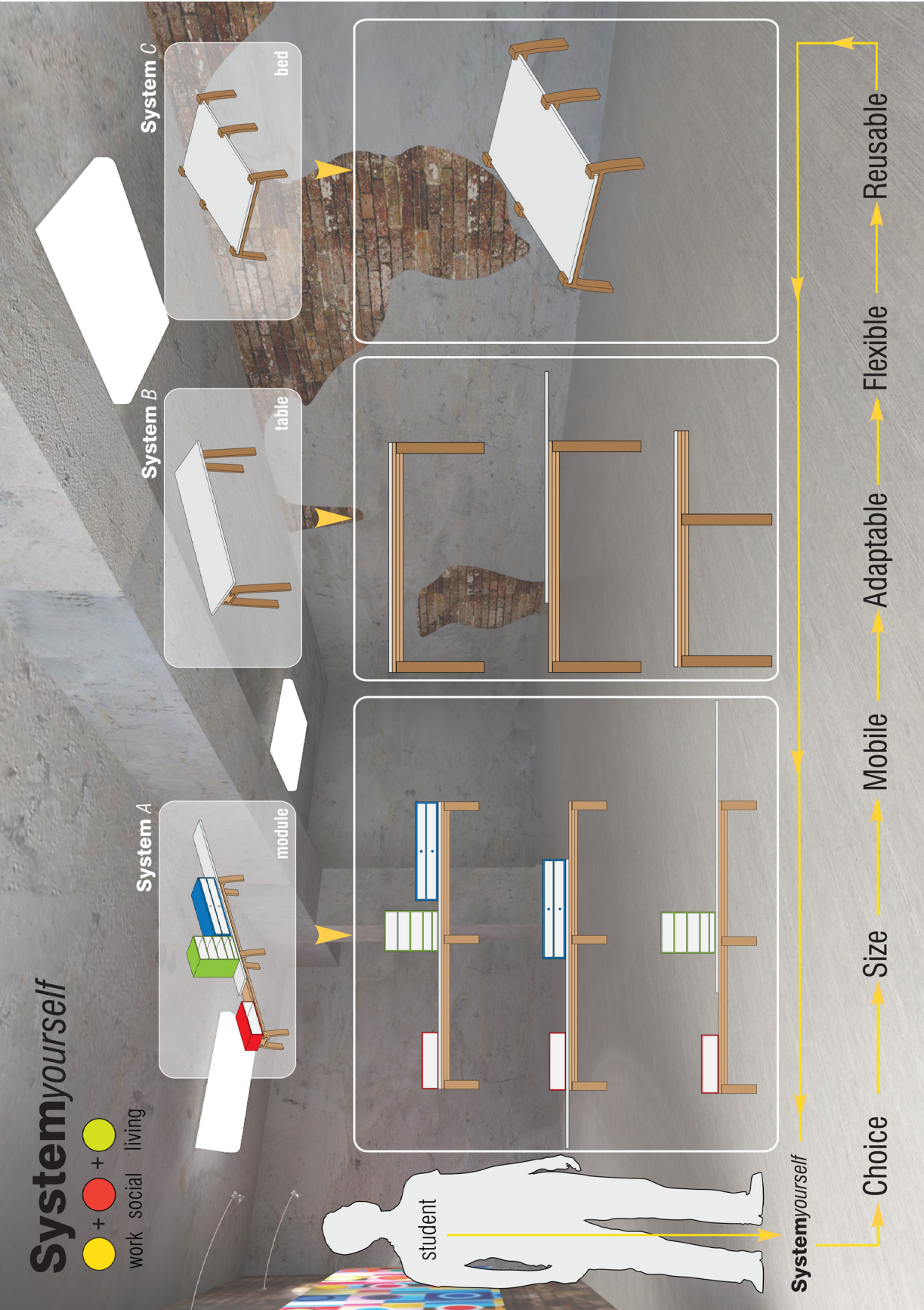
- **Multifuncionalidade;** pode ser entendida em duas vertentes, a primeira diz respeito ao artefacto multifuncional por permitir diferentes funções, sejam elas sobrepostas ou realizadas independentemente. A segunda vertente diz respeito ao artefacto que apresenta multifuncionalidades, pela indeterminação de usos. Isto é, o equipamento não rege por uma função, mas apresenta ao utilizador condições para conferir diversos usos.

Com estes conceitos, é possível promover unidades adaptáveis, dentro da ideia de maximizar e transformar o espaço disponível, possibilitando a sua

realização em qualquer lugar; em antigas áreas industriais, novas zonas residências, blocos habitacionais ou mesmo nos edifícios já existentes. A combinação destas ideologias incentiva novos núcleos habitacionais, através de habitação colectiva, gerando ambientes densos, solucionando conceitos de permanência, de agregado familiar, de privacidade, de tempo, de trabalho, de lazer e dos modos de habitar.

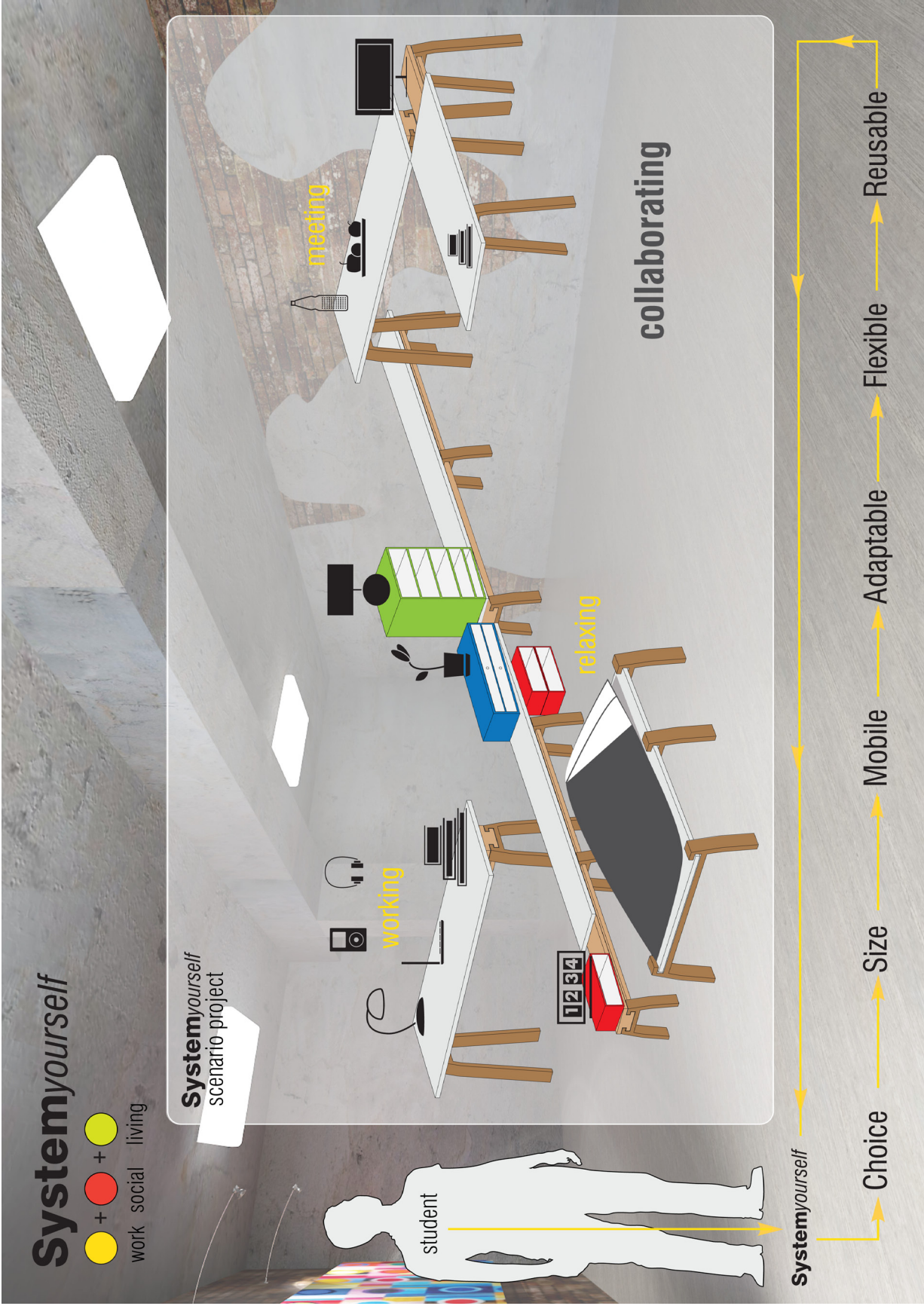


1.3 Cenário de Projecto - *Systemyourself*















**| Cenário Systemyourself**

Modelado em 3D, no âmbito da disciplina Projecto II. Exemplo ilustrativo em espaços abandonados da Avenida Dr. Lourenço Peixinho. Desenvolvido pela autora, 2011













## Parte IV

### Considerações Finais

*“ A nós, jovens cultos e instruídos não interessava dizer e ensinar às classes menos abastadas como habitar e vestir-se, interessava-nos trazer a sua maneira desconsagrada de habitar para dentro da arquitectura.” (Paolo Deganello)*

A investigação que teve como objectivo propor uma estratégia de pesquisa em design sobre o habitar flexível no âmbito universitário, sustentando a importância da presença de um mediador, o designer, promotor de diálogos entre os espaços evolutivos e as necessidades emergentes que neles interagem. Espera-se com a produção desta Dissertação uma contribuição para o debate da complexidade da vida moderna que traga realidades contemporâneas para a discussão da habitação e do equipamento, respondendo às necessidades actuais.

A análise desenvolvida reflecte sobre a constante mutação de hábitos, modos de vida, comportamentos, em que o cenário-projecto procura tocar em matérias pouco exploradas. Ficou evidente, contudo, o esforço em não esgotar as intenções da dissertação na análise e na contextualização da problemática, em que permitiu a aplicabilidade do Design em torno do problema: espaços abandonados, resultando num cenário, que na generalidade apresentou capacidades de solucionar conjunturas levantadas pelas exigências dos utilizadores.

Diante do resultado, acredita-se que os conceitos explorados tenham sido evidenciados como elementos capazes de produzir e organizar conhecimento relevante à construção de futuras estratégias de pesquisa no âmbito do design estratégico.

Pode-se afirmar, que o modelo de análise junto ao território de Aveiro evidenciou de uma forma geral, impressões globais que os entrevistados têm em relação ao espaço doméstico, explorando a dimensão das necessidades de uma forma individual e colectiva. Pelo facto de existir uma pressão nas responsabilidades em relação aos espaços abandonados e políticas habitacionais, revelou-se essencial fazer uma separação e distinção entre a produção habitacional e as intenções para o espaço habitacional. Neste sentido, esta dissertação assume-se enquanto oportunidade para questio-



nar estes espaços enquanto pontos de partida para a discussão de soluções de baixo-custo para os estudantes da cidade de Aveiro. Tal iniciativa terá necessariamente de depreender-se de sistemas de orientação que pretendem garantir continuidades em relação à problemática da habitação, sobretudo numa altura em que as intenções do espaço habitacional estão relacionadas com questões de ordem social, económica e política.

Considerando a habitação por excelência, como um lugar de identidades e relações, o estudo analisou a relação que existe entre o utilizador e o objecto doméstico em vários contextos, na tentativa de explorar em que medida este poderia ser um estímulo de relações imediatas de carácter público e privado, para além de dotar zonas habitacionais com equipamentos flexíveis que facilitem, promovam e fortaleçam as relações entre comunidades. De facto, espera-se que este padrão de análise seja vantajoso para fenómenos de baixo-custo entre as tipologias e usos habitacionais, que não devem ser colocados de parte, pois existem utilizadores com ideais de vidas alternativas e que necessitam de propostas adaptáveis às realidades em que se encontram. Os exemplos apresentados ao longo da investigação salientam com clareza, tais mudanças de percepção que os tempos assim ditam, como a realização em qualquer lugar. A combinação destes sentidos e o número elevado de projectos que o design pode contribuir, a exemplo o cenário *Systemyourself*, introduz o conceito de meta-projecto na elaboração de estratégias de pesquisa no âmbito do território. Assim sendo, e para perceber a relação actual do equipamento doméstico com o utilizador, realizou-se um questionário, que sublinhou parâmetros; adaptabilidade, versatilidade, diversidade entre outros, como indicações imprescindíveis num espaço habitacional, traduzindo percepções eficientes que ilustrem espaços dirigidos aos estudantes actuais.

Diante dos desafios colocados na investigação, entende-se que o trabalho tenha conseguido articular e mostrar a aplicação do pensamento sistémico, como forma de relacionar diversas vertentes da problemática, aplicando os conhecimentos do design aos futuros projectos de transformação do espaço doméstico. Sobre as propostas de intervenções apresentadas e exploradas nas disciplinas de Projecto I e Projecto II, é importante destacar o carácter ilustrativo de cada proposta, uma vez que o foco da pesquisa não é os resultados finais, mas sim um processo de concepção e aplicação do modelo de análise conceptual, caracterizado pelo processo metaprojecto

(cenário). Por sua vez, o contributo para a cultura do projecto consiste em conceitos vinculados a um projecto articulável com as Universidades, que visa relacionar os estudantes, e acima de tudo, experiências habitacionais em prol de melhorias de lugares em desuso. Neste sentido, as abordagens em design, são propostas possíveis e aplicáveis, no entanto, dependem de esforços colectivos, atitudes empreendedoras e visões integradas no sentido de realizar espaços fomentados para os estudantes. Em relação ao espaço doméstico, as exigências apontam para uma maior procura de artefactos que possibilitam várias utilizações, e que permitem mudanças mais versáteis aos utilizadores, como forma de adaptação aos novos estilos de vida. Por conseguinte, a habitação será sempre um factor centralizador da existência humana, onde são delineadas estratégias para a execução de elementos articuláveis, de forma a economizar o espaço e perspectivar elementos multifuncionais. Presentemente, procura-se artefactos que permitem mobilidade espacial, em que o design tende principalmente para referências portáteis, cujo produto integra propriedades de ordem versátil e flexível.

Por fim, a consolidação da problemática e do design, permite observar as transformações existentes nos territórios, tornando possível à medida que acreditamos que a cidade ainda representa a expressão máxima da comunidade, mas sem dúvida, a fonte de oportunidades que possam oferecer, para um desenvolvimento humano sustentável com o espaço habitado. O acto de potencializar as transformações em reinterpretações domésticas executa uma atitude co-participativa, percebida pelos usos quotidianos e pelas conjunturas sociais. Entende-se que o estudo é uma obtenção de informações diversas, com o intuito de entender o que ocorre no contexto actual e no futuro, gerando dados, reflexões e artefactos que contribuam para soluções versáteis e ajustáveis às próprias escolhas dos utilizadores.



## Limitações de Estudo

Tendo em vista a complexidade do espaço doméstico como objecto de análise, podemos referir que uma pesquisa de diversos pareceres sociais, se faz frágil pela impossibilidade de dar forma a artefactos que traduzem a multiplicidade das variáveis sociais. Como qualquer análise neste âmbito, a metodologia de investigação seleccionada encerra em si limitações, que são consideradas como factores da própria investigação.

A dissertação não pretendeu ser um estudo exaustivo em torno da problemática e do desenvolvimento das cidades do século XXI. Por esta razão, as limitações do trabalho são de várias ordens. Como exemplo, a subjectividade do método de análise das entrevistas, que devem ser tomadas em consideração aquando a apreciação dos seus resultados. Também, é de salientar as fragilidades de respostas por parte dos entrevistados, como o desequilíbrio numérico (43 entrevistados), considerando como limitação, o que pode ter reflectido na profundidade das respostas. À medida que a investigação avançou, a dificuldade na pesquisa da informação técnica sobre as conjunturas sociais estabelecidas na esfera doméstica, também se fez notar. Factor que pode atribuir uma limitação, dada a dificuldade de controlo sobre estas variáveis.

Por fim, a proposta de cenário elaborada neste estudo não chegou a ser implementada, como a produção de protótipos, impossibilitando a viabilidade da proposta.

## Perspectivas para futuros âmbitos de aplicação

Dada a velocidade com que sucedem os acontecimentos na sociedade contemporânea, a selecção de uma estratégia em design, depende significativamente da complexidade de informações que fomentam um profundo conhecimento sobre a problemática apresentada; *produto-sistema na habitação universitária*.

Neste sentido, recomenda-se que a investigação seja desenvolvida com apoios distintos, de maneira a facilitar a viabilidade do projecto para a cidade de Aveiro. Também, recomenda-se que haja envolvimento por parte de entidades governamentais com o território estudado, com o objectivo de fornecer informações e de estabelecer contactos participativos para possíveis intervenções no território. Verifica-se, também a importância do aperfeiçoamento e a continuidade deste estudo a um nível mais avançado,

nomeadamente num programa de doutoramento, dentro de uma abordagem sistémica. É necessário, sobretudo enquadrar numa pesquisa onde apontam novas dialécticas para cultura do projecto, proporcionando focos de inovação e diferenciação na análise dos territórios.

## Referências Bibliográficas

- Ábalos, Iñaki. *A boa-vida: Visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: GG Diseño, 2001.
- Antonelli, Paola. *Workspheres: Design and Contemporary Work Styles*. New York: MOMA, 2001
- Arendt, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993.
- Ascher, François. *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos*. Um léxico. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- Augé, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Editora 90 Graus, 2007.
- Bahamón, Alejandro, Cañizares, Ana. *IGLU: da arquitectura vernácula à contemporânea*. Lisboa: Argumentum, 2008.
- Bártolo, José. *Corpo e Sentido. Estudos Intersemióticos*. Covilhã: Livros Labcom, 2007.
- Baudrillard, Jean. *Le système des objets*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.
- Bauman, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Becker, Franklin. *Offices at work: uncommon workspace strategies that add value and improve performance*. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.
- Bourdin, Alain. *O urbanismo depois da crise*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.
- Boys, Jos. *Towards Creative Learning Spaces: Re-Thinking the Architecture of Post-Compulsory Education*. 2011.
- Brandão, Pedro. *O Sentido da Cidade: Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, LDA, 2011.
- Branzi, Andrea. "La Quarta Metropoli: design e cultura ambientale." In *The Fourth Metropolis: design and environmental culture*, de Andrea Branzi, p.11-18. Milan, 1991.
- Cacciari, Massimo. *La città*. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2009.
- Castells, Manuel. *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- Domingues, Álvaro. "Habitar Território-uma visão geográfica." In *Do Habitar*, de Maria Milano, 92,93. Porto: Edições ESAD, 2005.
- Ferrara, Lucrécia D'Alessio. "A mobilidade como contradição do espaço urbano." julho/Dezembro de 2010: 165-177.
- Finizio, Gino. *Design e management: gestire l'idea*. Ginevra/Milano: Ed. Skira

ra, 2002.

Florida, Richard. *The Rise of the Creative Class. And How it is transforming work, leisure, community and everyday life*. New York, USA: Basic Books, 2002.

Freitas, Marília. *Cidadania: Futuro das cidades discutido na Internet*. 3 de Março de 2011. [http://jpn.icicom.up.pt/2011/03/23/cidadania\\_futuro\\_das\\_cidades\\_discutido\\_na\\_internet.html](http://jpn.icicom.up.pt/2011/03/23/cidadania_futuro_das_cidades_discutido_na_internet.html) (acedido em Março de 2011).

Furtado, Gonçalo. *Notas sobre o espaço da técnica digital*. Lisboa: Mimesis, 2002.

Giddens, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

—. *O Mundo na era da Globalização*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

—. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Gilles Lipovetsky, Jean Serroy. *A Cultura-Mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. Edições 70, 2010.

Gorjão, Jorge. *Lugares em Teoria*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

Hall, Peter. *Cities in civilization: culture, innovation, and urban order*. London: Phoenix Giant, 1998.

Heller, Eva. *A psicologia das cores: como actuam as cores sobre os sentimentos e a razão*. Barcelona: GG Diseño, 2007.

Innerarity, Daniel. *A sociedade invisível*. Lisboa: Editorial Teorema, 2009.

—. *O novo espaço público*. Lisboa: Teorema, SA, 2010.

Jean Rémy, Liliane Voyé. *A cidade: rumo a uma nova definição?*. Porto: Afrontamento, 2004.

Koolhaas, Rem. *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

Krucken, Lia. *Design e Território: Valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

Lefèbvre, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.

Lopes, João Teixeira. *"As escolas urbanas como cenários de interação - um estudo sobre práticas culturais estudantis."* Tese de Mestrado apresentada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa sob o título Tristes Escolas - Um estudo sobre práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano, Lisboa.

Lynch, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1988.

Luhman, Niklas. *Sistemas sociais: Lineamientos para una teoría general*. Anthropos, 1998.

- Masi, Domenico de. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- Meel, Juriaan Van. *The European office: office design and national context*. Rotterdam, 2001.
- Mike Press, Rachel Cooper. *El diseño como experiencia: El papel del diseño y los diseñadores en el siglo XXI*. Barcelona: GG Diseño, 2009.
- Milano, Maria. *Do Habitar*. Porto: Edições ESAD, 2005.
- Milton Santos, Maria A. de Souza, Maria L. Silveira. *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- Miranda, Alberto Souto de. *A revitalização da Avenida Lourenço Peixinho: notas para uma estratégia e um programa*. 04 de Outubro de 2008. <http://www.salinas.pt/node/980> (acedido em Março de 2011).
- Moraes, Dijon de. *Metaprojecto - o design do design*. São-Paulo: Edigard Blücher Ltda., 2010.
- Oliveira, Rosa Maria Silva Lopes. "O discurso da cidade: leituras da avenida Lourenço Peixinho -Aveiro." Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses, apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro, 1999.
- Paola Bertola, Ezio Manzini. "Design Multiverso. Appunti di fenomenologia del design." In Design Multiverso. Appunti di fenomenologia del design, de Ezio Manzini Paola Bertola, p.15-21. Milano: Polidesign Editore, 2004.
- Papanek, Victor. *Arquitectura e Design: ecologia e ética*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- Patrão, Paulo Gil Crespo Saraiva. "Aveiro - Cidade e arquitectura (uma) leitura do espaço urbano." Prova Final. Departamento de Arquitectura. Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2000.
- Perec, Georges. "Habitar o Território - uma visão geográfica." In Do Habitar, de Maria Milano, 93. Porto: Edições ESAD, 2005.
- Portas, Nuno. *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.
- Porter, Michael. *Estratégia e Vantagem Competitiva*. Lisboa: Planeta de Agostini, 2007.
- Rybczynski, Witold. *Home: A short history of an Idea*. USA, 1986.
- Santos, Boaventura de Souza. *Globalização Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento, 2001.
- Santos, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Edusp, 2007.
- . *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- Sassen, Saskia. *The Global City*. New York, London, Tokyo. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1991.



- Schwartz-Clauss, Mathias. *Living in Motion: Design and Architecture for Flexible Dwelling*. Vitra Design Museum, 2002.
- Sennett, Richard. *A corrosão do carácter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, 1999.
- Slavid, Ruth. *Micro very small buidings*. London: Laurence King Publishing, 2007.
- T.Hall, Edward. *A dimensão oculta*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Tafari, Manfredo. *Projecto e Utopia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Távora, Fernando. *Da organização do espaço*. Porto, 2006.
- Team, Ghent Urban Studies. *The urban condition: space, community, and self in the contemporary metropolis*.
- Touraine, Alain. *A sociedade post-industrial*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- Tschimmel, Katja Christina. "Sapiens e Demens no pensamento criativo do design." Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 2010.
- . *Processos Criativos. A emergência de ideias na perspectiva sistémica da criatividade*. Porto: Edições ESAD- Escola Superior de Artes e Design, 2011.
- Wolfgang, Jonas. *Design research and its meaning to the methodological development of the discipline*. 2007.
- Xavier, Beatriz de Oliveira. "Cidades e Globalização: Germinar urbanidades, solidarizar os espaços." IV Congresso Português de Sociologia. 1-14.
- Zurlo, Francesco. "Design del Sistema Prodotto." In: Bertola, Paola; Manzini, Ezio. *Design multiverso: appunti di fenomenologia del design*. Milano: Edizione POLIdesign, 2004. p.79, 132

## Anexos

### | Anexo 1

Aspecto do questionário, desenvolvido na disciplina Projecto I.  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



### SISTEMAS FLEXÍVEIS: da ideia à concretização de novos cenários habitáveis. Inquérito (5 minutos)

Universidade de Aveiro | Departamento de Comunicação e Arte | Mestrado em Design  
Responsável pela investigação: Sónia Baptista

**Instruções:**  
Este trabalho destina-se a contribuir para a pesquisa intitulada: "Sistemas flexíveis: da ideia à concretização de novos cenários habitáveis". Esta análise faz parte do trabalho de dissertação de Mestrado em Design desenvolvido junto à Universidade de Aveiro. Pretende-se estudar o perfil dos estudantes universitários e os seus espaços de relax; produtivo e social.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

**Sexo**

☐ Masculino

☐ Feminino

#### 2.7 Aponte hábitos que, em sua opinião, fazem parte da rotina do seu espaço:

(escolha uma ou múltiplas respostas)

- ☐ Actividade física /desportiva
- ☐ Trabalhos de grupo
- ☐ Festas e/ou momentos de convívio
- ☐ Actividades de forte concentração mental
- ☐ Explicações
- ☐ Trabalhos que impliquem actividades pesadas
- ☐ Actividades lúdicas (escultura; xadrez; pintura; fotografia; olaria)
- ☐ Teletrabalho (trabalhar a partir de casa)
- ☐ Actividades produtivas (culinária; computador; etc.)
- ☐ Outro(s)

#### 2.7.1 Se seleccionou outro, indique qual:

#### GRUPO3 | 3.1 No seu espaço, separa a área produtiva (trabalho) da área social (conviver)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

#### 3.1.1 Partilha o espaço produtivo com alguém?

- ☐ Sim
- ☐ Não

#### 3.2 Em média quantas horas usufrui do seu espaço produtivo?

2 horas

#### 3.3 O equipamento (mesa; sofá; estirador; cadeira) do seu espaço desempenha mais que uma função?

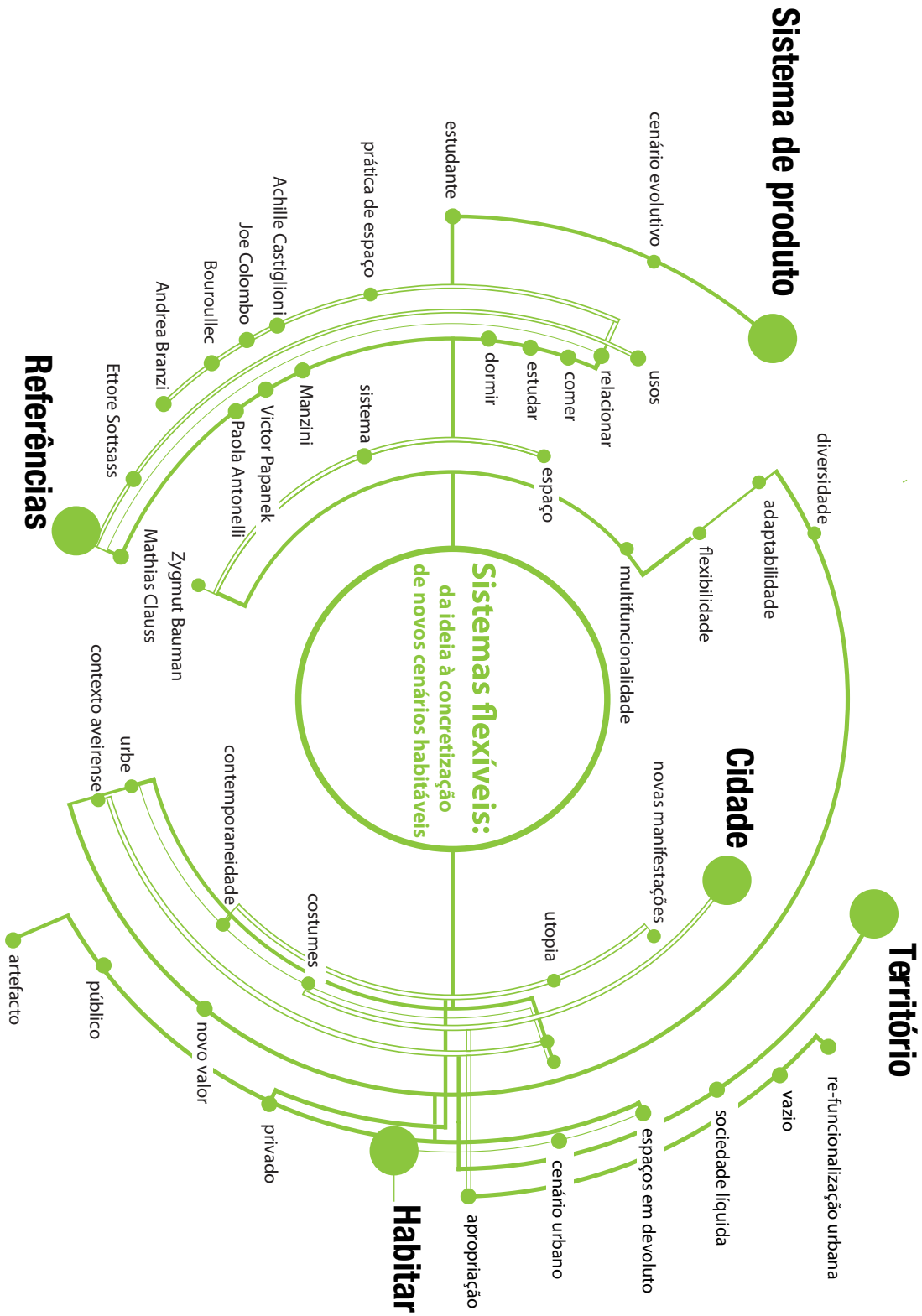
- ☐ Sim
- ☐ Não

#### 3.4 Em que local, sente-se mais confortável para desempenhar uma actividade produtiva (estudar; trabalho; etc.)?

Anexo 2

Mapa conceitual - pesquisa inicial da problemática, desenvolvido na disciplina Design Interação.

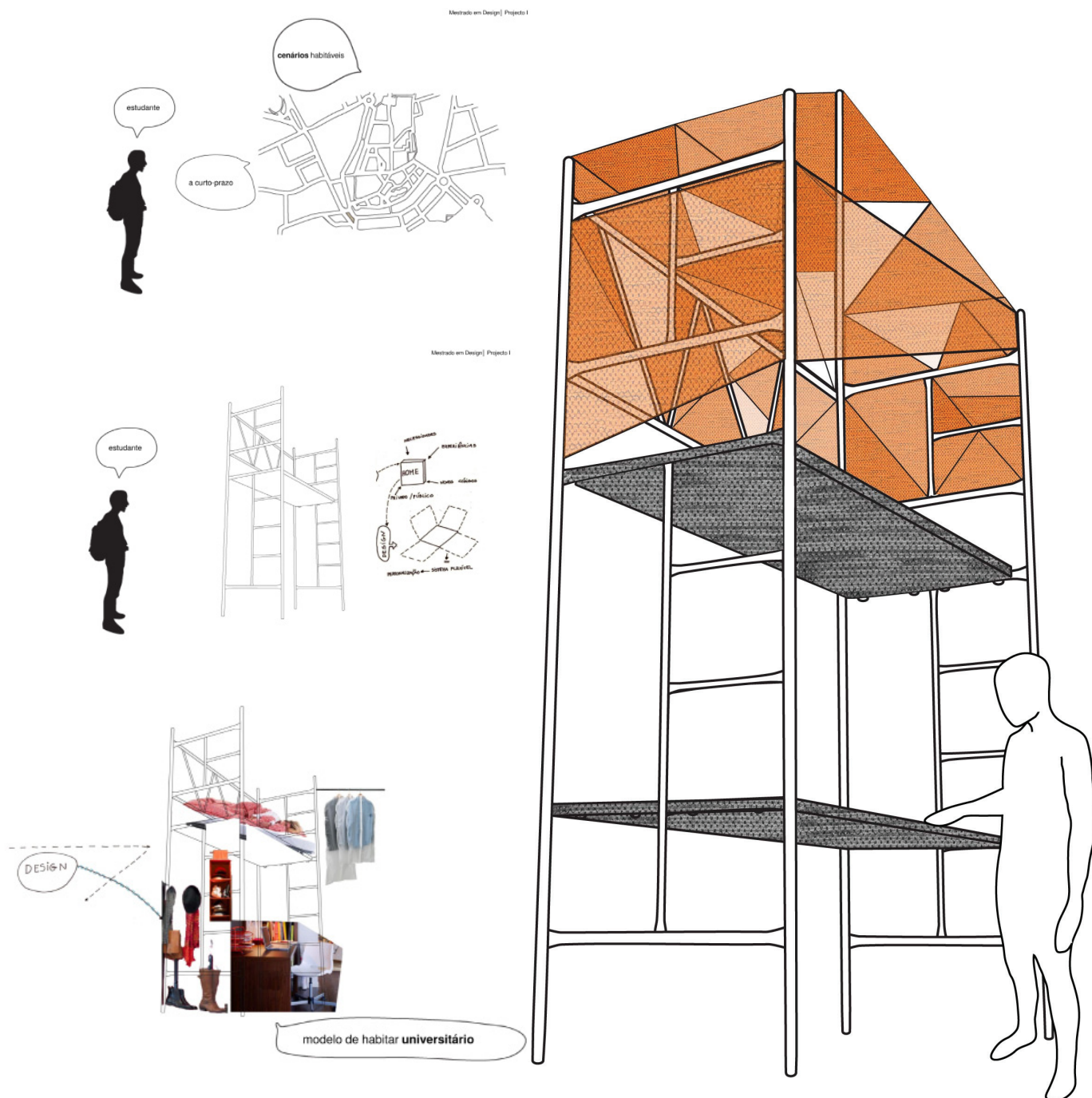
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



## | Anexo 3

esboços iniciais para a construção de sistemas flexíveis, desenvolvido na disciplina Projecto I

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011





Anexo 4

Cenário de projecto - desenvolvido na disciplina Projecto II  
fonte: Desenvolvido pela autora, 2011



| Anexo 5

Cenário de projecto - desenvolvido na disciplina Projecto II

fonte: Desenvolvido pela autora, 2011

